



HISTÓRIAS ASSUSTADORAS PARA CONTAR À NOITE

Editado originalmente por
STEPHEN JONES

Ilustrado por
RANDY BROECKER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



HISTÓRIAS ASSUSTADORAS PARA CONTAR À NOITE

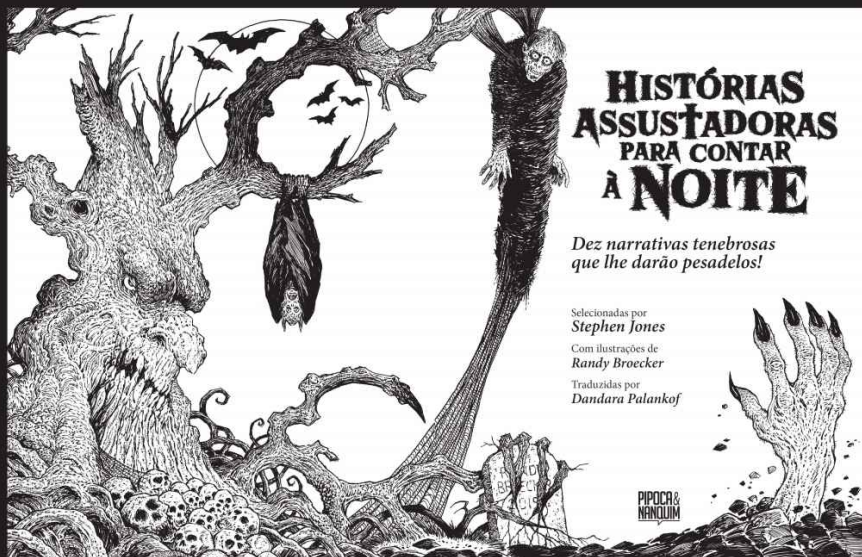
Editado originalmente por
STEPHEN JONES

Ilustrado por
RANDY BROECKER



HISTÓRIAS ASSUSTADORAS PARA CONTAR À NOITE

PIPOCA &
NANQUIM



HISTÓRIAS ASSUSTADORAS PARA CONTAR À NOITE

*Dez narrativas tenebrosas
que lhe darão pesadelos!*

Selecionadas por
Stephen Jones

Com ilustrações de
Randy Broecker

Traduzidas por
Dandara Palankof

PIPOCA &
NINQUIM

© Stephen Jones 2019, 2021, para a edição original e coleção.
© Randy Broecker 2019, 2021, para ilustrações da capa e do miolo.
© Pipoca & Nanquim 2021, para a edição brasileira.

Aqui Há Tigres gentilmente cedido
pela EDITORA OBJETIVA LTDA.

Tradução de Louisa Ibañez,
copidesque de Bruno Fiuza e
revisão de Joana Milli

© Objetiva, 2011, 2021 para a versão brasileira.

Tradução:
Dandara Palankof

Preparação de texto:
Alexandre Callari

Letras e diagramação:
Arion Wu

Revisão:
Ana Carolina Salinas

Capa:
Guilherme Barata

Assistentes de edição:
Rodrigo Guerrino e Gabriela Yuki Kato

Edição:
Alexandre Callari

Direção editorial:
Alexandre Callari, Bruno Zago e Daniel Lopes

Setembro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673Histórias assustadoras para contar à noite / Neil Gaiman et al. ; tradução por Dandara Palankof. – São Paulo : Pipoca & Nanquim, 2021.

Coletânea de contos dos autores Ramsey Campbell, R. Chetwynd-Hayes, Neil Gaiman, Charles L. Grant, Stephen King, Lisa Morton, Lynda E. Rucker, Robert Shearman, Michael Marshall Smith e Manly Wade Wellman.

ISBN: 978-65-89912-43-9

1. Literatura de horror – contos fantásticos. 2. Antologia. I. Palankof, Dandara.

CDD: 82-344
CDU: 813

André Queiroz – CRB-4/2242

**PIPOCA &
NANQUIM**

pipocaenanquim.com.br
youtube.com/pipocaenanquim

[instagram.com/pipocaenanquim](https://www.instagram.com/pipocaenanquim)
pipocaenanquim@gmail.com



Sumário

[Introdução](#)

Stephen Jones

[Clique-Claque, o Saco de Chocalho](#)

Neil Gaiman

[Monstro de Fabricação Caseira](#)

R. Chetwynd-Hayes

[A Dama de Lado](#)

Lynda E. Rucker

[Aqui Há Tigres](#)

Stephen King

[A Chaminé](#)

Ramsey Campbell

[Escola para os Inomináveis](#)

Manly Wade Wellman

[O Sorriso da Vovó](#)

Robert Shearman

[A Química dos Fantasma](#)

Lisa Morton

[O Homem que Desenhava Gatos](#)

Michael Marshall Smith

[Vocês Têm Medo do Escuro?](#)

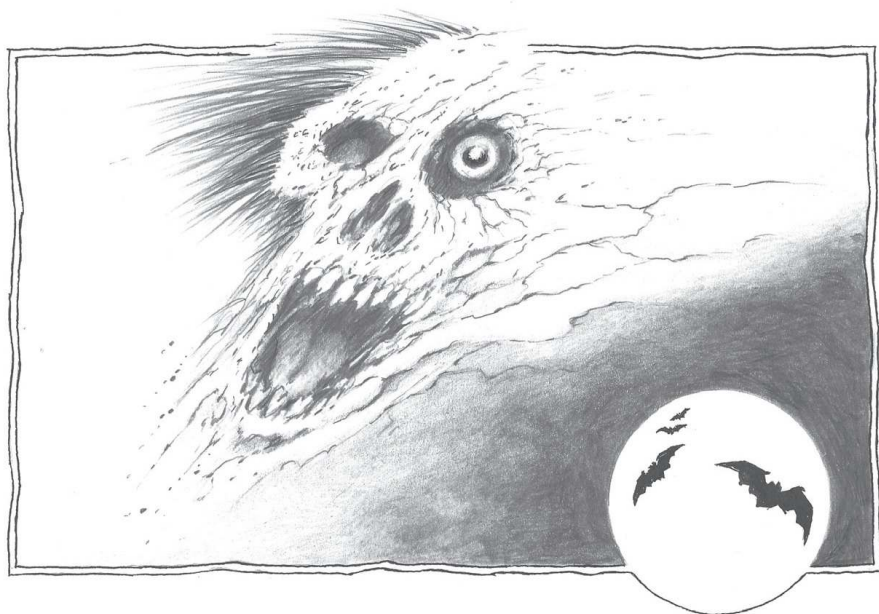
Charles L. Grant

[Agradecimentos](#)

[Sobre o Editor](#)

[Sobre o Ilustrador](#)





*"Here comes a candle to light you to bed,
And here comes a chopper to chop off your head!"*
— Tradicional cantiga de ninar inglesa

("Aqui está uma vela para iluminar seu caminho ao deitar,
E aqui vem um cutelo para sua cabeça cortar!")



Introdução

ESTOU AVISANDO. As histórias deste livro são assustadoras. Assustadoras *mesmo*! Então, não venha reclamar comigo se, depois de lê-las, você não conseguir dormir porque elas o deixaram perturbado. Problema seu. A pista está no título do livro.

Porém, se você gosta de sentir medo, se ama fantasmas, monstros ou velhas vovozinhas maldosas, então este livro é para você! Nas páginas a seguir, você vai encontrar todas essas coisas e muito mais...

Você provavelmente conhece Neil Gaiman, autor dos *best-sellers* *Coraline* e *O Livro do Cemitério*. Em *Clique-Claque*, o *Saco de Chocalho* ele nos apresenta o monstruoso Clique-Claque, vindo da escuridão para desaparecer com aqueles que não estão prestando atenção... e beber suas *entranhas*.

Rodney encontra um descendente do Doutor Frankenstein que está tentando a sorte como fabricante de monstros, na bem-humorada história *Monstro de Fabricação Caseira*, de R. Chetwynd-Hayes, enquanto que, em *A Dama de Lado*, de Lynda E. Rucker, um grupo de crianças sai em busca de uma velha lenda, em uma casa com fama de mal-assombrada, em pleno Dia das Bruxas. O que poderia dar errado?

Se algum dia já te maltrataram na escola, ou se algum professor já te constrangeu, então você vai apreciar o que acontece com Charles em *Aqui Há Tigres*, daquele que provavelmente é o mais famoso autor de horror do mundo, Stephen King.

Um jovem menino trêmulo está receoso quanto ao que irá visitá-lo na véspera de Natal, descendo por ela, *A Chaminé*, de Ramsey Campbell; e Bart Setwick descobre algo muito singular sobre seus três novos amigos em *Escola para os Inomináveis*, do veterano escritor de revistas *pulp* Manly Wade Wellman.

Nossa segunda história de Natal é *O Sorriso da Vovó*, do escritor e dramaturgo Robert Shearman, que trouxe os Daleks de volta à série de TV *Doctor Who*. É um conto sórdido que gira em torno de Sarah e sua avó idosa, que ainda tem saudades do marido e tanto o quer de volta...

Lisa Morton é especialista em Dia das Bruxas, mas sua história, *A Química dos Fantasmas*, é sobre um casal de irmãos que sai em uma caça a espíritos e descobre mais do que esperava, ao encontrar um professor fantasma que propõe a eles um enigma a ser resolvido.

O Homem que Desenhava Gatos foi a primeira história publicada pelo romancista e roteirista Michael Marshall Smith. Ele sempre foi fã do trabalho de Ray Bradbury e de Stephen King, e você vai encontrar a influência de ambos nessa história sobre como um menino e sua mãe são salvos de seu abusador em uma noite quente de verão. Enfim, na história *Vocês Têm Medo do Escuro?*, de Charles L. Grant, três meninos se tornam parte de um apavorante jogo com uma babá infernal.

E ainda temos os assustadores desenhos de Randy Broecker. Se as histórias não forem o suficiente para gelar sua espinha, então a arte dele com certeza será. Ou isso, ou você tem mais fibra do que eu.

E é isso, um livro de histórias e ilustrações assustadoras que deve entreter você por algumas horas e, com sorte, fazer com que olhe por sobre o ombro uma vez ou outra. Por que não lê este livro em voz alta para seus amigos ao redor de uma fogueira ou à luz de uma lanterna com seu irmão ou sua irmã, antes de irem dormir? E, depois que terminar, por que não fazer uma competição com eles, para ver se a história que acharam mais apavorante é a mesma que a sua?

Mas, lembre-se... depois de ler este livro de cabo a rabo, por favor, não *me* responsabilize pelos seus pesadelos — nem os de ninguém!

Eu avisei.

Stephen Jones



Clique-Claque, o Saco de Chocalho

—
Neil Gaiman

— ANTES DE ME LEVAR pra cama, pode me contar uma história?

— Precisa mesmo que eu leve você pra cama? — perguntei ao menino.

Ele pensou por um instante. Então, com intensa seriedade, disse:

— Sim, acho que precisa. É que... como terminei minha lição de casa, é hora de ir dormir, mas estou com um pouquinho de medo. Não muito, só um pouquinho. A casa é muito grande e várias vezes as luzes não acendem e fica meio escuro.

Estendi a mão e despenteei seu cabelo.

— Dá pra entender — eu disse. — É uma casa muito grande e velha. — Ele assentiu. Estávamos na cozinha, iluminada e cálida. Pus minha revista sobre a mesa de copa. — Que tipo de história gostaria que eu contasse?

— Bem — disse ele, ponderando. — Acho que não devia ser *muito* assustadora, senão, quando eu for pra cama, vou ficar só pensando em monstros o tempo todo. Mas, se não der nem *um pouco* de medo, não vou me interessar. E você inventa histórias que dão medo, né? Ela diz que é isso que você faz.

— Ela exagera. Eu escrevo histórias, sim. Porém, nada que já tenha sido publicado. E escrevo muitos tipos diferentes de histórias.

— Mas você *escreve* histórias que dão medo?

— Sim.

Das sombras junto à porta, onde estava esperando, o menino ergueu o olhar para mim.

— Você conhece alguma história sobre Clique-Claque, o Saco de Chocalho?

— Acho que não.

— Essas são as melhores histórias que existem.

— Contam elas na sua escola?

Ele deu de ombros.

— Às vezes.

— Qual é a história de Clique-Claque, o Saco de Chocalho?

Ele era uma criança precoce e ficou indiferente ante a ignorância do namorado de sua irmã. Era possível ver no rosto dele.

— Todo mundo conhece.

— Eu não — disse, tentando não sorrir.

O menino olhou para mim como se estivesse tentando decidir se eu estava ou não fazendo hora com ele, e falou:

— Acho que talvez você devesse me levar pro meu quarto e me contar uma história antes de eu dormir, mas uma história bem pouco assustadora, porque vou estar acordado no meu quarto e, na verdade, lá também está um pouquinho escuro.

Eu disse:

— Devo deixar um bilhete pra sua irmã, dizendo onde estamos?

— Pode deixar. Mas vai escutar quando eles voltarem. A porta da frente faz barulho.

Saímos da cozinha quente e aconchegante para o corredor da casa enorme, onde fazia frio, havia correntes de ar e estava escuro. Acionei o interruptor da luz, mas nada aconteceu.

— A lâmpada já era — ele disse. — Isso sempre acontece.

Nossos olhos se ajustaram às sombras. A lua estava quase cheia e o luar branco-azulado brilhava, atravessando as janelas altas da escadaria, caindo sobre o corredor.

— Vamos ficar bem — afirmei.

— Sim — disse o menino, com sobriedade. — Estou muito feliz que esteja aqui.

Ele parecia menos precoce, agora. Sua mão encontrou a minha e ele segurou meus dedos confortavelmente, credulamente, como se me conhecesse por toda a vida. Me senti responsável e adulto. Não sabia se o sentimento que eu tinha pela irmã dele, que era minha namorada, era amor, não ainda, mas gostei de ser tratado pela criança como parte da família. Me senti como um irmão mais velho e inflei ainda mais o peito, e, se houvesse algo de inquietante naquela casa vazia, eu não teria admitido por nada neste mundo.

As escadas rangeram sob a passadeira puída.

— Cliques-Claques — disse o menino — são os melhores monstros de todos.

— Eles são da televisão?

— Acho que não. Acho que ninguém sabe de onde eles são. Geralmente, eles são do escuro.

— Um bom lugar de onde vir, para um monstro.

— Sim.

Atravessamos nas sombras o corredor do andar de cima, seguindo os trechos iluminados pela luz da lua. A casa era mesmo grande. Desejei ter uma lanterna.

— Eles vêm do escuro — disse o menino, segurando minha mão.

— Acho que devem ser feitos de escuro. E eles chegam quando você não está prestando atenção. É aí que chegam. E então levam você pros seus... não são ninhos. Qual é a palavra que parece *ninho*, mas não é?

— Casa?

— Não. Não é uma casa.

— Covil?

Ele ficou em silêncio. Então concordou:

— Acho que é essa a palavra, sim. *Covil*. — Ele apertou minha mão. Parou de falar.

— Certo. Então eles levam as pessoas que não prestam atenção para o covil. E o que fazem depois, esses seus monstros? Eles sugam todo o sangue delas, como vampiros?

Ele resfolegou.

— Vampiros não sugam todo o seu sangue. Eles só bebem um bocadinho. Só pra poderem se manter e, sabe como é, voar por aí. Cliques-Claques são muito mais assustadores do que vampiros.

— Não tenho medo de vampiros — disse a ele.

— Nem eu. Também não tenho medo de vampiros. Você quer saber o que os Cliques-Claques fazem? Eles bebem você — explicou o menino.

— Igual Coca-Cola?

— Coca-Cola faz muito mal. Se você botar um dente na Coca, de manhã, ele vai ter dissolvido e sumido. Esse é o tanto que Coca faz mal e por isso você tem sempre que escovar os dentes, toda noite.

Tinha ouvido a história da Coca quando era menino e haviam me dito, já quando adulto, que ela não era verdade, mas uma mentira que promovia a higiene bucal com certeza era uma boa mentira, e deixei passar.

— Cliques-Claques bebem você — repetiu o menino. — Primeiro, eles te mordem, aí você fica todo *melecoso* por dentro e toda a sua carne, todos os seus miolos e tudo, tirando seus ossos e sua pele, viram

uma coisa molhada, parecendo *milk-shake*. Daí os Cliques-Claques sugam ela pelos buracos onde antes ficavam seus olhos.

— Que nojo — gralhei. — Você inventou isso?

Havíamos alcançado o último lance de escadas, adentrando a enorme casa até o fim.

— Não.

— Não acredito que crianças inventam coisas como essas.



— Você não me perguntou sobre o Saco de Chocalho — ele divergiu.

— Certo. O que é o Saco de Chocalho?

— Bem... — ele disse, sábio, sóbrio, uma voz miúda vinda da escuridão ao meu lado. — Depois que você é só ossos e pele, eles te penduram num gancho e você fica chocalhando no vento.

— E como é que são esses Cliques-Claques?

No instante em que fiz a pergunta, desejei poder retirá-la e deixá-la sem ter sido feita. Pensei: *Criaturas aracnídeas enormes. Como aquela no chuveiro, hoje de manhã.* Tenho medo de aranhas.

Fiquei aliviado quando o menino disse:

— Eles são de um jeito que você não vai estar esperando. Aquilo em que você não está prestando atenção.

Estávamos agora subindo degraus de madeira. Me apoiei no corrimão à minha esquerda e segurei a mão dele com a direita, conforme ele andava ao meu lado. Aquela parte da casa cheirava a poeira e madeira velha. Mas os passos do menino eram seguros, mesmo a luz da lua estando escassa.

— Você sabe qual história vai me contar, pra me botar na cama?

— ele perguntou. — Não precisa ser assustadora, na verdade.

— Ainda não.

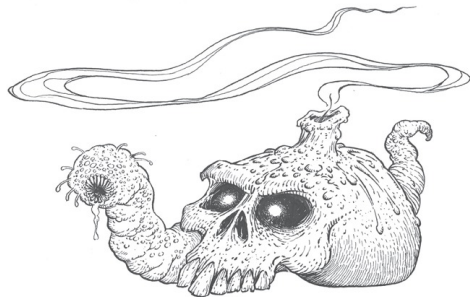
— Talvez possa me contar sobre hoje à noite. Me conta o que você fez?

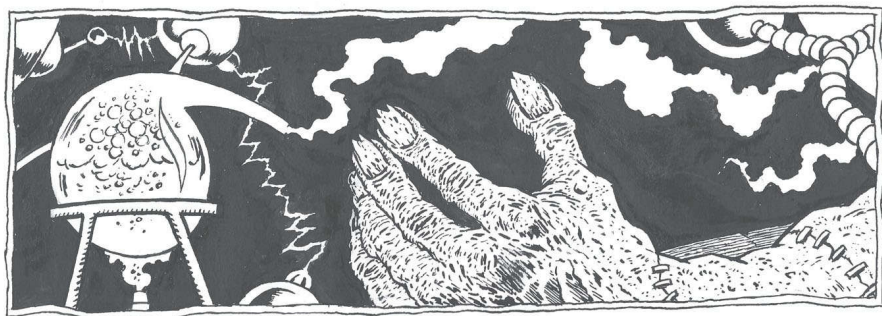
— Isso não vai lhe servir muito como história. Minha namorada acabou de se mudar para uma casa nos limites da cidade. Ela a herdou de uma tia ou alguém assim. É muito grande e muito velha. Vou passar minha primeira noite com ela hoje, então, estou esperando há mais ou menos uma hora que ela e os amigos com quem divide a casa voltem com o vinho e a comida indiana pra viagem.

— Viu? — disse o menino. Lá estava aquele divertimento precoce outra vez. Mas todos os tipos de crianças podem, às vezes, ser insuportáveis quando acham que sabem algo que você não sabe. Deve fazer bem a elas. — Você sabe disso tudo. Mas você não pensa. Apenas deixa sua cabeça preencher as lacunas.

Ele empurrou a porta do quarto no sótão para abri-la. Estava perfeitamente escuro, agora, mas a abertura da porta havia perturbado o ar e ouvi coisas chocalharem gentilmente, como ossos secos em finos sacos, em uma brisa leve. Clique. Claque. Clique. Claque. Bem assim.

Eu teria recuado, se pudesse, mas dedos pequenos, firmes, me puxaram para frente, impiedosos, para a escuridão.





Monstro de Fabricação Caseira

R. Chetwynd-Hayes

RODNEY ESTAVA PERDIDO.

Isso não deveria ser possível na Inglaterra do século vinte, onde há placas de sinalização colocadas em cada cruzamento, mas Rodney havia dado um jeito de fazê-lo. Estava pedalando por uma rede de travessas rurais e as placas de sinalização não haviam sido úteis. Diziam TABEFENELES 1,6 KM e DESSEASOVA 183 KM. Quando chegou a esses lugares, eles se mostraram como vilazinhas sonolentas cercadas de campos abertos. Ele podia, é claro, ter perguntado a alguém o caminho até Benfield, que era seu destino, mas era um tanto tímido e achava difícil abordar estranhos. Por isso, seguiu pedalando, torcendo para que mais cedo ou mais tarde chegasse a uma rodovia, mas agora a escuridão caía e estava começando a chover.

Então seu pneu traseiro soltou um estampido alto, ao qual se seguiu um suspiro prolongado, e a bicicleta começou a bambolear pela via. Rodney desmontou e empurrou o veículo por um íngreme aclave, desejando ter passado as festas com sua família em Bognor Regis.

A chuva simplesmente desabou e, não demorou nada, ele estava ensofado. Em seguida, fez-se o vívido clarão de um relâmpago, o estrondo realmente ensurdecedor de um trovão, e Rodney, embora tenha tentado ser corajoso, estava de fato assustado. Ele sabia que não devia se abrigar debaixo de uma árvore, porque seu pai sempre dizia que árvores atraem relâmpagos, e aquele não era o momento de descobrir se tal informação era verdadeira ou não.

Ele alcançou o cume da colina, empurrou sua bicicleta até virar numa curva acentuada, e viu a casa. Era uma casa grande, bem

afastada da estrada e cercada por um gramado malcuidado. Nenhuma cortina cobria as janelas, e algumas até estavam tapadas por tábuas. Era razoável supor que o lugar estivesse deserto, portanto, Rodney empurrou o enferrujado portão de ferro, parou sua bicicleta no grande e decadente alpendre e procurou um modo de entrar na casa.

A porta da frente estava trancada, mas, quando avançou até os fundos, ele encontrou uma pequena janela semiaberta. Levou só alguns segundos até passar por cima do peitoril e se refugiar no cômodo para além dela.

Poeira cobria os pisos e a umidade havia soltado o papel de parede e formado manchas marrons no teto. O lugar estava frio e, como a janela se recusava a fechar, Rodney decidiu se aventurar mais para o interior da casa, esperando encontrar um quarto com uma lareira, onde poderia acender o fogo e secar suas roupas.

A porta, relutantemente, e com muitos lamentos rangentes, se abriu, deslizando para revelar uma soturna passagem. Esta terminava em um amplo salão, onde uma esplêndida escadaria se elevava em uma curvatura graciosa para uma longa galeria. Uma série de portas fechadas conduzia para fora do salão e Rodney escolheu a mais próxima, empurrou-a para abri-la e entrou no cômodo seguinte. Ele se viu no que um dia deveria ter sido uma luxuosa sala de estar. O estofamento das cadeiras e do sofá tinha apodrecido, o carpete estava escondido sob uma espessa camada de pó e grinaldas de teias de aranha ondulavam gentilmente no teto alto. Mas havia uma lareira.

Rodney estava se perguntando o que poderia usar como combustível, quando ouviu um barulho súbito. Era o passo firme de pés pesados. Uma pisada lenta e de baques surdos que sugeria uma pessoa muito grande, que não fazia questão de se apressar, mas que avançava com a abordagem vultosa de um tanque.

Os passos cruzaram o salão, então, pararam. Rodney se deu conta de que suas pegadas deviam estar impressas claramente na poeira, deixando uma trilha até a porta do cômodo onde estava. Os passos começaram e ficaram mais altos conforme se aproximavam, e a porta tremeu, antes de voar para trás e se chocar contra a parede.

Um gigante estava na soleira; uma figura enorme com a cabeça completamente careca e um peito imenso feito um barril, parcamente coberto por um surrado gibão de couro. Um ribombar começou lá embaixo, no estômago, se elevou e emergiu da garganta da criatura em palavras guturais.

— Tá fazendo o que aqui?

Rodney engoliu em seco e tentou falar sem gaguejar.

— Achei que a casa estivesse vazia. Está chovendo...

Naquele momento, ouviu-se o espantoso estrondo de um trovão e o

gigante esperou até ele desvanecer antes de falar novamente.

— Eu levar você no doutor. Vem.

— Mas eu só...

Seu braço foi agarrado por uma gigantesca mão e ele foi puxado na direção da porta, enquanto suas objeções ruidosamente proclamadas eram completamente ignoradas. Eles voltaram pelo corredor, percorreram outra passagem, desceram um lance de escadas e entraram em um pequeno porão, que parecia estar situado nos fundos da casa. Ele estava mobiliado com duas poltronas, um longo banco sob a janela e uma mesa gasta. Detrás da mesa, sentava-se um homenzinho de cabelos brancos, cujos pequenos olhos azuis eram ampliados por um grande par de óculos. Ele ergueu o olhar quando Rodney foi puxado cômodo adentro e expressou sua perplexidade ao tirar os óculos, limpá-los cuidadosamente com uma flanela amarela, e recolocá-los. Então falou numa voz um tanto estridente.

— O que significa isso, Daniel? Quem é esse menino?

Daniel claramente não era propenso a desperdiçar palavras.

— Achei lá em cima.

O homenzinho ergueu as sobrancelhas.

— Achou lá em cima! Pela madrugada! Assim não dá, em absoluto. Você sabe muito bem, Daniel, que meu trabalho está chegando a um estágio crucial e que não devo ser incomodado.

— Tava andando lá — declarou Daniel. — Pegadas na poeira.

Rodney pensou que já passara da hora de ele explicar a situação novamente.

— Achei que a casa estava vazia, senhor, e como estou ensopado até os...

— Bom Deus, está mesmo! — interrompeu o homenzinho. — Está pingando água por todo o carpete e deve estar a meio caminho de pegar uma gripe. Não posso admitir isso. Os germes podem circular e cravar seus dentes no Henri.

Daniel balançou a cabeça violentamente.

— Doutor Frankwell... o moço tem ouvidos.

O doutor Frankwell ajustou seus óculos.

— Tem mesmo. E daí? Ele ficaria muito esquisito se não tivesse.

— Ouve demais — Daniel insistiu. — Tem boca. Fala.

O doutor Frankwell suspirou profundamente.

— Ah, nossa! Vivo me esquecendo de não mencionar o Henri. Agora escute aqui, rapaz... você vai se esquecer de que alguma vez eu fiz isso. Não existe tal pessoa. Vai descartar o nome de Henri completamente de sua mente. Está claro?

Rodney, que estava realmente muito molhado, morrendo de frio e

um tanto disposto a esquecer até seu próprio nome em troca de roupas secas, disse:

— Sim, senhor. Agora, pode, por favor...

O doutor acenou com a mão, impaciente.

— Sim... sim. Leve ele daqui, Daniel, e deixe-o seco. Melhor dar a ele algo para comer depois disso, mas não o deixe se aproximar de Hen... digo, se aproximar de ninguém.

Daniel não se deu ao trabalho de usar mais nenhuma palavra, simplesmente puxou Rodney para fora da sala, empurrou-o ao longo da passagem e largou-o em um quarto. Ele abriu uma cômoda, tirou um par de calças e um grosso pulôver de lã.

— Veste — ele instruiu. — Leva roupa molhada pra cozinha. Primeira porta na direita.

A seguir, ele saiu e Rodney escutou seus pesados passos recuarem, percorrendo a passagem.

As calças e o pulôver deveriam ter pertencido ao doutor Frankwell, porque eram bastante apertadas, mas pelo menos estavam quentes e secas, então foi com o coração mais leve — e uma curiosidade plenamente despertada — que Rodney emergiu do quarto e seguiu em direção à primeira porta à direita.

A cozinha estava uma bagunça. Pratos e caçarolas por lavar se empilhavam no corredor de madeira, a pia estava cheia de água engordurada e fria e o chão entulhado de pontas de nabo, cascas de batata e sacos de papel amassados. Quando Rodney entrou, Daniel estava examinando um pernil de cordeiro assado pela metade que havia acabado de retirar do forno de ferro à moda antiga. Ele apontou para uma grande cadeira de madeira.

— Pendura roupa no encosto. Bota na frente do fogo.

Rodney dependurou suas calças sobre o encosto da cadeira e estendeu a camisa, a cueca e as meias ao longo do assento. Então, observou as atividades culinárias de Daniel.

O homem enorme estava separando as partes mais coradas e suculentas da carne, mas, quanto mais ele cortava, mais ficava óbvio que ela ainda estava crua.

— Com licença... — Rodney, que havia feito um curso de culinária com os Escoteiros, teve que opinar. — Acho que você tirou do forno cedo demais.

Daniel disse:

— Ugh! — Ou algum som semelhante, e encarou o pernil de cordeiro com um ar de completa impotência.

— Posso ajudar você? — perguntou Rodney.

Daniel se sobressaltou como se tivesse sido picado por uma vespa.

— Ajudar?

— Sim, eu sei cozinhar. E já que você e o doutor têm sido tão gentis... seria um prazer... bem... arrumar as coisas pra vocês.

Daniel olhou lentamente ao redor da cozinha.

— Arrumar? Não precisa arrumar nada.

— Bobagem! — Rodney não conseguiu conter sua indignação. — Este lugar está uma bagunça terrível. Cadê a vassoura?

— Vassoura?

Por fim, Rodney encontrou alguns materiais de limpeza em um armário estreito e se pôs a trabalhar enquanto Daniel o observava com crescente aprovação. Logo, o pernil de cordeiro, rodeado por um círculo de batatas, ainda com suas cascas marrons, estava de volta ao forno, uma caçarola de couves-de-bruxelas cozinhava em fogo baixo no fogareiro e o chão da cozinha havia sido limpo de todos os dejetos.

— Talvez — sugeriu Rodney — você pudesse me dar uma ajuda com a louça.

— Louça?

— Sim. Todos esses pratos e coisas sujas. Eles precisam ser lavados.

— Só fica sujando de novo.

Daniel, enfim, foi persuadido a fazer a secagem, mas não era muito bom nisso, porque ao menos três pratos se quebraram no chão e uma xícara perdeu a alça.

— O que o doutor faz? — perguntou Rodney, assumindo um ar de casualidade.

— Ele... faz coisas.

— Ah, é mesmo? Achei que doutores cuidassem de pessoas doentes e passassem receitas.

Isso foi um pouco demais para Daniel, que franziu o cenho como se seu cérebro de funcionamento lento estivesse lutando com um problema muito complicado. Enfim, ele falou.

— Não é pra falar o que doutor faz. É se-se...

— Segredo? — sugeriu Rodney. — Ora, ele está trabalhando para o governo?

Daniel franziu o cenho novamente.

— Não go-ver-no. Não falar. Se-gredo.

Mas Rodney não desistiu tão fácil.

— Suponho que você seja de grande ajuda. O doutor tem muita sorte de poder contar com uma pessoa tão inteligente.

Daniel pensou nisso por algum tempo, então, seus lábios se abriram para revelar grandes dentes de aspecto apavorante.

— Eu sou grande auxílio. O doutor deixou eu levar pedaços grandes pra mesa uma vez... você não contar pra ele que eu contar isso pra você?

— Ah, não.

— Bom... — Uma expressão de orgulho quase infantil transformou o rosto de Daniel. — Uma vez eu baixei alavanca grande e fez todas as luzes pularem pelos cabos.

— Puxa! — Rodney exibiu todos os sinais adequados de admiração. — Você é inteligente. O que aconteceu?

Daniel suspirou bem profundamente.

— Nada bom. Pedaços voou pra todo lado. Doutor começar de novo. Mas dessa vez...

Ele parou, olhando desconfiado para Rodney, então balançou a cabeça.

— Eu não falar mais. Ninguém pode saber. Você ajuda fazer jantar.

A refeição foi servida em uma pequena sala de jantar que ficava situada no lado oposto da passagem para a cozinha. Rodney pôs a mesa, Daniel levou para lá o agora succulento pedaço de carne e foi buscar o doutor. O homenzinho chegou irrequieto e ficou nitidamente radiante ao ver o cordeiro crepitante, as batatas crocantes e as couves-de-bruxelas fumegantes.

— Pela madrugada! Daniel, você se superou. Realmente se superou.

Daniel tentou adotar uma expressão de modéstia, mas foi um tanto quanto incapaz de suprimir um sorriso de autossatisfação.

— Rapaz ajudou — ele admitiu, com certa relutância.

— Ajudou, foi? — O doutor Frankwell sentou-se na cabeceira da mesa e começou a trincar o cordeiro como se estivesse realizando algum tipo de intrincada operação. — Que rapaz esperto ele é, com certeza. Daniel, vou solicitar sua ajuda após o jantar. Henri passou o dia inteiro engolindo eletricidade...

Daniel fez um som que era meio caminho entre uma tosse e um resmungo e deu um solavanco com a cabeça na direção de Rodney. O doutor arfou.

— Ah, nossa, eu fiz de novo. Rapaz, você percebe que esse tal Henri não existe? Quanto a engolir eletricidade, ele nunca fez isso. Nunca. Quero dizer... ele não poderia... poderia?

— Não, senhor — concordou Rodney.

— Então está tudo certo. Não consigo imaginar o que me deu, falando tamanha besteira. Mesmo assim, Daniel, creio que é seguro dizer que esta noite você vai poder baixar a alavanca grande.

Por um momento, Daniel deu a impressão de que iria levantar e

fazer uma dancinha. Mas ele se contentou em batucar uma colher na mesa, em vez disso.

— Baixar alavanca grande! As luzes vão todas pular pelos cabos?

O doutor Frankwell assentiu com firmeza.

— Sem dúvida. Henri vai estar de volta à ativa... Menino, você devia comer mais couves-de-bruxelas. Faz muito bem à saúde...

Uma dramática interrupção cortou sua fala. De algum lugar não muito distante, veio o som de um baque alto, seguido pelo tilintar de vidro quebrado. O doutor pôs-se de pé num pulo.

— Nossa senhora. Daniel... rápido, homem, ele caiu da mesa.

Ele saiu correndo da sala, seguido de perto por Daniel, virou à esquerda e continuou a correr pela passagem. De início, Rodney decidiu que fosse lá o que estivesse acontecendo, não era da sua conta, mas logo estava se esgueirando pela passagem, avançando na direção da porta aberta na outra ponta.

Ele entrou em um grande cômodo que, em algum momento, provavelmente havia sido uma despensa, pois havia longas prateleiras de ardósia ladeando as paredes e uma imensa mesa se estendendo pelo centro. Rodney notou o equipamento elétrico nas prateleiras, que estava aparafusado no teto e que conduzia bobinas de fios de cobre até a mesa. Mas sua atenção foi atraída totalmente para a direção do doutor Frankwell — e da *coisa* que estava caída no chão. Tinha aproximadamente dois metros de altura; uma grotesca forma humana, embrulhada em uma folha de plástico verde, com vários soquetes coloridos se projetando da cabeça, peito e costelas. O doutor estava agitado como se fosse uma velha galinha cujo pintinho havia acabado de se perder.

— Cuidado, Daniel. Alguma coisa nele pode ter se soltado. Com delicadeza, homem.

Daniel ergueu a enorme figura e a pôs reverentemente sobre a mesa, e em seguida ficou de lado enquanto o doutor Frankwell prendia os cabos nos soquetes e fazia ajustes em um seletor atado ao estômago dela por uma correia.

— Nenhum dano sofrido, Daniel. Fizemos bem nosso trabalho. Ele está totalmente carregado e, quando você baixar a alavanca grande, estará de volta à ativa.

— Rapaz aqui — Daniel apontou. — Ele vê tudo.

O doutor se virou e havia a mais patética das expressões em seu rosto.

— Ah, nossa! Agora vai acontecer comigo a mesma coisa que arruinou o trabalho de meu tataravô, o famoso barão Frankenstein. Ele deixou a porta de seu laboratório aberta, uma menininha chamada

Mary Wollstonecraft Godwin entrou lá e, mais tarde, escreveu um relato minucioso do que tinha visto... aquela diabinha... que foi lido pelo mundo inteiro. Espero que não seja viciado em papel e caneta, jovem colega.

— Ah, não — Rodney se apressou em tranquilizar o homenzinho. — Odeio escrever. Mas o senhor realmente criou um monstro?

— Sem dúvida que não. — O doutor Frankwell parecia tão zangado quanto suas feições amenas poderiam permitir. — Eu projetei, manufaturei e, em breve, ativarei um Humanoide-Eletrônico-Novedio-Raciocinante-e-Inofensivo. Henri, para abreviar.

— Pelos céus! — Rodney não conseguia afastar seu olhar fascinado da figura sobre a mesa. — O senhor o fez a partir de... cadáveres?

O doutor riu gentilmente.

— Os tempos mudaram e nós avançamos desde os dias de meu falecido e saudoso tataravô. Usei um plástico autoadesivo especial, um pouco de fluido substituto de sangue, que chamei de GFI, e uma quantidade terrível de eletricidade.

— Agora rapaz sabe tudo — destacou Daniel.

— Sim, mas de que importa? — O doutor tirou seus óculos, limpou-os na ponta do lençol de Henri e então os recolocou. — Assim que Henri estiver na ativa, o mundo inteiro vai saber. Não consegue ver as manchetes? *Doutor Frankwell Cria um Homem*. Espero ser convidado para aparecer na TV.

— Baixar alavanca grande agora? — perguntou Daniel.

— Bem... — O doutor parecia indeciso, até Rodney lembrá-lo de um fato muito importante.

— Ainda não terminamos nosso jantar.

Os óculos do doutor escorregaram pelo nariz e seus olhos se arregalaram com um horror espantado.

— Barbaridade, tem razão! E o assado de cordeiro vai esfriar.

Eles voltaram para a sala de jantar e retomaram a refeição interrompida, embora o doutor ficasse se levantando e trotando até o laboratório para se certificar de que Henri não havia caído da mesa de novo. Após um bom tempo, facas e garfos foram postos de lado, pratos empilhados e carregados para a cozinha e o doutor Frankwell sorriu largamente para seu assistente.

— Daniel, não consigo pensar em nenhuma razão para mais delongas. Henri está totalmente carregado e suas partes operacionais estão em excelentes condições... O grande momento chegou.

Henri certamente pareceria cheio de vida, se o estranho movimento espasmódico se estabelecendo em cada parte da figura amortalhada servisse como critério de alguma coisa. O doutor

Frankwell, primeiro de tudo, se certificou de que todos os cabos estavam completamente conectados aos soquetes, então virou a cabeça e acenou com ela para Daniel, que estava de pé junto a uma alavanca bem grande na parede.

— Agora — disse ele.

Daniel baixou a alavanca. Instantaneamente, serpentinas de luzes coloridas dispararam ao longo dos cabos; bulbos elétricos se iluminaram e piscaram, acendendo e apagando como letreiros de neon, e, no canto oposto da sala, uma grande caixa de metal começou a emitir um zumbido alto.

Henri apresentou todos os sinais de estar totalmente ativado. A enorme forma se contorcia feito uma minhoca cortada; a cabeça coberta pelo plástico rolava de um lado para o outro e parecia haver a nítida possibilidade de que o conjunto inteiro fosse rolar para o chão novamente.

— Daniel! — gritou o doutor Frankwell, sua voz estridente de empolgação. — Olho nele. Vou aumentar a corrente. Ou vai ou racha!

Rodney torceu sinceramente para que Henri não rachasse. Por outro lado, também não estava nada certo de que gostaria de ver um monstro de fabricação caseira andar. Tinha a impressão de se lembrar de que aquele criado pelo barão Frankenstein não havia se comportado de modo civilizado. Ele observou o doutor girar os seletores, apertar diferentes botões coloridos, o que fez os cabos se tornarem mais brilhantes, os bulbos piscarem mais rapidamente e o zumbido se elevar a um guincho ensurdecedor.

De repente, fez-se um estouro alto e todas as luzes se apagaram. Os cabos se tornaram de um preto opaco, os bulbos elétricos fizeram *pop-pop*, um atrás do outro, e a caixa de metal que emitia o terrível barulho ficou tão silenciosa quanto um encontro de quacres¹. E Henri? Depois de o doutor acender três velas, ficou fácil de ver que não havia sinal de vida.

— Todos os cabos estão queimados — suspirou profundamente o pequeno doutor. — Um trabalho de três anos se evaporou em nuvens de fumaça.

— Talvez os fusíveis precisem ser consertados — sugeriu Rodney, surpreso ao se dar conta de que estava desapontado porque Henri não andaria. Mas o doutor Frankwell balançou a cabeça.

— Não, todo o equipamento está arruinado. Eu o sobrecarreguei.

— Eu esquentar chaleira — declarou Daniel. — Fazer chá.

O doutor sorriu bravamente.

— Bom, suponho que podemos melhorar o ânimo após uma xícara de chá. Não há muito o que possamos fazer aqui.

Eles foram até a cozinha, onde Daniel colocou uma grande chaleira de ferro no fogão, então pôs em infusão um chá realmente excelente em um bule marrom. Não havia dúvida de que o doutor desfrutava de sua xícara, pois a bebericava com todos os sinais de apreciação e estava um tanto quanto recuperado, após uma segunda decepção.

— De volta à prancheta, Daniel. Precisamos usar um cabeamento mais robusto, dobrar os retornos e instalar uma alavanca ainda maior.

Daniel disse:

— Ugh! — Mas não parecia tão entusiasmado.

— Enquanto isso — continuou o doutor —, vamos descansar um pouco. Ouso dizer que devíamos encontrar uma cama para o nosso jovem amigo?

Daniel assentiu e derramou um pouco de seu chá em um pires.

Rodney estava prestes a expressar gratidão quando seus ouvidos detectaram um leve som. Algo deslizando bem lentamente, seguido por um rangido das tábuas queixosas do assoalho. Daniel também ouviu, pois ergueu a cabeça e virou-se na direção da porta aberta.

Ninguém falou. Apenas ficaram ali sentados, esperando pelo impossível fazer uma aparição. Agora, o deslizar se alternava a baques altos. Desliza-baque-desliza-baque, o suspense era tão intenso que Rodney derrubou sua xícara. Então algo muito grande preencheu a soleira. Ainda envolto pela folha plástica, com pedacinhos de cabos balançando nos soquetes coloridos e o seletor preso ao estômago, o Humanoide-Eletrônico-Novedio-Raciocinante-e-Inofensivo cambaleou sala adentro e parou, se embalando como uma árvore alta em um vendaval de cento e cinquenta quilômetros por hora. O doutor Frankwell foi o primeiro a falar.

— Funcionou, Daniel! Desistimos cedo demais. Henri está em atividade.

O lençol de plástico se avolumou quando duas mãos enormes despontaram e se forçaram contra o material confinante. Rodney escutou o som de algo rasgando quando um buraco longo e irregular se formou e um punho imenso e outro menor saltaram às vistas e começaram a socar o ar de um modo bastante agressivo.

— Acho que ele não gosta muito de nós — Rodney arfou.

— Bobagem. — O doutor Frankwell ajustou seus óculos. — Ele só está satisfeito por estar vivo. Daniel, desembulhe-o. Tenha cuidado para não machucá-lo.

Daniel demonstrou uma cautela louvável. Ele se aproximou do monstro por trás e desceu um longo zíper, que corria do alto da cabeça ondulante até os pés gigantesco. O plástico caiu para longe e Rodney usou todo o seu autocontrole para não se virar e sair correndo da cozinha.

Henri não era nada bonito. A cabeça, que lembrava um nabo deformado, era encimada por uma juba de cabelos vermelhos. Um dos olhos era azul e redondo, o outro, castanho e enviesado. A boca era extremamente larga e repleta de grandes dentes amarelos. O nariz poderia ser confundido com um bico de papagaio, as orelhas, com asas de um morcego ancestral. Um peito imenso era flanqueado por braços de comprimentos desiguais. Rodney não conseguia ver as pernas, pois a criatura estava vestida com uma longa camisola de flanela, mas os pés tinham muito em comum com dois pratos de vegetais emborcados.

O doutor Frankwell mostrou seu deleite com um sorriso radiante e estava claramente esperando pela irrestrita admiração de todos.

— Bem... O que acham dele?

Levou alguns segundos até Rodney recobrar sua capacidade de fala.

— Ele... ele não é muito bonito... é?

— Não é bonito! — O doutor franziu o cenho e examinou sua criação com alguma ansiedade. — Como pode dizer isso? Ora, ele é definitivamente lindo. É possível que eu pudesse ter tido um maior cuidado na questão dos braços e olhos, mas creio que um pouco de assimetria nas feições possa ser atraente. Daniel, vamos colocá-lo em uma cadeira e convidá-lo a se alimentar um pouco.

Fazer Henri se sentar não foi assim tão fácil. Tentou acertar Daniel girando o braço aberto e resistiu energicamente quando ele empregou toda a sua força para empurrá-lo na direção da cadeira do doutor. O homenzinho olhou para os restos do pernil de cordeiro e para as batatas assadas frias.

— Acha que devíamos preparar algo especial para ele, Daniel? Talvez pudéssemos tentá-lo com um belo bife e uma torta de rins.

Henri literalmente resolveu a questão com as próprias mãos. O olho redondo encarou o cordeiro frio, o enviesado examinou as batatas. Aparentemente, o olho redondo venceu a disputa. O punho maior agarrou, o menor rasgou e os grandes dentes começaram a mastigar ruidosamente. Talvez *destroçar* fosse uma palavra melhor, porque Henri não era gracioso ao comer. Carnes, ossos — foi tudo para dentro da boca escancarada, onde foram esmagados e engolidos em pouco menos de cinco segundos. O doutor ficou deliciado por essa demonstração de consumo rápido.

— Ele tem um apetite saudável. Puxa, Daniel, se continuar assim, ele vai comer a nós.

Rodney pensou que isso era mais do que provável e decidiu que não gostaria de estar por perto quando o suprimento de cordeiro assado se esgotasse. Tendo comido, Henri dormiu. Primeiro, o olho enviesado se fechou, depois o redondo — tendo rodopiado em sua

órbita como se para se certificar de que estava tudo bem — também baixou sua pálpebra e, por um instante, houve paz. Então a boca enorme se abriu e um som que era bem parecido com uma serra cortando uma dura tora de madeira preencheu a cozinha. Henri não só dormiu, como roncou.

O doutor bocejou e Daniel esfregou os olhos.

— Bom, Henri nos deu um belo exemplo. Hora de irmos todos para a cama. Daniel, você acredita que ele vai estar confortável aqui?

— Não deve acordar — respondeu Daniel, com profunda e óbvia sinceridade. — Se ele não confortável, pode voltar pra la-bora-tório.

O doutor se levantou.

— Sim, você tem razão. Deixe a porta aberta para ele.

Quando Rodney foi levado escada acima e acomodado em um pequeno quarto poeirento e de aspecto assombrado no andar térreo, não pôde deixar de se perguntar se era sábio deixar Henri totalmente sozinho. Após refletir um pouco, ele barricou sua porta ao calçar o encosto de uma cadeira embaixo da maçaneta, e deitou-se completamente vestido.

A velha casa estava bem quieta. A tempestade há muito havia exaurido sua fúria e ido dormir no céu ocidental. Uma lua cheia espiava pela janela sem cortinas e assumia formas estranhas. Rodney tentou se manter acordado, mas entre uma coisa e outra (ele havia tido um dia cansativo), a inconsciência se esgueirou como um ladrão de passos leves.

Ele foi acordado por um estrondo. Ficou deitado perfeitamente imóvel durante algum tempo, o coração batendo com força, tentando dispensar a ideia arrepiante de que Henri estava em atividade. Após alguns minutos, escutou o som de vidro quebrado remexido, seguido de um uivo baixo que poderia ter sido dado por um cão abandonado — ou por um monstro de fabricação caseira que não estava exatamente dançando de alegria.

A curiosidade e o medo travaram uma dura batalha. A curiosidade — após muita reflexão séria — venceu. Rodney se arrastou até a porta, retirou a cadeira e saiu para a passagem. O retinir do vidro quebrado o atraiu na direção de um quarto que estava situado a alguns passos. Rodney viu aquele agora já familiar abandono, a poeira, e o espelho espatifado espalhado pelo chão; cada partícula isolada refletindo a clara luz do luar, que fazia os cacos brilharem como estrelas caídas. Henri se apoiava curvado na parede, seu rosto grotesco mascarado pela sombra, suas mãos ridículas estendidas como que em súplica. Rodney sentiu seu medo desvanecer enquanto avançava pelo quarto, dando-se conta vagamente de que Henri poderia ser um monstro, algo projetado e construído pelo doutor

Frankwell, mas aparentemente também tinha emoções. Estava infeliz.

— Qual o problema? — ele perguntou, não que houvesse muita esperança de que Henri fosse entendê-lo, embora o *R* em seu nome significasse “raciocinante”.

A figura desengonçada postou-se sob a luz do luar, a mão direita apontando para os cacos quebrados do espelho e um som estrangulado escapou de sua boca larga. Rodney catou o pedaço maior de vidro e o encarou pensativo. Ele o estendeu e Henri se encolheu com um grito emudecido.

— Não vou machucá-lo. Era só um espelho velho e eu não creio que o doutor vai ficar com raiva por você tê-lo quebrado. Ele não parece usar esta parte da casa.



A enorme mão de Henri apareceu, apontou para o pedaço do espelho, então se virou e apontou o próprio rosto. A compreensão inundou a mente de Rodney com uma luz que a tudo revelava.

— Você viu um reflexo! E ele assustou você! Nossa, era de se esperar que assustasse. Veja... era você. Viu?

Ele segurou o pedaço de espelho acima de sua cabeça e o virou até que seu próprio jovem rosto estivesse refletido na reluzente superfície; então ele a virou até que ela pudesse ser vista pelo monstro. Henri tomou dele o fragmento de vidro e o encarou atentamente. De repente, ele apontou para si mesmo e emitiu um som de rosnado.

Rodney assentiu enfaticamente.

— Você. É você. Não há nada do que ter medo.

Henri não pareceu estar confortado por essa informação. Ele atirou o pedaço de vidro do outro lado do quarto e Rodney ficou surpreso ao ver uma solitária lágrima escorrer do olho grande, enquanto um tênue choro lamentoso vazava por entre seus lábios flácidos. Ele chocou uma mão contra a outra e pronunciou sua primeira palavra.

— Vou-u-cê...

Rodney assentiu novamente

— O certo seria “eu”, mas acho que você entendeu o ponto. Olha, você é inteligente.

Henri cambaleou para frente. Dando longos passos que estremeciam o chão, cruzou o quarto e se moveu lentamente até a passagem, com Rodney seguindo logo atrás. Rapaz e monstro desceram as escadas até o porão, onde Henri continuou a avançar até alcançar a porta do laboratório. Um único empurrão de seu punho direito precipitou-a para frente e uma terrível suspeita irrompeu na mente de Rodney.

Ele chamou:

— Doutor... Daniel... venham rápido!

O doutor emergiu de um quarto à esquerda, vestido num longo camisolão branco e usando um barrete com borla. Ele pôs os óculos apressadamente e perscrutou Rodney com certa irritação.

— Ave Maria, mas que barulheira é essa? Preciso dormir minhas oito horas de sono. Absolutamente essenciais.

— É o Henri — explicou Rodney. — Ele viu o próprio reflexo e agora acho que vai fazer algo terrível.

Como se confirmando suas palavras, ouviu-se um imenso estrondo vindo do laboratório e um baque; o som de madeira se partindo, de vidro estilhaçando, tudo entremeado a berros altos de ira insensata.

— Mas que raios deu nele? — perguntou o doutor, agora extremamente agitado. — Céus, ele está arruinando todo o meu

equipamento. Nunca serei capaz de substituí-lo. Daniel!

Daniel surgiu de outro quarto, parecendo um tanto ridículo em uma regata de lã e um comprido par de ceroulas. Bagunçou os próprios cabelos, esfregou os olhos e perguntou:

— Qual o problema? Alguém fazendo barulho.

O doutor agitou as mãos freneticamente na direção do laboratório.

— Henri está enfurecido. Entre ali e o contenha.

Daniel não pareceu muito entusiasmado em obedecer à última instrução, mas seguiu diligentemente na direção do laboratório, com o doutor e Rodney acompanhando seus passos cautelosamente. Quando chegou à soleira, parou e gesticulou para que seu empregador se adiantasse.

— Tudo acabado — disse ele, simplesmente.

Rodney olhou temerosamente por sobre o ombro do doutor Frankwell e chegou à conclusão imediata de que Henri havia feito um trabalho meticuloso. Todo o intrincado equipamento tinha sido esmagado, cabos partidos se penduravam das paredes e do teto como cobras mortas e até a mesa fora despedaçada em fragmentos irregulares. Apenas um item ainda permanecia intacto, a grande caixa de metal que antes havia emitido um zumbido alto. Henri estava cuidando dela agora. Ele a erguera bem acima da cabeça e estava prestes a espatifá-la no chão.

— Detenha-o! — gritou o doutor. — É o meu gerador. Milhares de volts de eletricidade estão estocados ali. A menor das sacudidelas e Henri vai ser explodido em pedacinhos.

Todos começaram a gritar ao mesmo tempo, tentando explicar a Henri seu apuro. Ele ficou perfeitamente imóvel, segurando o gerador com suas mãos destoantes, e pareceu a Rodney que a luz da fagulha do entendimento havia brilhado no olho grande e rotundo.

— Isso — disse o doutor, apontando para a caixa. — Se você derrubar, bum! Você... — Ele abriu as mãos bem largamente. — ... destruído. Acabado. Morto. Já era.

Segundos se passaram, então, a boca de Henri se abriu e ele pronunciou mais duas palavras.

— Vo-ou-cê-des-tru-ído?

O doutor assentiu. Daniel assentiu. Rodney fechou os olhos e fingiu dramaticamente que estava prestes a cair. Henri pareceu entender a mensagem, pois também assentiu. Quando Daniel fez um leve movimento adiante, porém, ele rosnou, em advertência. O doutor suspirou.

— Talvez seja melhor nós o deixarmos em paz. Pensando bem, estaríamos em grande perigo se ele derrubasse o gerador.

Rodney sentiu-se muito triste ao que eles voltaram pela passagem, então, se refugiou nas escadas e aguardou pelo que todos sabiam que devia acontecer. A explosão não foi muito alta, apenas um som pujante e abafado, seguido por um intenso clarão de luz. O doutor e Daniel voltaram para o laboratório devastado, mas Rodney permaneceu nas escadas. Logo a seguir, a dupla retornou. O doutor enxugava seus olhos às batidinhas com um grande lenço de bolso.

— Nada restou — disse. — Todo o meu trabalho sumiu num clarão. Nunca terei a disposição para recomeçar.

— Faz restaurador de cabelo — sugeriu Daniel. — Muito homem careca. Eu careca.

O Doutor Frankwell, subitamente, pareceu muito mais feliz.

— Ora, essa não é uma má ideia. Dá algum dinheiro, também. Aí poderei restaurar este lugar. Obrigado, Daniel.

Daniel sorriu encantado e gerou mais uma pérola de sabedoria.

— Fazer cabelo... não homens.

Depois, quando Rodney estava pedalando por uma travessa rural, bem distante daquela casa com mobília coberta de poeira, ele se sentiu grato por Henri não existir mais. Afinal de contas, já há monstros o suficiente no mundo sem serem de fabricação caseira.





A Dama de Lado

— — — — —
Lynda E. Rucker

UMA FAMÍLIA DESAPARECEU, sessenta anos após os moradores anteriores da casa terem morrido em circunstâncias misteriosas. Uma velha casa de procedência ancestral, desconhecida e talvez maligna. Um espectro conhecido, enigmaticamente, apenas como a “Dama de Lado”, e uma pequena cidade sob o domínio do terror por mais de cem anos...

Toby falou:

— Não estamos dominados pelo terror.

— Cale a boca — disse Stevie. Ela continuou a ler...

Aquela que hoje é conhecida como a Casa Beaumont foi desmanchada na Inglaterra, trazida para a pequena cidade de Ellington, Virgínia, nos Estados Unidos, e remontada por um homem que fez fortuna com estradas de ferro por volta da virada do século vinte. Sua amada esposa queria viver em um castelo. A Casa Beaumont não é bem um castelo, mas era na época, e ainda é hoje, a maior e mais suntuosa casa da cidade.

Toby perguntou:

— O que é suntuosa?

— Chique.

No início, o homem das estradas de ferro e sua esposa realizavam frequentes recepções em sua casa, eventos em feriados para os quais toda a cidade era convidada, festas e até alguns bailes. Mas, após cerca de um ano, tudo subitamente parou. A casa foi fechada; o homem e sua esposa raramente saíam e, na ocasião seguinte em que alguém ouviu falar deles,

ambos estavam mortos dentro da residência, por causas desconhecidas.

— O que isso significa? — perguntou Toby novamente.

— Significa que não sabem o que os matou.

— Raiva? — sugeriu Toby.

Ele andava obcecado com raiva naqueles dias, tendo visto algo a respeito na internet ou na escola.

— As pessoas não simplesmente *pegam* raiva, Toby. Não é como ficar gripado. Agora, para de interromper e me deixa terminar de ler isto pra você.

A casa permaneceu fechada por mais de sessenta anos, afundando em sua própria decadência. Mas, nos meses que precederam a chegada dos Beaumont, no fim dos anos 1960, ela fervilhava de atividade novamente, com operários revitalizando e restaurando o lugar. Quando a família Beaumont chegou, mãe, pai e três filhos adolescentes, pareceu no início que o lugar poderia realmente voltar à sua velha, ainda que breve, glória. Nat Beaumont era um senador com uma carreira política promissora — alguns diziam que ele seria governador dentro de poucos anos. Sua esposa, Thelma, havia sido professora antes de se casar com ele e ter filhos, e como o primeiro casal que havia morado ali, eles abriram a casa para festas e celebrações.

Mas, após alguns meses, a estranheza recomeçou. As pessoas diziam que Kathleen Beaumont, a mais velha das três adolescentes, vinha tendo um comportamento estranho. Ela contou aos amigos da escola que alguém que atendia por “Dama de Lado” havia ido morar na casa. Um de seus colegas relatou que, quando um professor a repreendeu por dormir na aula, ela afirmou que a Dama de Lado a acordava o tempo todo tentando deitar na sua cama.

Não muito depois disso, os pais de Kathleen a tiraram da escola de vez. Eles mencionaram a algumas pessoas que a estavam levando para se consultar com médicos, mas a cidade ficou em polvorosa com os rumores. Seus amigos contavam que ela afirmava ter invocado um demônio e a história era que a família havia procurado um sacerdote para exorcizá-la, embora o clérigo local tenha negado qualquer conhecimento de tal coisa.

Então, na noite do Dia das Bruxas, em 1969, a família inteira desapareceu.

Não havia sinais de violência ou atividade criminoso. Não havia sinal de nada em absoluto. Bagagens, bolsas, dinheiro, documentos, chaves — todas essas coisas, que uma pessoa levaria se estivesse em fuga, tinham sido deixadas para trás; além do mais, não havia uma única insinuação de algum escândalo que pudesse ter feito a família dar um passo tão drástico.

Apesar disso, os esforços dos agentes da lei se focaram no desaparecido

Nat Beaumont, mas, apesar de uma busca em âmbito nacional, nenhum rastro dele ou de sua família jamais foi encontrado.

Em Ellington foi diferente. Os rumores de que Kathleen havia assassinado todos eles se intensificaram ao longo dos anos; seus pais e seus irmãos mais novos, Hugh e Sarah. Mas ela havia sumido, assim como os demais.

Muitos dizem agora que o espírito de Kathleen, afligido pelos demônios, assombra a abandonada Casa Beaumont, atraindo passantes incautos para a mesma sina a qual ela levou sua família.

Por ora, ao que parece, a verdade sobre a Casa Beaumont permanece desconhecida, a menos que o Assombrações Reais decida fazer uma visita e desenterrar seus segredos de uma vez por todas!

Tem uma dica sobre uma casa assombrada em sua cidade? Mande a história pra gente e quem sabe não a publicamos em nosso site. Talvez até façamos um episódio do programa Assombrações Reais sobre ela! Agradecimentos à Hannah B. por nos enviar esta história, e lembrem-se: continuem mal-assombrados!

Toby comentou:

— Esse programa é idiota. Não é de verdade.

Stevie tentou não demonstrar ao irmão caçula o quanto estava exasperada com ele.

— Mas é o nosso favorito!

— É o *seu* favorito.

— A gente podia ir lá conferir a casa e talvez mandar pra eles algo sobre ela. De repente eles vêm investigá-la. Não seria bacana? Talvez a gente até apareça no programa!

— Se são de verdade as coisas que eles dizem sobre fantasmas no programa — disse Toby —, como é que a Mamãe nunca tenta entrar em contato com a gente?

Stevie, que estava ajoelhada em frente a ele colando estrelas recortadas no velho sobretudo que ele estava usando — um manto de feiticeiro, ela garantira a ele —, sentou-se sobre os calcanhares e respondeu:

— Porque a mamãe está em paz. Fantasmas assombram lugares quando não estão em paz. A mamãe está triste por ter nos deixado, mas ela sabe que estamos bem, então não precisa assombrar nada. Enfim, ela disse que sempre estaria com a gente. Lembre-se do que ela nos disse: *procurem por mim na luz da lua e no vento*. Quando a gente olhar pra lua, hoje à noite, podemos pensar nela cuidando da gente. — Ela entregou a ele uma vareta com tiras de cartolina amarela e laranja grudadas com fita na ponta. — Aí está sua varinha de feiticeiro.

Toby olhou para ela, hesitante.

— Não entendi.

— São chamadas saindo da varinha! — Ela deu um abraço nele e comentou: — Você tá parecendo um mago poderoso. A fantasia tá incrível. — O que ele realmente parecia era um menininho triste e ansioso, engolido por um sobretudo que seu pai não usava mais.

Ela sentiu que havia traído sua mãe porque não tinha se fantasiado esse ano como havia feito em sua antiga escola, com a fantasia de bruxa que a mãe fizera quando ela tinha a idade de Toby e ajustava todo ano, conforme ela crescia. Stevie tinha escutado que, quando se faz doze anos, já se está velho demais para se fantasiar no Dia das Bruxas. Era difícil ser a criança nova em uma escola nova, em uma cidade nova. É claro, como se viu, acabou que metade daquelas crianças *se fantasiou*, no fim das contas. Ela ficou ali sentada nas aulas de matemática, estudos sociais e ciências, cercada de zumbis, gatos, vampiros e super-heróis, sentindo-se humana e vulnerável.

O Dia das Bruxas é da bruxaria.

Era isso o que sua mãe costumava dizer. Ela amava o Dia das Bruxas. Com semanas de antecedência, a casa era coberta de laranja e preto. Um esqueleto poderia estabelecer residência em uma cadeira de balanço diante de uma das janelas da frente. Lápides falsas germinavam no jardim com epitáfios engraçados que ela tirava de um livro escrito por um homem chamado Edward Gorey. *G é de George, sufocado debaixo de um tapete*. No ano anterior, no dia seguinte ao Dia das Bruxas, alguns pais foram falar com ela. Aparentemente, ela tinha ido longe demais, assustado os filhos deles. Ela teve que convidar as crianças para irem até lá para algo inócuo, algo ridículo como biscoitos e Tang, e mostrar o lugar para elas, mostrar que não era realmente uma Casa de Bruxa e que nada de ruim lhes aconteceria. Stevie nunca tinha visto sua mãe tão exausta como no fim daquele dia.

— Não admira eu não sair com os outros pais — ela dissera, embrulhada na cama enquanto Stevie levava xícaras de chá para ela. — Meu Deus, como eles são chatos. São todos assim?

— Basicamente — respondeu Stevie. Era a razão pela qual ela também não tinha muitos amigos. Isso nunca a havia incomodado, até que sua mãe morreu e ela e Toby tiveram que deixar a “Casa da Bruxa”, sua antiga cidade e tudo da antiga vida e ela passou de poucos amigos a nenhum amigo nesse novo lugar.

— Vamos combinar uma coisa — ela agora disse a Toby. — Eu te levo pra brincar de doce ou travessura e, quando acabarmos, vamos andando até a Casa Beaumont. Se você achar que é muito esquisito ou muito assustador, a gente não entra, damos só uma olhada do lado de fora.

Toby ainda parecia hesitante.

Ela se inclinou para junto dele e sussurrou em seu ouvido, rosnando apatetada.

— Não vamos parar até pegarmos *todos os doces!* — Ele riu e ela disse novamente. — *Toooooos os doces!*

— Tá bom — ele concordou, ainda dando risada.

— Tá bom — ela disse. — Espera aqui. Tenho que me vestir. Daí a gente come alguma coisa e vai.

Seu vestido de bruxa estava muito curto e apertado, mas Stevie não sabia como costurar ou como encontrar alguém que soubesse ajustá-lo. Ela supôs que seria o último ano que iria usá-lo. Ela cabia nele por pouco, mas ficava meio difícil de respirar. *Magia em cada costura dele*, era o que sua mãe dizia. *Para a minha menininha bruxinha*.

Stevie estava preparando cachorros-quentes para o jantar deles quando seu pai chegou do trabalho. Morar com ele era esquisito, como morar com um estranho — o que ele era, uma figura distante que eles só viam umas poucas vezes por ano até que, de repente, tiveram que se mudar para sua casa. Ele tentou, isso ela admitia. De vez em quando aparecia com uma pizza e uma pilha de blu-rays, anunciando que era “Noite da Família!”. Eles tomavam parte diligentemente. Os filmes geralmente eram infantis demais para qualquer um deles. Seu pai sempre caía no sono antes deles acabarem.

Ele pareceu ligeiramente surpreso ao vê-los na cozinha, como sempre parecia, como se tivesse esquecido que tinha filhos. Stevie disse:

— Oi, pai. Quer que eu faça um cachorro-quente pra você?

Ele balançou a cabeça.

— O que vão fazer hoje, crianças?

— Vou levar o Toby pra brincar de travessuras ou gostosuras.

— Bom, não cheguem tarde. — Ele abriu a geladeira, encarou seu interior por um tempo, depois a fechou de novo sem tirar nada de lá. — E tomem cuidado — ele acrescentou, enquanto deixava o cômodo, como se tivesse lembrado que aquilo era o tipo de coisa que pais deveriam dizer.

A lua estava quase cheia e os espiava por entre os galhos pretos das árvores quando eles saíram. Passaram por um bando de personagens de Harry Potter e várias princesas.

— Todas essas casas estão com as luzes acesas, por que não estamos parando? — Toby perguntou.

— Têm casas melhores mais adiante — explicou Stevie. Ela queria se afastar dos vizinhos, ir para algumas ruas onde ninguém soubesse quem eles eram e fossem atender a porta sem aquela expressão que dizia *são aquelas pobres crianças da mãe morta*. Onde pudessem ser só

crianças normais. Ela também queria mantê-los andando na direção da Casa Beaumont, que ficava a alguns quilômetros de caminhada, meio longe para Toby, mas ela esperava que as travessuras ou gostosuras o distraíssem.

— Minha sacola tá muito pesada — disse ele, por fim.

Ela despejou metade em sua própria sacola e entregou-a de volta a ele.

— Agora *você* tá com todos os doces!

— Pode ficar com tudo quando chegarmos em casa.

— Meus pés doem.

A lua passava ligeira por trás das nuvens e eles se viram caminhando por uma parte antiga da cidade, sem postes de luz. Bem quando Toby havia começado com, “Não ligo mais pra casa assombrada, eu quero ir embora”, eles chegaram.

Stevie não tinha sido capaz de encontrar nenhuma foto da Casa Beaumont na internet, mas o que eles viram diante de si era melhor do que a imaginação dela. Recuada da rua, cercada por um portão de ferro, um vulto escuro e dilapidado contra o céu de outubro ainda mais escuro. Ela e Toby ficaram ali por um momento.

— Não tô gostando — disse o garoto. — Vamos pra casa.

— É assombrada, sabiam? — veio uma voz detrás deles.

Garotos da escola. Stevie os reconheceu, um par de gêmeos, um menino e uma menina. Ambos eram altos e pálidos, de cabelos escuros e curtos, e naquela noite vestiam calças jeans pretas e moletons pretos com capuzes.

— Vocês também são *expurbs*? — perguntou a garota. Stevie então lembrou-se do nome dela. Taylor. E seu irmão chamava-se Tristan.

— O que é um *expurb*?

— Explorador urbano — respondeu Tristan. — Nós exploramos lugares abandonados.

— Nós só viemos ver a casa assombrada — disse Stevie.

— Isso faz de você uma *expurb*. Contanto que faça do jeito certo — explicou Tristan.

— E qual é o jeito certo?

— Fique calmo. Não mexa em nada. Deixe tudo como encontrou. Não seja flagrado.

— Esse era o plano — disse Stevie. — Mas não sou uma exploradora urbana. Sou uma caça-fantasmas.

Taylor afirmou:

— Nunca exploramos um lugar que dizem ser assombrado.

Quatro parecia ser demais para uma caça a fantasmas. Se estiver

com muita gente, os fantasmas provavelmente não vão se revelar. É por isso que ninguém nunca tinha ouvido falar em fantasmas aparecendo em, digamos, estádios de futebol ou shoppings.

Por outro lado, como dizia o ditado, a união faz a força.

Stevie perguntou:

— Vocês conhecem aquele programa, *Assombrações Reais*? Talvez eles venham aqui investigá-la. Vim dar uma conferida pra eles.

— Por que eles contratariam uma criança? — perguntou Tristan.

— Não é algo como um contratado — explicou Stevie. — É como uma consultoria.

— Não acredito em você — disse Taylor.

— De todo modo, aquele programa fala de coisas falsas — acrescentou Tristan. — Essa não é falsa. Nossa avó conheceu a tal garota, Kathleen Beaumont. Elas eram amigas. Ela se lembra de quando tudo aconteceu.

— O que ela acha que aconteceu com eles?

— Disse que não acredita que Kathleen machucaria alguém.

— E quanto à Dama de Lado?

Taylor ergueu a voz.

— Eu conheci uma pessoa que a viu uma vez.

— Sério?

Taylor assentiu solenemente.

— Ela disse que foi apavorante o que ela fez.

Stevie quase tinha medo demais para perguntar.

— E foi o quê?

— Ela... — Taylor parou. — *Ela ficou de lado.*

— Não seja malvada, Taylor — Tristan a repreendeu, mas Stevie ficou constrangida. A noite estava sendo arruinada. Ela queria pegar Toby e ir pra casa, mas não queria que eles — especialmente Taylor — pensassem que ela era covarde.

Os quatro pararam e olharam para a casa diante deles. Stevie teve a sensação de que a casa os olhou de volta, de que suas janelas vazias eram olhos.

Stevie e Toby esconderam nos arbustos suas sacolas de doces do Dia das Bruxas — Taylor e Tristan não tinham nenhuma — e foram avançando cuidadosamente pelo jardim de grama alta. Quanto mais eles se aproximavam da casa, mais o estômago de Stevie se contraía numa bolinha.

Tristan sussurrou:

— Vocês trouxeram lanternas?

Ela meneou a cabeça.

— A primeira regra do expurb é sempre estar preparado — explicou Tristan e colocou uma na mão dela. — Vocês não têm nenhum equipamento de caçar fantasmas?

Kev e Lori, os apresentadores de *Assombrações Reais*, sempre estavam preparados. Stevie não havia nem pensado em como eles entrariam na casa.

Isso, ao menos, não parecia ser um problema. Quando eles pisaram no alpendre, ela pôde ver que a porta da frente estava ligeiramente entreaberta.

Stevie se deteve e deixou que Tristan e Taylor entrassem primeiro antes de segui-los, segurando firme a mão de Toby. Eles moveram os fachos de suas lanternas ao longo do teto, das paredes. Estavam em um saguão vazio. Em frente a eles, um corredor desaparecia na escuridão, com portas de ambos os lados. O papel de parede pendia em tiras. Ela não conseguia discernir a estampa, mas estremeceu mesmo assim porque subitamente ele a fez pensar em pele esfolada. E se as casas fossem como pessoas? E se elas se machucassem, e se fossem cheias daquelas emoções complicadas que as pessoas carregam dentro de si?

O que aconteceria se você abrisse uma porta e deixasse esses sentimentos *saírem*?

Taylor sussurrou:

— Vamos lá pra cima.

Então, alguém disse:

— O que estão fazendo na minha casa, crianças?

A mulher que os encarava, segurando alto uma lanterna, junto de um rosto enrugado, emoldurado por revoltos cabelos brancos, usava uma camisola à moda antiga, branca e de colarinho alto. Seus pés estavam descalços. Ela devia ter vindo de uma das portas fechadas no corredor que se espichava diante deles escuridão adentro, mas eles não conseguiam ver qual.

Por um longo momento, ninguém disse uma palavra. Então a mulher continuou:

— Se vieram aqui me roubar, eu não tenho dinheiro. Não tem nada aqui para levarem.

— Ah! — Stevie não sabia que iria fazer algum ruído até depois dele ter escapado. Ela estava horrorizada pela mulher ter pensado que eles eram ladrões. — Não! Nós... achamos que ninguém morava aqui.

— Ninguém mora — a mulher respondeu. — Eu sou ninguém.

Taylor perguntou:

— Você é Kathleen Beaumont?

— Esse nome soa familiar — respondeu a mulher. — Mas acho que

eu nunca tive um nome.

Stevie disse:

— Sentimos muito. Nós já vamos.

— Não podem ir ainda — a mulher respondeu. — É noite de Dia das Bruxas, não? Venham se sentar comigo. Tenho alguns bolos que posso dar a vocês. É isso o que vocês querem no Dia das Bruxas, não é? Doces? — Ela sorriu, mas, quando o fez, seu sorriso fez Stevie lembrar do lobo nos contos de fada, uma boca que se esticava para trás, revelando longos dentes caninos.

Stevie disse rapidamente:

— Não, nós...

— Me sinto tão só — a mulher continuou. — Ninguém nunca vem me visitar. Agora, tenho minha própria bruxinha e meu próprio feiticeiro me visitando e nem eles querem ficar.

Stevie lembrou-se de que eles supostamente eram caça-fantasmas. Quando se é um caça-fantasma, se alguém o convida para ir mais fundo em uma casa assombrada, não se deve dizer *não*.

Eles seguiram a mulher até um cômodo junto ao saguão. Ele outrora fora um grande cômodo, era perceptível, mas agora estava vazio, exceto por uma lareira despedaçada, um lustre que em algum momento havia caído e sido colocado em um canto, e dezenas de velas que a mulher havia acendido e disposto pelo chão. Eles tinham que andar com cuidado para evitá-las.

— Esperem aqui, meus queridos — recomendou ela, e lá estava aquela horrível paródia de sorriso uma vez mais. — Eu já volto. — E ela passou por outra porta.

Para Toby, que nunca havia estado tão quieto, Stevie advertiu:

— Não coma nada que ela der a você.

— Bom, ela não está de lado, então, tirando ela ser totalmente pirada, provavelmente estamos bem — disse Taylor.

A mulher voltou mais rápido do que Stevie esperava, carregando uma bandeja com quatro pequenos pratos de porcelana, cada um com o que ela imaginou ser um pedaço de bolo. Era difícil dizer à luz de velas. A mulher os distribuiu e ficaram todos ali, sem jeito, segurando-os. Stevie enfim pensou em uma desculpa:

— Eu não posso comer glúten. Nem meu irmão.

— Como, querida?

— Sinto muito — disse Stevie.

— Não faça ideia do que você está falando — disse a mulher. — Seja o que for, tenho certeza de que não tem nada dessas porcarias nos meus bolos.

Taylor perguntou:

— Você mora aqui sozinha?

A mulher não respondeu por um tempo. Então falou:

— Acho que antes havia outros aqui comigo. Acho que eu tive uma família, um dia.

Ao que Toby deixou escapar:

— Você matou sua família?

Stevie sibilou:

— *Toby!*

Mas a mulher voltou seu olhar para ele. Ela o olhou por algum tempo, então sorriu seu sorriso inquietante e respondeu:

— Acredito que posso ter matado. Pic, pic, pic, em pedacinhos.

Toby ficou boquiaberto.

— Estou só caçoando, meu bem! Eu não me lembro, mas acho que inventaram histórias sobre mim. Vocês sabem como são cidades pequenas. Já faz tanto tempo. Me dão licença um instante? — A mulher se levantou e voltou pela porta da qual havia saído. As crianças ficaram sentadas, paralisadas por um momento, então Stevie olhou para seu bolo.

— Gente... — ela disse.

Os bolos, eles agora podiam ver, eram pelotas pretas de bolor. Um cheiro terrível saía delas e Stevie viu algo branco se mexendo no dela. *Vermes*. Ela soltou um grito baixinho e o derrubou. Então, como se uma corrente de ar tivesse soprado pelo cômodo — embora eles não tivessem sentido nada —, as velas se apagaram.

Eles não precisaram discutir seu passo seguinte. As quatro crianças dispararam do cômodo de volta ao saguão. Taylor agarrou a porta e deu-lhe um puxão. Ela não saiu do lugar.

Tristan tentou; todos tentaram.

— Vocês são os caça-fantasmas — disse Tristan. — O que a gente faz?

— Não sou realmente uma — admitiu Stevie. — Apenas quero ser um dia. Na verdade, sou uma bruxa.

— Para de mentir — Taylor esbravejou.

— Não tô mentindo. E este é um vestido de bruxa.

— Se você é uma bruxa — disse Tristan — consegue nos tirar dessa?

— Isso seria superútil — afirmou Taylor.

— Eu nem sei se ela é um fantasma ou não. — Eles agora estavam todos falando ao mesmo tempo.

— Acho que ela é de verdade. Uma pessoa.

— Acho que ela não matou ninguém.

— Acho que ela matou todo mundo.

— Eu não sei o que ela é.

— Eu não ligo pro que ela é.

— Se ela for um fantasma, não tem como nos machucar. Ela é só que nem um filme que te mostra coisas assustadoras — esse foi Toby.

— Era isso o que nossa mãe costumava dizer sobre filmes de terror.

Tristan salientou:

— Isso não é um filme.

Todos falaram ao mesmo tempo mais uma vez.

— Ela é tão velha, não é como se pudesse fazer alguma coisa pra nos machucar.

— Ela consegue, se tiver um machado.

— Aposto que ela nunca machucou uma mosca.

— Quem é ela, afinal? Será que é *ela*?

— Pode não ser ela. Pode ser um demônio.

— A gente podia quebrar uma das janelas naquele quarto e sair por ela.

— *Eu* é que não volto lá.

Stevie se perguntou o que fariam Kev e Lori, os caça-fantasmas, mas a pior coisa com a qual eles já haviam tido que pelear fora um ponto frio em uma casa ou alguns barulhos assustadores.

Porém, isso deu a ela a coragem que precisava.

— Eu vou — ela disse. — A porta da frente provavelmente se fechou com a brisa e trancou. Ela vai ter a chave.

Ela se virou e empurrou a porta pela qual eles haviam acabado de passar, para abri-la.

— Srta. Beaumont! — chamou e ficou surpresa com o quanto sua voz pareceu firme. Isso fez com que se sentisse ainda mais calma.

Stevie chamou outra vez.

— Srta. Beaumont! — Ela foi até a outra porta e a abriu.

Esperava encontrar algum tipo de cozinha, mas era só outro cômodo grande, escuro e vazio. A mulher estava de pé num canto, junto da janela. Apenas ali, parada, sem fazer nem dizer nada. Stevie tentou dizer o nome dela de novo, mas nada saiu.

Ela deu alguns passos para dentro do local e sentiu a temperatura cair. Era exatamente como Kev e Lori descreviam em *Assombrações Reais*. A escuridão pareceu sólida, como se estivesse comprimindo seu peito. Parecia que havia algo errado com a mulher — mais errado que qualquer coisa que eles já haviam observado — mas ela não conseguia atinar qual era o problema. Por fim, Stevie recobrou a voz e perguntou:

— Você está bem?

Naquele momento, a lua deve ter saído de trás de uma nuvem, porque um feixe de sua luz penetrou pela janela e ao longo da figura.

Aquela não era a mesma mulher que havia lhes dado as boas-vindas mais cedo.

Era uma jovem vestida com roupas de um período de muito tempo atrás, seu perfil o de uma bela dama, com o cabelo puxado para trás de um rosto impecável. Mas ela se postava com um tipo peculiar de tensão.

Então ela se virou.

Apenas um dos lados era a bela jovem. O outro era um horror embasbacante. Aquele rosto, todo aquele lado de seu corpo, estava apodrecido, um olho em uma órbita arruinada, dentes presos a uma estrepitante mandíbula de ossos, um esterno nu com pedaços esfarrapados de carne e tecidos moles pendendo dele. Ao redor da figura toda havia uma grande escuridão. Seus olhos se fixaram nela, sua boca se abriu e ela deixou escapar um uivo que pareceu durar uma eternidade. Ela ergueu as mãos e estendeu os dedos, cinco dedos finos, pálidos e impecáveis e cinco garras ossudas.

A coisa voou pelo quarto. A boca cada vez mais aberta, impossivelmente aberta, como se fosse engoli-la inteira. As pernas de Stevie não funcionavam; sua voz não funcionava. *Eu sou uma bruxa*, ela pensou. *Eu sou uma bruxa. Eu sou uma bruxa. Magia em cada costura.*

Vou estar com vocês na luz da lua e no vento.

O mundo tornou-se preto.



Alguém estava chorando.

— *Stevie!* — Era a voz de Toby. A primeira coisa que ela viu foi o rosto dele, pairando acima do dela. A seguinte foi o céu noturno atrás dele e a lua.

Toby irrompeu em lágrimas.

Stevie se ergueu até uma posição sentada. Eles estavam sentados na calçada, do outro lado do portão da Casa Beaumont.

— Eu a vi — ela disse. — A Dama de Lado. Ela é real.

— Seja lá o que você viu, te deu força super-humana ou coisa assim — narrou Taylor a ela.

Eles começaram a falar ao mesmo tempo mais uma vez, mas, pelo que conseguiu compreender, ela tinha saído em disparada do quarto, passou pelo saguão onde eles estavam reunidos e deu um puxão na porta, como se ela nunca tivesse estado emperrada.

— Seus pés nem tocavam no chão, — Toby comentou.

Eles atravessaram o jardim correndo e já tinham passado pelo portão quando ela desabou. Estavam tentando reanimá-la há uns bons dez minutos.

— Se você viu a Dama de Lado — perguntou Tristan — então quem era a mulher que *nós* encontramos lá dentro?

Stevie sentia como se alguém tivesse batido sem parar em sua cabeça com uma marreta.

— Eu não sei — admitiu. — Talvez fosse ela em outra forma, tentando nos enganar. Talvez um fantasma.

— Mas fantasmas não envelhecem.

— Eu não sei o que fantasmas fazem — afirmou Stevie.

Toby chorou durante metade do caminho para casa porque estava muito assustado e aliviado, e pelo restante porque havia deixado seus doces para trás. Stevie teve que prometer que conseguiria mais gostosuras para ele e, naquela noite, ela dormiu no chão do quarto dele — para que ele não ficasse com medo, ela disse a si própria, mas, na verdade, era por conta dela mesma.

Ela pendurou seu vestido de bruxa no fundo do armário, onde sabia que ele estaria seguro, mas não conseguiria vê-lo. Ela não tinha certeza de que algum dia iria querer olhar para ele de novo.

Durante semanas, ela acordava com frequência, sobressaltada, com a sensação de que alguém havia acabado de escapulir do seu quarto. Com o tempo, o medo se dissipou, embora seu sono ainda fosse intermitente. Na escola, ela, Tristan e Taylor se evitavam. Desconfiava que Taylor tinha dito algumas coisas maldosas sobre ela para outras crianças, porque as pessoas começaram a ignorá-la ainda mais do que

o de costume. Tentou escrever algumas cartas para o *Assombrações Reais*, mas não sabia o que dizer e, por fim, abandonou o projeto.

Na primavera, um feroz tornado rasgou a cidade. Ele arrancou o telhado de um posto de gasolina e quebrou algumas janelas de um colégio, mas pareceu ter uma fúria especial reservada para um local em particular.

Stevie comprou um exemplar do jornal local, o *Arauto de Ellington*, que relatou a destruição. Ela recortou a matéria pertinente:

MAIOR CASA DE ELLINGTON NÃO EXISTE MAIS **por Kay Herndon, da redação**

Uma edificação conhecida localmente como a Casa Beaumont, que existia em Ellington há mais de cem anos e, antes disso, em seu lar original no interior da Inglaterra, recebeu o maior impacto da destrutiva tempestade de ontem. Ventos com velocidades superiores a 240 km/h irromperam pela cidade, mas foi a Casa Beaumont que se mostrou o foco da força da tempestade e de ventos muito intensos. As construções próximas saíram ilesas.

A Casa Beaumont foi habitada por menos do que três de seus quase 120 anos em Ellington. As breves residências de seus dois proprietários e as misteriosas circunstâncias em torno de suas mortes ou desaparecimentos deram origem a rumores de assombrações.

A corretora imobiliária Heather Woodrow disse que tentou vender ou mesmo alugar a casa várias vezes em nome de Adam Beaumont, um descendente do irmão do ex-senador Nathaniel Beaumont, que, junto de sua família, foi visto na casa pela última vez em 1968. Woodrow diz que, apesar das características notáveis da casa e de sua longa história, os compradores em potencial eram sempre desencorajados por uma “sensação ruim” que afirmavam ter quando a construção lhes era mostrada.

“Eu mesma nunca senti nada disso”, Woodrow reconheceu. “Creio que eles provavelmente escutaram histórias e isso influenciou como se sentiam a respeito da casa quando vinham até aqui para visitá-la.”

“Mesmo assim, era de se pensar que algumas pessoas achariam divertido viver em uma casa assombrada! Acho que ela nunca encontrou os compradores certos.”

A Casa Beaumont foi trazida para os Estados Unidos em 1899 por Ralph Brightman, um barão das estradas de ferro que desejava um “castelo” para sua esposa. É provável que se Brightman ou sua esposa tivessem feito alguma pesquisa sobre a casa, que estava aninhada nas profundezas do interior de Devon e foi vendida por uma ninharia para o rico americano, com a condição de que ela fosse transferida mas não destruída, eles teriam escolhido uma morada diferente.

De acordo com a sociedade histórica local, a casa, que foi construída no século dezessete, há muito era o foco de histórias sobre nobres abastados se aventurando em ritos ocultos. Uma antiga lenda em particular se referia a uma entidade conhecida localmente como a “Dama de Lado”. Meio mulher e meio demônio, ela atraía pessoas com uma beleza sobrenatural antes de se virar e revelar sua outra metade demoníaca. Dizem que muitos viajantes exaustos desapareceram nas redondezas da casa, que estava abandonada há décadas na época em que Brightman a adquiriu.

Ao longo dos anos, houve esforços locais de tempos em tempos para que a cidade de Ellington comprasse a casa e a usasse para eventos comunitários, mas esses planos sempre empacaram.

Agora, o peculiar marco de Ellington não existe mais.

Stevie guardou a matéria dobrada na gaveta de sua escrivaninha. Ela voltou para o site do *Assombrações Reais* algumas vezes para reler a história ali, mas não foi capaz de encontrá-la novamente.

Algumas semanas após o tornado, foi de bicicleta até o local da Casa Beaumont numa tarde de domingo. Uma equipe de demolição havia claramente trabalhado para limpar e rebocar os destroços que a tempestade deixara. Seu equipamento — um trator de esteira e uma retroescavadeira com um longo braço amarelo entortado em direção ao céu — estava em meio a montes de destroços ordenadamente empilhados. Não havia sobrado nada que pudesse ser reconhecido como uma casa. A fúria da tempestade tinha sido precisa e meticulosa.

Ainda assim, havia algo de estranho no ar onde antes havia estado a casa. Um vazio, como se o vácuo pudesse ter uma presença e uma forma.

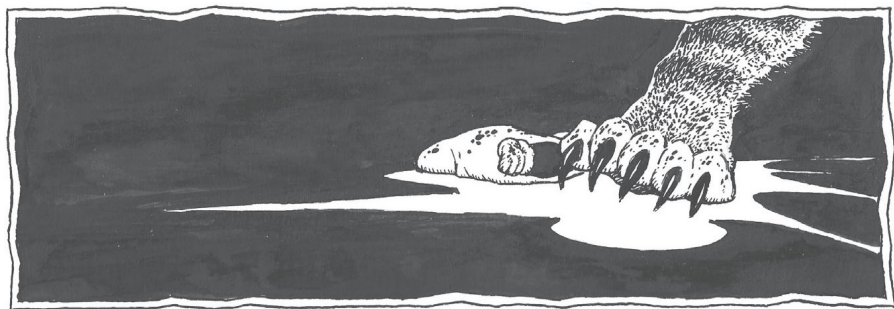
Stevie deixou sua bicicleta na calçada e ignorou a sinalização alertando para manter distância da propriedade. Ela foi até onde se lembrava que o alpendre ficava, deu alguns passos adiante para o corredor, para a sala com as velas e o terrível local onde tinha visto a Dama de Lado.

Desde o tornado, um pensamento a assombrava e ela não conseguia fazê-lo ir embora.

A tempestade podia ter destruído a casa, mas e se em vez de destruir a Dama de Lado com ela, o vento a tivesse espalhado por toda parte, libertando-a das paredes que a mantiveram cativa por séculos? E se agora a Dama de Lado pudesse estar em qualquer lugar que quisesse?

Uma sombra se moveu pelo sol e esfriou o calor do dia de primavera.





Aqui Há Tigres

—
Stephen King

CHARLES PRECISAVA desesperadamente ir ao banheiro.

Não adiantava continuar se enganando que poderia esperar até a hora do recreio. Sua bexiga gritava para ele, e a Srta. Bird o surpreendeu contorcendo-se.

Havia três professoras de terceira série na Escola Primária da Rua Acorn. A Srta. Kinney era jovem, loura, cheia de vitalidade e tinha um namorado que a vinha buscar depois das aulas, em um Camaro azul. A Srta. Trask tinha as formas de uma almofada mourisca, penteava o cabelo em tranças e ria com estardalhaço. E havia a Srta. Bird.

Charles sabia que ele ia acabar ficando com a Srta. Bird. Ele *sabia* disso. Era inevitável. Porque, obviamente, a Srta. Bird queria destruí-lo. Ela não permitia que crianças fossem ao porão. O porão, dizia a Srta. Bird, era onde ficavam as caldeiras, de modo que damas bem-comportadas e cavalheiros nunca desciam *lá*, porque porões eram coisas velhas, desagradáveis e ferruginosas. Mocinhas e mocinhos não vão ao porão, dissera ela. Eles vão ao *banheiro*.

Charles se contorceu novamente. A Srta. Bird o fitou de banda.

— Charles — disse ela calmamente, ainda dirigindo seu ponteiro para a Bolívia —, você precisa ir ao banheiro?

Cathy Scott, no assento à frente dele, deu uma risadinha, cobrindo a boca prudentemente.

Kenny Griffen abafou o riso e chutou Charles por baixo da carteira. Charles ficou vermelho vivo.

— Responda, Charles — disse animadamente a Srta. Bird. — Você

precisa...

(urinar, ela vai dizer urinar, como sempre faz)

— Sim, Srta. Bird.

— Sim, o quê?

— Eu tenho que ir ao po... ao banheiro.

A Srta. Bird sorriu.

— Muito bem, Charles. Pode ir ao banheiro e urinar. É o que precisa fazer lá?

Urinar?

Charles baixou a cabeça, condenado.

— Muito bem, Charles. Pode ir. E, da próxima vez, por favor, não fique esperando que eu lhe pergunte.

As risadinhas encheram a sala. A Srta. Bird bateu no quadro com seu ponteiro.

Charles arrastou-se pelo corredor entre as carteiras, na direção da porta, sentindo 30 pares de olhos pousados em suas costas. E cada um daqueles colegas, incluindo Cathy Scott, sabia que ele ia ao banheiro para urinar. A porta ficava a uma distância de, pelo menos, um campo de futebol. A Srta. Bird não continuou a aula, ficou calada até ele abrir a porta, passar para o corredor abençoadamente vazio e fechar a porta suavemente.

Ele caminhou em direção ao banheiro dos meninos

(porão porão porão SE EU QUISER)

arrastando os dedos ao longo dos frios ladrilhos da parede, deixando que escalassem o quadro de avisos e escorregassem levemente através da

(QUEBRE O VIDRO EM CASO DE EMERGÊNCIA)

caixa vermelha de alarme contra incêndios.

A Srta. Bird *gostava* daquilo. Ela *gostava* de deixá-lo com o rosto vermelho. Na frente de Cathy Scott — que *nunca* precisava ir ao porão, isso era justo? — e de todos os outros.

Filha da p-u-t-a, pensou ele. Soletrou a expressão, porque no ano anterior decidira que Deus não a consideraria um pecado, se fosse soletrada.

Entrou no banheiro dos meninos. Estava muito frio lá dentro, com um cheiro fraco, mas não desagradável, de água sanitária pairando pungentemente no ar. Agora, pelo meio da manhã, o banheiro estava limpo e vazio, tranquilo e muitíssimo agradável, nada parecido com o cubículo enfumaçado e fedorento do Cinema Star, no centro da cidade.

O banheiro

(porão!)

era construído em forma de L, ficando a haste mais curta com uma fileira de pequenos espelhos quadrados e pias de porcelana branca, além de um recipiente com toalhas de papel,

(NIBROC)

e a haste mais comprida com dois mictórios e três cubículos com vaso sanitário.

Charles foi para o outro lado do banheiro, após olhar soturnamente para seu rosto fino e meio pálido em um dos espelhos.

O tigre estava deitado na extremidade mais adiante, logo abaixo da janela branco pedregosa.

Era um tigre grande, com listras amareladas e escuras cruzando seu pelo.

Ele ergueu os olhos alertas para Charles, apertando as pupilas esverdeadas. Uma espécie de ronronar sedoso escapou-lhe da boca. Músculos lisos flexionaram-se e o tigre se pôs sobre as patas. Sua cauda agitou-se, fazendo pequenos sons de batidas contra o lado de porcelana do último mictório.

O tigre parecia absolutamente faminto e muito perigoso.

Charles correu, percorrendo de volta o caminho já feito. A porta parece levar uma eternidade para resfolegar pneumaticamente atrás dele, mas, quando se fechou, Charles considerou-se a salvo. Aquela porta apenas oscilava, e ele não se lembrava de já ter lido ou ouvido dizer que tigres são inteligentes o bastante para abrir portas.

Passou o dorso da mão sobre o nariz. Seu coração batia tão forte, que era capaz de ouvi-lo. Ainda precisava ir ao porão, mais do que nunca.

Contorceu-se, pestanejou e apertou uma das mãos contra a barriga. *Realmente*, tinha que ir ao porão. Se, pelo menos, tivesse certeza de que não viria ninguém, usaria o das meninas. Ficava bem do outro lado do corredor. Charles olhou para lá ansiosamente, sabendo que nunca teria coragem, nem em um milhão de anos. E se Cathy Scott aparecesse? Ou — tremendo horror! — se a *Srta. Bird* aparecesse?

Talvez ele tivesse imaginado o tigre.

Abriu a porta, uma fresta suficiente para um olho, e espiou.

O tigre espiava de volta, junto ao ângulo L, seu olho era verde cintilante. Charles fantasiou que podia distinguir um pequenino cintilar azul naquele brilho profundo, como se o olho do tigre tivesse comido o seu próprio. Como se...

Uma mão deslizou em volta de seu pescoço.

Charles soltou um grito contido, enquanto sentia o coração e o estômago amontoarem-se em sua garganta. Por um terrível instante,

pensou que ia se molhar todo.

Era Kenny Griffen, sorrindo complacentemente.

— A Srta. Bird me mandou atrás de você, porque saiu da sala há seis anos. Você está encrencado.

— Eu sei, mas não posso ir ao porão — disse Charles, ainda nervoso pelo susto que Kenny lhe dera.

— Está com prisão de ventre! — cantarolou Kenny alegremente. — Espere só até eu contar a *Caaathy*!

— Não tem nada que contar a ela! — exclamou Charles, prontamente. — Além disso, não estou com prisão de ventre. Há um tigre lá dentro.

— E o que ele está fazendo? — perguntou Kenny. — Mijando?

— Não sei — respondeu Charles, virando o rosto para a parede. — Eu só queria que ele fosse embora — acrescentou, começando a chorar.

— Ei! — disse Kenny, perplexo e um pouco amedrontado. — Ei!

— E se eu *tiver* que ir? E se não houver outro jeito? A Srta. Bird irá dizer que...

— Ora, vamos! — disse Kenny, agarrando seu braço com uma das mãos e abrindo a porta com um empurrão com a outra. — Você está inventando.

Já estavam dentro do banheiro antes que Charles, aterrorizado, pudesse libertar-se e encolher-se contra a porta.

— Um tigre — disse Kenny, enojado. — Rapaz, a Srta. Bird *vai matar* você!

— Ele está no outro lado.

Kenny começou a caminhar ao longo da fila de pias.

— Pss-pss-pss? Pss?

— Não faça isso! — sibilou Charles.

Kenny desapareceu atrás da quina da parede.

— Pss-pss? Pss-pss? Pss...

Charles disparou pela porta novamente e apertou-se contra a parede, esperando, as mãos cobrindo a boca e os olhos fortemente apertados, esperando, esperando o grito.

Não houve grito nenhum.

Ele não fazia ideia de quanto tempo permaneceu ali, congelado, a bexiga explodindo. Olhou para a porta do porão dos meninos. Ela nada lhe disse. Era apenas uma porta.

Não iria.

Não poderia ir.

No entanto, finalmente entrou.

As pias e espelhos continuavam em ordem, e o fraco cheiro de água sanitária não se modificara. Mas parecia haver um cheiro sob aquele. Um cheiro vago e desagradável, como o de cobre recém-cortado.

Com sofrida (mas silenciosa) apreensão, ele chegou até a quina do L e espiou.

O tigre estava estirado no chão, lambendo as enormes patas com uma comprida língua rosada. Olhou para Charles sem curiosidade. Em uma de suas presas, havia um pedaço rasgado de camisa.

Mas a necessidade de Charles já se tornara uma agonia e ele não tinha como esperar mais. *Tinha* que se aliviar. Na ponta dos pés, voltou até a pia de porcelana branca mais próxima da porta.

A Srta. Bird irrompeu no banheiro justamente quando ele puxava o zíper das calças.

— Ora, mas você, seu garotinho sujo, seu porco! — disse ela, quase ponderadamente.

Charles mantinha um olho vigilante no canto.

— Sinto muito, Srta. Bird... o tigre... eu vou limpar a pia... vou passar sabão... juro que vou...

— Onde está Kenneth? — perguntou calmamente a Srta. Bird.

— Não sei.

De fato, ele não sabia.

— Ele está aí dentro?

— *Não!* — gritou Charles.

A Srta. Bird estacou na quina do banheiro.

— Venha cá, Kenneth. Agora mesmo.

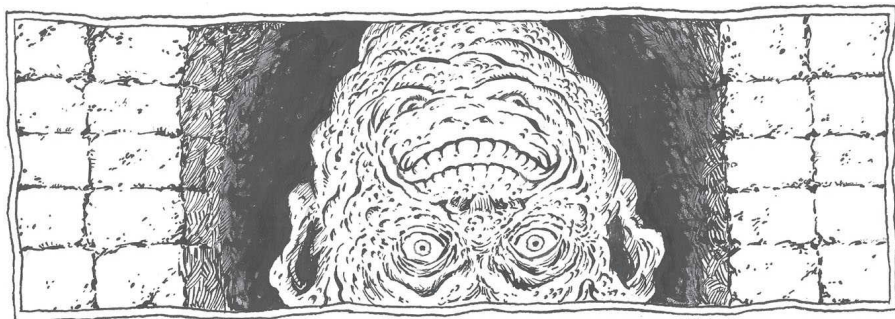
A Srta. Bird, entretanto, já tinha dobrado a quina. Ela queria surpreender. Charles pensou que a Srta. Bird estava prestes a descobrir o que realmente significava surpreender.

Tornou a cruzar a porta. Bebeu água no bebedouro. Olhou para a bandeira americana pendendo à entrada do ginásio. Olhou para o quadro de avisos. A Coruja Sábia dizia FIQUE ATENTO, NÃO POLUA. O Policial Amigo dizia NUNCA ACEITE CARONA DE ESTRANHOS. Charles leu tudo duas vezes.



Depois voltou para a sala de aula, seguiu por sua fila de carteiras até onde ficava a sua, sempre com os olhos baixos, deslizou para o seu banco. Faltavam 15 minutos para as 11 horas. Apanhou *Roads to Everywhere* [Estradas para toda parte] e começou a ler sobre Bill no rodeio.





A Chaminé



Ramsey Campbell

TALVEZ A MAIOR PARTE tenha sido só medo. Mas não a última coisa, essa não. Culpar meu medo por aquilo seria o pior de tudo.

Eu tinha doze anos de idade e estava começando a vencer meus medos. Até ia para o andar de cima fazer minha lição de casa e conseguia ignorar a chaminé. Eu tinha que ser corajoso, por causa dos meus pais — por causa da minha mãe.

Ela sempre temera por mim. No meu primeiro dia de escola, eu a tinha visto me observando. Sua expressão me lembrou do rosto de uma garota que vi de relance na televisão, assistindo a homens prenderem seu marido; fiquei assustado durante todo aquele primeiro dia. E, quando as crianças ficavam histéricas ou começavam a me maltratar, ou os professores perdiam a paciência, essas coisas só confirmavam meus medos — e os de minha mãe, quando contava a ela o que havia acontecido.

Agora, eu estava na escola fundamental. Já estava lá há quase um ano inteiro. Tinha me sentido desconfortável com meu uniforme novo e meus sapatos velhos; o prédio parecia enorme, apinhado de muitas crianças e professores estranhos. Eu me sentia um forasteiro; abordagens amigáveis me deixavam nervoso e amuado, quando as pessoas riam e eu não sabia por que, tinha certeza de que estavam rindo de mim. Após algum tempo, os outros meninos me tratavam como eu parecia querer ser tratado: os rapazes dos distritos mais pobres zombavam do meu sotaque suburbano e os meninos suburbanos desdenhavam dos meus sapatos velhos.

Eu geralmente orava para que o professor não me fizesse uma

pergunta que eu não soubesse responder, ficava sentado, paralisado no vigilante silêncio da espera por meu pavor de ter que me levantar. Se um professor gritava com alguém, meu coração pulava dolorosamente; uma vez, senti a mancha de meu choque rastejar insidiosamente por minha coxa abaixo. Ainda assim, me saí bem nas provas de fim do período, pois tinha pavor de ser reprovado; por várias noites depois disso elas eram outra razão pela qual eu não conseguia dormir.

Minha mãe lia os sinais de tudo isso em meu rosto. Uma vez tendo contado a ela qual era o problema, eu tinha que persuadi-la de que não a estava poupando de algo pior. Em certas manhãs, deitado na cama, tentando me atrasar até as sete e meia, eu adoecia; me arrastava miseravelmente escada abaixo, rosto pálido, e minha mãe me deixava ficar em casa. Vez por outra, quando meu medo não era o suficiente, eu me fazia adoecer.

— Olha pra ele. Não pode esperar que ele vá desse jeito. — Mas meu pai só balançava a cabeça e resmungava, dispensando nós dois.

Eu sabia que meu pai me achava constrangedor. Esse ano, ele havia tido menos tempo pra mim do que de costume; sua loja — a Loja Tem de Tudo, nas proximidades do vilarejo suburbanizado — estava perdendo a disputa para o novo supermercado. Mas, antes daquele problema, eu com frequência o via encarando minha mãe e eu: nós dois mais altos do que ele, diziam seus olhos, porém, ambos com medo das próprias sombras. Nessas horas, eu via de relance seu desespero.

Então meus pais não eram tranquilizadores. Porém, à noite eu tentava ficar com eles o máximo que podia, pois meus piores medos estavam no andar de cima, em meu quarto.

Era um quarto grande, dois quartos transformados em um pelo antigo dono. Tinha vista para o pequeno quintal. A lareira menor havia sido tapada com tijolos; no inverno, a maior ficava acesa, o que minha mãe sempre temeu que fosse incendiar o quarto — mas ela deixava pra lá, pois eu gritava sempre que pensava que ela ia me tirar aquela luz; mesmo que a luz do fogo só agregasse aos terrores do quarto.

As sombras moviam coisas. A tela do guarda-fogo voejava alargada na parede; às vezes, à beira do sono, ela se tornava uma teia ondulante e aquele que a tecia vinha descendo de lado de um canto no teto. Tudo era instável; paredes se deslocavam, minhas roupas rastejavam no encosto da cadeira. Uma vez, quando deixei minha jaqueta jogada sobre a cadeira, a escura ausência de rosto da gola erguida começou a assentir furtivamente para frente; os buracos nas pontas das mangas funcionavam como bocas e não ousei me levantar para pendurar devidamente a jaqueta. O quarto crescia na escuridão:

sons lá fora, passos e risadas, cães encorajando uns aos outros a latirem, apenas enfatizados pelo tamanho da minha armadilha de escuridão, o quão distante estava todo o resto. E havia um quarto mais obscurecido no espelho do guarda-roupa para além do pé da cama. Havia uma cama naquele quarto e, ao lado dela, uma fraca luz de cabeceira em um lampião de plástico. Uma vez acordei e vi um rosto me encarando indistintamente do espelho; um vulto havia se sentado quando me sentei e eu quase gritei. Com frequência eu encarava o rosto indistinto a me encarar, até que precisava me esconder embaixo dos lençóis.

É claro que isso não poderia continuar pelo resto da minha vida. Em meu décimo segundo aniversário, dei início à conquista de meu quarto.

Eu estava feliz em meio aos meus presentes. Ganhei um quebra-cabeça, uma caixa de lápis de cor, um livro de histórias espaciais. Eles tinham vindo da loja de meu pai, mas agora eram meus. Por eu estar relaxado, sem dúvida por ela desejar que eu pudesse estar sempre assim, minha mãe disse:

— Você ficaria mais feliz se fosse para outra escola?

Era sábado; eu queria esquecer as segundas. Além disso, imaginava que todas as escolas eram assustadoras.

— Não, eu estou bem — respondi.

— Está feliz na escola agora? — inquiriu ela, incrédula.

— Sim, está tudo certo.

— Tem certeza?

— Sim, de verdade, está tudo certo. Digo, estou feliz, agora.

O estalido da portinhola para cartas me salvou de mentiras posteriores. Três cartões de aniversário: dois de vizinhos que falavam comigo quando eu os atendia na loja — uma senhora que sempre carregava um poodle e nosso vizinho de porta, o doutor Flynn — e um cartão dos meus pais. Eu tinha visto todos os três na loja, o que de algum modo estragara a surpresa.

Enquanto estava no corredor, ouvi meu pai.

— Você tem que se controlar — ele dizia. — Assim só aborrece a criança. Se não o apoquentasse, ele não teria metade desses problemas.

Me enfureceu ser chamado de criança.

— Mas eu me preocupo tanto — comentou minha mãe, desalentada. — Ele não consegue se cuidar.

— Você não o deixa tentar. Daqui a pouco vai fazer com que ele tenha medo de ir pra cama.

Mas eu já tinha. Isso era culpa da minha mãe? Eu me lembro dela

colocar a luz de cabeceira junto da minha cama quando eu era bem novo, conferindo o cabo e a lâmpada toda noite; adquirir a mania de deitar e ficar acordado, apavorado de que um ou outro viesse a falhar. De pé no corredor, percebi vagamente que minha mãe e eu alimentávamos os medos um do outro. Um de nós tinha que parar. Eu tinha que parar. Mesmo quando estivesse assustado, não podia deixá-la ver. Não seria a primeira vez que eu esconderia meus sentimentos dela. Na sala de estar, falei:

— Vou lá pra cima brincar.

Às vezes, no verão, eu não me importava de brincar lá, mas estávamos em março e o dia estava escuro. Porém, eu podia acender a luz. E meu quarto abrigava a única mesa que poderia ter para mim e o quebra-cabeça.

Esparramei as peças sobre a mesa. A cadeira tinha o encosto virado para a bocarra escura da lareira; movi-a precipitadamente para o pé da cama, de frente para a porta. Espalhei as peças. Encontrei uma parte da borda, depois, outra. Na hora do almoço, já tinha montado a borda.

— Parece satisfeito consigo mesmo — disse meu pai.

Não notei a chegada da noite. Estava formando meu próprio céu azul sobre chalés fragmentados. Após o jantar, corri para colocar no lugar as peças que tinha posicionado mentalmente enquanto comia. Hesitei do lado de fora do meu quarto. Teria que procurar no escuro o interruptor. Quando o fiz, o papel de parede se encheu de brilhantes aeroplanos e locomotivas multiplicados. Desejei que tivéssemos dinheiro para redecorar meu quarto; ele agora parecia infantil.

A lareira estava boquiaberta. Retirei o guarda-fogo do depósito debaixo das escadas onde meu pai o havia guardado, agora que as noites estavam um pouco mais quentes. Ele cobriu a bocarra incrustada de fuligem. O quarto agora parecia confortável. Nunca tinha visto quanto espaço ele me dava para brincar.

Até me senti seguro na cama. Apaguei a luz de cabeceira — mas aquilo foi demais; agarrei a luz. Não me importei com seu brilho por si só, sem o lúgubre padrão irregular formado pelas sombras. E o guarda-fogo era reconfortante. Ele fez com que eu sentisse que nada poderia emergir da chaminé.

Na segunda, levei minhas histórias espaciais para a escola. As pessoas pediram para vê-las; com o tempo, me emprestaram livros. Nas semanas seguintes, alguns de meus medos começaram a desvanecer. Perguntas disparadas aleatoriamente de mesa em mesa ainda me deixavam desconfortável, mas, se eu tivesse que me levantar sem saber a resposta, ao menos tinha ciência de que os outros meninos não estavam desdenhando de mim, não todos; eu estava começando a

fazer amigos. Comecei a simpatizar com os silêncios ignorantes que também cultivavam. Nas provas de julho, mais relaxado, tirei notas mais altas. Fiquei até sentido por deixar meus amigos durante o verão; convidei alguns deles para minha casa.

Me senti triunfante. Havia acalmado minha mãe e meu quarto por conta própria, apenas me dando conta do que precisava ser feito. Creio que aquela sensação de triunfo me ajudou. Ela deve ter me dado um pouco de força para encarar o verdadeiro terror.

Era início de agosto, a semana antes das nossas férias. Minha mãe estava preocupada com a bagagem, meu pai fazia contas; estavam começando a irritar um ao outro. Fui para o meu quarto para ficar fora do caminho deles.

Estava na metade de um quebra-cabeça que um de meus amigos havia trocado pelo meu. Pessoas sentadas num quintal, deixando a noite cair sobre elas; entre as casas, o céu era amarelo-claro. Juntava as peças com facilidade, relaxado pela proximidade de nossas férias. Eu ouvia o desacelerar da cidade, um rádio vibrando ao longo de uma rua, algo se movendo por trás do guarda-fogo, na chaminé.

Não. Era minha mãe no quarto ao lado, levando a bagagem. Ou alguém arrastando algo lá fora, qualquer coisa. Mas não pude enganar meus ouvidos. Na chaminé, algo grande havia se movido.

Poderia ter sido um pássaro, atordoado ou moribundo, lutando debilmente — só que um pássaro teria parecido mais ensandecido. Poderia ter sido um camundongo, até um rato, se tais coisas fossem encontradas em chaminés. Mas pareceu um corpo grande, tateando furtivamente no escuro: algo grande que não queria que eu o ouvisse. Pareceu o pior terror da minha infância.

Eu havia quase esquecido aquilo. Quando tinha três anos de idade, minha mãe havia me deixado assistir à televisão; fazia mal aos meus olhos, mas só dessa vez, perto do Natal. Eu vi duas crianças adormecidas na cama, um enorme homem escarlate emergindo da lareira, rastejando na direção delas. Elas não iam acordar!

— Ladrão! Ladrão! — gritei, começando a chorar.

— Não, querido, é o Papai Noel — disse minha mãe, desligando apressadamente a televisão. — Ele sempre sai da chaminé.

Se ao menos ela tivesse dito “desce pela” em vez de “sai da”... Por meses depois disso, e nas semanas antes de vários Natais, eu ficava acordado atentando temeroso a cada movimento na chaminé; eu tinha certeza de que uma sorridente figura gorda rastejaria sobre mim se eu dormisse. Minha mãe havia me dito que os presentes que apareciam no pé da minha cama eram deixados pelo Papai Noel, mas agora o misterioso visitante tinha um rosto e um corpo enormes, espremidos pela chaminé escura em meio à fuligem. Quando eu ouvia o vento

soprando na chaminé, tinha que conter meus gritos por trás dos lábios.

Claro que, enfim, comecei a suspeitar de que não existia um Papai Noel. Como é que ele conseguia roubar meus presentes na loja do meu pai? Era uma ideia infantil, eu tinha quase certeza, mas ficava muito envergonhado de perguntar aos meus pais ou aos meus amigos. Só que eu queria não acreditar nele, naquele espreitador silencioso na chaminé, e agora não acreditava, não realmente. Exceto que algo grande estava se movendo suavemente por trás do guarda-fogo.

O barulho tinha parado. Encarei a tela de arame, meio que esperando um pálido rosto gordo olhar para fora da grade. Não havia nada além da escuridão gradeada. Gatos gemiam em um jardim, uma van de sorvete vagava animadamente. Depois de um tempo, me forcei a tirar o guarda-fogo.

Eu agora era mais alto que a lareira. Mas tive que me inclinar para espiar pela garganta escura acima, sulcada de fuligem, e então ela assomou sobre mim, a escuridão cheia de perigo, da ameaça de uma figura enorme se lançando sobre mim, sua boca vermelha apinhada de dentes cintilantes. Enquanto olhava, tremendo um pouco, tentei me persuadir de que o que eu tinha escutado havia saído voando ou correndo para seu buraco, a fuligem escoando da escuridão buraco abaixo — e ouvi o som de um corpo enorme se espremendo na passagem fuliginosa, se acomodando cuidadosamente, mais confortavelmente em sua toca.

Botei a proteção de volta ao lugar e saí correndo. Precisei respirar pela boca. Corri até o patamar, tentando recuperar o fôlego, a fim de gritar por socorro. Lá embaixo, minha mãe perguntava nervosa se deveria levar outra das camisas do meu pai:

— Sim, se você quiser — ele disse, irritadiço.

Não, eu não devia gritar. Jurei que não a incomodaria. Mas como poderia voltar ao meu quarto? De repente, me veio um pensamento que pareceu ajudar. Na escola, aprendemos como limpadores costumavam descer meninos pequenos pelas chaminés; mal havia espaço para esses meninos escalam. Como é que um homem grande caberia lá dentro?

Ele não poderia. Consegui me convencer gradualmente. Enfim, abri a porta do meu quarto. A chaminé estava silenciosa; não havia vento. Tentei não pensar que ele estava se mantendo imóvel, esperando para se espremer furtivamente, esperando pela escuridão. Mais tarde, deitado sob o brilho firme do meu lampião de plástico, tentei me agarrar ao silêncio, tentei acreditar que não havia nada próximo a mim para despedaçá-lo. Não havia nada, com o tempo, além do sono.

Talvez se eu tivesse gritado do patamar, teria sido salvo do meu

medo. Mas estava feliz com minha racionalidade. Só uma vez, quase adormecido, desejei que a lareira estivesse acesa, porque ela queimaria qualquer coisa que pudesse estar se escondendo na chaminé. Isso nunca havia me ocorrido, mas não importava, pois no dia seguinte sairíamos de férias.

Meus pais gostavam de dormir à luz do sol, sob máscaras de jornais; à noite eles gostavam de caminhar pelas ruas largas e arenosas. Eu não gostava e acabei fazendo amizade com Nigel, filho de outra família hospedada na pensão. Minha mãe encorajou a amizade: um menino tão bonzinho, dois anos mais velho que eu; ele cuidaria de mim. Ele tinha dinheiro e a esperança de um bigode sombreando seu espinhento lábio superior. Certa noite, ele me levou ao parque de diversões, onde conhecemos duas garotas; ele e a garota mais velha foram comprar sorvetes, enquanto a amiga mais nova dela e eu ficamos nos encarando timidamente. Não conseguia acreditar que a garota mais nova não gostava de quebra-cabeças. Mais tarde, enquanto eu a contestava, Nigel e sua companhia sumiram por trás do trem-fantasma — mas Nigel reapareceu quase imediatamente, o rosto vermelho, sua face esquerda ainda mais vermelha.

— Cadê a Rose? — perguntei, desorientado.

— Teve que ir embora. — Ele parecia furioso por eu ter perguntado.

— Ela não vai voltar?

— Não. — Irritado, ele olhava de relance em busca de uma mudança de assunto. — Que bicicleta bacana — ele disse, apontando quando ela deslizou entre as barracas. — Você tem bicicleta?

— Não. Vivo pedindo uma ao Papai Noel, mas...

Desejei não ter deixado aquilo escapar, pois ele estava me encarando, pestanejando para a menina mais nova.

— Você ainda acredita nele? — Nigel indagou, desdenhoso.

— Não, é claro que não. Estava só brincando. — Ele acreditou em mim? Ele agora estava indo grudar na menina mais nova, pondo um braço em volta dela; logo ela pediu licença e não voltou mais; nunca soube seu nome. Fiquei incomodado por ele tê-la feito fugir. — Pra onde a Rose foi? — perguntei persistentemente.

Ele não me disse. Mas talvez tenha se ressentido da minha insistência, pois quando sua família deixou a pensão, eu o ouvi dizer à mãe em voz alta:

— Ele ainda acredita em Papai Noel. — Minha mãe também ouviu e olhou de relance para mim, ansiosa.

Bem, eu não acreditava. Não havia ninguém na chaminé, me esperando voltar pra casa. Eu não ligava que iríamos pra casa no dia seguinte. Naquela noite, tirei o guarda-fogo do lugar e vi um rosto

pálido e gordo pendurado na lareira, feito um baixo-ventre, de cabeça pra baixo e sorrindo. Mas consegui acordar e por fim o mar me ninou de volta ao sono.

Assim que chegamos em casa, subi as escadas correndo. Destapei a lareira e fiquei ali, olhando, para descobrir o que sentia. Gradualmente, me preenchi do desdém que Nigel teria sentido se soubesse do meu medo. Como eu podia ter sido tão infantil? A chaminé era só uma passagem para a fumaça, um buraco pelo qual de vez em quando o vento vagava. Naquela noite, exausto pela jornada para casa, dormi imediatamente.

As noites se adensaram adentrando outubro; a escuridão por trás da tela ficou mais espessa. Eu costumava sentir, conforme o verão se desvanecia, que a chaminé estava insinuando sua escuridão pelo meu quarto adentro. Agora, a visão apenas me lembrava que eu logo acenderia o fogo. O fogo seria reconfortante.

Era outubro quando os cartões de Natal do meu pai chegaram, em um sábado; eu estava trabalhando na loja. Ele ficou aborrecido de ter que antecipar tanto o Natal para competir com o supermercado. Mal notei os cartões; sentia minha cabeça abafada, o corpo frio — talvez fosse o súbito indício de que o inverno estava chegando.

Minha mãe foi para a loja naquela tarde. Eu a observei fingir que não tinha visto os cartões. Quando desviei o olhar, ela começou a catá-los timidamente, como se fossem cartas de traição, olhando ansiosa para mim de soslaio. Eu não sabia o que ela andava pensando. Minha cabeça latejava. Não voltaria doente para casa; eu ganhava uns trocados na loja. Além disso, não queria que meu pai pensasse que eu ainda era fraco.

Nem queria que minha mãe se preocupasse. Naquela noite, estava afundado em uma poltrona, fingindo ler. As palavras gotejavam pela página; eu me sentia como roupas sujas que alguém havia atirado na poltrona. Meu pai estava na loja fazendo o inventário. Minha mãe estava sentada, me olhando. Fingi mais ainda; as palavras valsavam lentamente. Enfim, ela perguntou:

— Está me escutando?

Eu agora estava, embora não tenha erguido o olhar.

— Sim — respondi roucamente, limpando a garganta com um ronco.

— Você se lembra de quando era bebê? Tinha um filme que você viu, do Papai Noel saindo da chaminé. — A voz dela soava corajosamente natural, falsamente leve, como se estivesse determinada a fazer uma revelação terrível. Eu não consegui erguer o olhar.

— Sim — eu disse.

O silêncio dela me fez olhar para cima. Ela tinha a mesma aparência do primeiro dia em que fui para a escola: repleta de perda, de desespero. Talvez estivesse se dando conta de que eu tinha que crescer, mas, para minha cabeça latejante, seu olhar sugeria apenas terror — como se ela estivesse prestes a me entregar em sacrifício.

— Eu não pude contar a verdade na época — ela disse. — Você era novo demais.

A verdade era o terror; sua expressão prometia isso.

— O Papai Noel na verdade não é daquele jeito — revelou ela.

Àquela altura, minha aflição deve ter se revelado. Ela olhou para mim; seus lábios tremiam.

— Não consigo — disse ela, virando o rosto. — Seu pai precisa lhe contar.

Mas aquilo me deixou a postos nas raias do terror. Me senti enervado, sob uma tensão enferrujada. Tive muita vontade de me deitar.

— Vou para o meu quarto — alertei.

Subi as escadas cambaleando, mal ciente de fazê-lo. Tanto quanto do resto, eu estava fugindo do desconforto dela. As escadas ondearam um pouco, tive a sensação de estarem falsamente macias sob meus pés. Me apressei fastidiosamente para meu quarto. Dei um tapa no interruptor e errei. Segui adiante, incontrolável, rumo à escuridão cegante. Um vulto veio ao meu encontro, macio e enorme, na escuridão do meu quarto.

Gritei. Consegui cambalear para trás até o patamar, agarrando o interruptor ao fazê-lo. O quarto iluminado estava vazio. Minha mãe subiu as escadas correndo, quase caindo.

— O que foi, o que foi? — ela gritou.

Não devo dizer.

— Estou doente. Me sinto enjoado — disse e, um minuto depois, assim me sentia. Ela deu tapinhas nas minhas costas quando me ajoelhei junto ao vaso. Quando ela me pôs na cama, fez menção de ir ao vizinho buscar o médico. — Não me deixa — supliquei. As paredes do quarto ondulavam como se repuxadas pela luz do fogo; a lareira era enorme e muito escura. Assim que meu pai abriu a porta da frente ela correu até lá embaixo, gritando:

— Ele está doente, ele está doente! Vá buscar o médico!

O médico veio e prescreveu um remédio para febre. Minha mãe sentou-se ao meu lado. Por fim, meu pai veio sugerir que era hora de ela ir para a cama. Eles me deixariam sozinho no quarto.

— Acendam o fogo — eu supliquei.

Minha mãe tocou minha testa e falou:

— Mas você está fervendo.

— Não, estou com frio! Quero o fogo! Por favor! — Então ela o acendeu, cansada como estava. Percebi a repulsa do meu pai enquanto ele me via usar contra ela a própria preocupação para eu conseguir o que queria, a repulsa dele por ela por se deixar ser usada.

Eu não me importava. As palavras hesitantes da minha mãe haviam infestado minha mente. O que ela havia sido incapaz de me dizer? Tinha a ver com os sons que eu tinha ouvido na chaminé? O quarto se reclinou ao meu redor; nada era garantido. Mas o fogo me daria garantias. Nada na chaminé poderia sobreviver a ele.

Fiz minha mãe ficar até o fogo estar flamejante. E se uma forma enorme irrompesse da lareira, pingando fogo? Quando enfim a deixei ir, me deitei banhado pela luz do fogo e pelas sombras da tela, que agora pareciam acalentadoras, em meu quarto cálido.

Eu me sentia febril, mas não desagradavelmente. Estava contente por viajar em minha cama de balanço; o teto passava ondulando por mim. Enquanto dormia, o fogo apagou. Minha febre me manteve aquecido; escorreguei da cama e, retirando o guarda-fogo, estendi a mão chaminé acima. No comprimento do meu braço, toquei algo pesado, pendurado no escuro; aquilo cedeu, então dedos gordos e macios desceram tateando e se fecharam em meu pulso. Minha mãe segurava meu pulso enquanto lavava minhas mãos.

— Você não pode sair da cama — ela disse quando percebeu que eu estava acordado.

Eu a encarei estupidamente.

— Você saiu da cama. Estava sonâmbulo — ela explicou. — Estava com as mãos enfiadas na chaminé. — Agora eu via que ela estava lavando fuligem incrustada nas minhas mãos; rastros de cinzas levavam na direção da cama.

Tinha sido só um sonho. Num momento, a mão gorda estava agarrando meu pulso, no outro, eram os dedos frios e delgados da minha mãe. Ela brincou comigo de jogos de palavras e uma tímida partida de xadrez enquanto fiquei de cama, naquele dia e no seguinte.

Na terceira noite, me senti melhor. O fogo tremulava gentilmente; me sentia confortavelmente aquecido. No dia seguinte, eu me levantaria. Eu logo teria que voltar para a escola, mas não me importava em demasia com aquilo. Fiquei deitado escutando a respiração do vento na chaminé.

Quando despertei, o fogo havia apagado. O quarto estava tomado pela escuridão. O vento ainda respirava, mas de algum modo parecia mais próximo. Estava acima de mim. Havia alguém sobre mim. Não podia ser nenhum dos meus pais, não naquela densa escuridão.

Fiquei rígido. Mais que tudo, desejei não ter deixado que o

desprezo imaginário de Nigel me persuadissem a me virar sem uma luz de cabeceira. A respiração era lenta, irregular; parecia congestionada e frágil. Quando tentei avançar aos poucos e em silêncio na direção do lado oposto da cama, a fonte da respiração se inclinou na minha direção. Senti seu hálito tremular em meu rosto e esse hálito me salpicou com algo como uma chuva seca.

Quando já estava paralisado pelo que pareceram ser horas indiscerníveis, a respiração sumiu. Estava na chaminé, expelindo fuligem; podia ser o vento. Mas eu sabia que havia saído para que eu soubesse que, seja lá o que o fogo tivesse feito com ele, não o havia matado. Ele havia emergido para me dizer que viria me pegar na Véspera de Natal. Comecei a gritar.

Não contei para minha mãe o motivo. Ela me lavou o rosto, que estava sardento de fuligem.

— Estava sonâmbulo de novo — disse ela, tentando me tranquilizar, mas não deixei que saísse do meu lado até o nascer do dia. Quando ela se foi, vi os rastros de cinza que levavam da chaminé até a cama.

Talvez eu tivesse estado sonâmbulo e sonhado. Procurei em vão por minha luz de cabeceira. Teria ficado com vergonha de pedir uma nova e isso ajudou-me a sentir que conseguiria me virar sem ela. No jantar, senti-me seguro o bastante para dizer que não sabia por que tinha gritado.

— Mas tem que se lembrar. Pareceu tão assustado. Fiquei apreensiva.

Meu pai estava dobrando o jornal da noite em um maço grosso, do tamanho de um livro de bolso, que ele conseguia ler ao lado do seu prato.

— Deixe o menino em paz — disse ele. — A gente imagina todo tipo de coisa quando está febril. Eu imaginava quando tinha a idade dele.

Foi a primeira vez que ele admitiu alguma coisa parecida com fraqueza para mim. Se ele conseguiu sobreviver aos seus pesadelos, por que os meus deveriam me perturbar? Exausto pelo desgaste da minha febre, dormi profundamente naquela noite. A chaminé estava silenciosa, tirando o tremular das chamas.

Mas meu pai não me ajudou novamente. Em uma tarde de novembro, eu estava atrás do balcão, torcendo por clientes. Zangado, meu pai enrolava, dedilhando pacotes de meias de náilon, latas de comida de animais, carrinhos em miniatura, chocalhos de bebê e cartões, procurando sinais de furto. De repente, ele apanhou um cartão de Natal e foi até o balcão a passos largos.

— Sente-se — ele disse, sombrio.

Ele balançou o cartão para mim, como uma prova. Me sentei em uma prateleira, mas então uma senhora entrou na loja; o sino bateu. Me levantei para vender meias de náilon a ela. Depois que ela se foi, olhei para meu pai, ansioso por ouvir o pior.

— Apenas sente-se — ele disse.

Ele não suportava o fato de eu ser mais alto do que ele. Seu tamanho o constrangia, mas ele não me deixaria ver isso; fingia que eu devia me sentar por respeito.

— Sua mãe disse que tentou contar a você sobre o Papai Noel — comentou ele.

Ela devia ter contado aquilo há semanas. Ele havia protelado a conversa comigo porque nunca havíamos sido próximos e, agora, estávamos nos afastando ainda mais.

— Não sei por que ela não conseguiu contar a você — disse ele.

Mas ele também não estava me dizendo. Me olhava como se eu fosse um estranho com quem ele tinha que bater papo. Me senti desconfortável, incerto se queria escutar o que ele tinha a dizer. Um homem se aproximava da loja. Eu me levantei, esperando que ele interrompesse.

Ele o fez e eu o atendi. Então, para atrasar a revelação do meu pai, alinhei pilhas de latas. Meu pai me encarava, desgostoso.

— Se não tomar cuidado, vai ficar tão mal quanto sua mãe.

Eu achava estranha a ideia de ser como minha mãe, indefinivelmente perturbadora. Mas ele não me deixaria ser como ele, não me deixaria chegar nem perto disso. Muito bem, eu seria corajoso, eu escutaria o que ele tinha a dizer. Mas ele falou:

— Ah, não vale a pena eu tentar contar. Você vai descobrir.

Ele quis dizer que eu devia descobrir por mim mesmo que o Papai Noel era uma fantasia infantil. Ele não quis dizer que gostaria que a coisa da minha chaminé fosse me pegar, o desgosto em seus olhos não queria dizer isso, não queria. Ele quis dizer que eu tinha que me comportar feito homem.

E eu podia. Eu mostraria a ele. A chaminé estava em silêncio. Eu não precisava me preocupar até a Véspera de Natal. Nem quando ela chegasse. Não havia nada para sair.

Certa noite, enquanto caminhava para casa, vi o doutor Flynn em sua sala de estar. Ele estava diante de um espelho, encarando seu paletó vermelho com capuz e gola de pele; ele se inclinou para pegar a barba. Minha mãe me disse que ele iria atuar como Papai Noel no hospital infantil. Ela, no geral, parecia feliz por eu ter visto. Eu também: isso provava que o fingimento era só para crianças.

Exceto que o vislumbre me lembrou do quanto o Natal estava

próximo. Conforme as noites se fechavam sobre os dias, e os dias passavam correndo — a festa de fim de período, o peru, as decorações na casa — eu ficava mais tenso, tentando me preparar. Para quê? Para nada, nada em absoluto. Bem, eu logo saberia — pois, de repente, era Véspera de Natal.

Passei o dia todo ocupado. Lavei a louça enquanto minha mãe preparava a ceia de Natal. Levei ingredientes para ela e corri para comprar alguns que tinham acabado. Colei com fita na cornija da lareira os cartões recebidos. Levei para casa uma árvore de ouropel que ninguém havia comprado. Mas estar ocupado só fez o dia passar mais rápido. Antes que eu percebesse, as janelas estavam ocupadas pela noite.

Véspera de Natal. Bom, ela não me preocupava. Eu era muito velho para esse tipo de coisa. A árvore de ouropel farfalhava quando alguém passava, a luz rolava pelos globos de ouropel, as bandeirolas se encolhiam para trás quando as portas se abriam. Balançando-se incansavelmente em fitas sobre a cornija estavam meia dúzia de sorridentes rostos barbados de faces vermelhas.

A noite se amontoava nas janelas. Bati papo com minha mãe sobre seu pai gritão, suas irmãs mais velhas, a vez em que suas irmãs a trancaram no porão. Meu pai só resmungava ocasionalmente — mesmo quando fiquei sem assunto para discutir com minha mãe e tentei conversar com ele sobre a loja. Pelo menos ele não havia notado que eu estava acordado até tão tarde. Mas havia.

— Já passou da hora de irmos todos para a cama — disse ele, com um tipo de fúria reprimida.

— Posso pegar mais carvão? — Minha mãe nunca me deixava ter um balde de carvão no quarto, pois não me queria chegando perto do fogo. — Para colocar agora — completei. Ela com certeza diria que sim. — Vai estar frio de manhã — afirmei.

— Sim, pode pegar um pouco. Não vai querer estar com frio quando estiver olhando o que o Papai... olhando para seus presentes.

Subi as escadas apressado com o balde. Por cima de seu retinir, ouvi meu pai dizer:

— Ainda insistindo nisso? Não pode deixá-lo crescer?

Quase esvaziei o balde no fogo, que se elevou rugindo e crepitando. A voz de meu pai era um murmúrio irritado vazando pelo assoalho. Quando levei o balde de volta para baixo, os olhos de minha mãe estavam vermelhos, meu pai tinha um olhar furioso, determinado. Sempre havia achado as discussões deles assustadoras; fiquei feliz de voltar apressado ao meu quarto.

Ele pareceu acolhedor. O fogo estava radiante no interior da tela. Ouvi minha mãe subir as escadas. Isso também era reconfortante; ela

agora estava mais perto. Ouvi meu pai ir até o vizinho, para desejar Feliz Natal ao doutor, supus. Não me importei com o lembrete. Não havia nada da Véspera de Natal em meu quarto, tirando a fronha esperando para ser preenchida com presentes no chão ao pé da cama. Eu a afastei para o lado com um pé, para ignorá-la melhor.

Deslizei para a cama. Meu pai subiu as escadas; ouvi resmungos adicionais de discussão através da parede do quarto. Finalmente eles pararam e tentei relaxar. Me deitei, feliz com o silêncio.

Um vento corria pela casa. Ele soprou pela chaminé abaixo; a fumaça escoou pelo guarda-fogo. Agora, o vento respirava entrecortado. Era só o vento. Ele não me incomodou.

Talvez eu tivesse posto muito carvão no fogo. O quarto estava quente; eu suava. Me senti quase febril. A enorme tela tremulava sem parar na parede, nervosamente, feito uma rede veloz. No interior do espelho, o quarto mais obscuro dançava.

De repente, tive um pouco de medo. Não de que alguma coisa fosse sair da chaminé, isso era idiotice: medo de que minha sensação de febre me deixasse delirante outra vez. Pareciam anos desde que eu havia sido perturbado pela visão do quarto no espelho, mas estava perturbado agora. Havia algo errado com aquele quarto obscuro aos sacolejos.

O vento soprou. Só o vento, não podia ouvi-lo mudando. Um gordo vagalhão de fumaça se espremeu pela tela. O quarto agora parecia mais opressivo e cheirava a fumaça. Não cheirava inteiramente a fumaça de carvão, mas eu não sabia dizer o que mais estava queimando. Não queria levantar e descobrir.

Tinha que permanecer imóvel. De outro modo, ficaria me contorcendo de um lado para o outro, tentando me agarrar ao sono como tinha feito na segunda noite de febre e às vezes no verão. Tinha que dormir antes que o quarto ficasse quente demais. Tinha que ficar de olhos fechados. Não devia me distrair com o tênue escoar da fuligem, nem o arfar do vento, nem as sombras e a luz laranja que arrebatava meus olhos, atravessando minhas pálpebras.

Acordei na escuridão. O fogo havia apagado. Não, ainda estava lá quando abri os olhos; o laranja desanimado se arrastava no borralho, umas poucas chamas fracas saltavam repetidamente. O quarto agora se movia mais devagar. O quarto mal iluminado no espelho, o rosto me olhando lá de dentro sacolejou de maneira débil, como se quase morto.

Eu não conseguia olhar para aquilo. Escorreguei ainda mais na cama, arrastando o travesseiro para meu refúgio. Estava quente demais, mas, ao menos debaixo dos lençóis, me sentia seguro. Comecei a relaxar. Então me dei conta do que tinha visto. A luz estava

mortiça, mas tive quase certeza de que o guarda-fogo estava apoiado longe da lareira.

Devia ter me confundido, naquela luz mortiça. Não estava febril, não poderia ter estado sonâmbulo de novo. Não havia necessidade de olhar; sentia-me confortável. Mas, quando começava a admitir que talvez fosse melhor dar uma espiada, ouvi o deslizar pela chaminé.

Algo grande estava descendo. Uma queda de fuligem. Consequia escutar os baquezinhos da fuligem se espalhando na lareira, lançada pelo rigoroso vento intermitente, que emergiu do interior da lareira para dentro do quarto. Ele estava sobre mim, ofegando por sua garganta obstruída.

Fiquei estático, olhando para cima, através da máscara formada por meus lençóis. Tremi por me manter imóvel. Meu fôlego preso me preenchia dolorosamente, como pedaços de pedra. Eu só tinha que ficar ali deitado até que, fosse lá o que estivesse sobre mim, fosse embora. Ele não podia me tocar.

A respiração congestionada se inclinou mais para perto; pude ouvir seu estertor seco. Então algo começou a remexer o lençol por cima do meu rosto. Um fraco dedilhar tentava agarrá-lo, como se mal tivesse algo com o que agarrar. Minhas mãos puxaram o lençol por dentro, mas não conseguia segurá-lo inteiramente. Ele estava sendo arrancado de mim, uma fração por vez. Logo eu estaria cara a cara com meu visitante.

Estava lá, deitado com meus olhos fechados, bem apertados, quando aquilo soltou o lençol e se afastou. Meus pulmões latejantes me forçaram a tomar fôlegos superficiais; agora, eu respirava silenciosamente com a boca aberta, embora isso tenha enchido minha boca de felpas. O repique em meus ouvidos havia diminuído e percebi que a coisa não tinha voltado para a chaminé. Ainda estava no quarto.

Não conseguia ouvir sua respiração; ela não podia estar próxima de mim. Foi somente esse pensamento que me permitiu olhar — isso e a desesperada esperança de conseguir escapar, já que ela se movia tão devagar. Baixei o lençol do meu rosto lentamente, de maneira furtiva, até meus olhos estarem descobertos. Meus batimentos me sacudiam. Sob a indolente luz ondulante, vi uma figura no pé da cama.

Seu traje vermelho estava densamente forrado de fuligem. Ela estava de costas para mim; sua respiração abafada pelo capuz. Me ocorreu, em meio ao terror que me engolfava, que coisas encolhem quando queimam. O vulto também estava no espelho, no tremelicante quarto obscurecido. Um rosto espiou para fora do capuz no espelho, como um nabo chamuscado entalhado com um rígido sorriso.

O vulto atrofiado ainda se movia dolorosamente. Ele contornou a beira do pé da cama e se inclinou para minha franha. Eu o vi puxá-la

sobre si mesmo e mergulhar por baixo dela. Ao se abaixar, o capuz caiu para trás e vi o nabo chamuscado sair rolando no capuz, como se não houvesse restado nada para apoiá-lo.

Eu teria que passar pela fronha para chegar até a porta. O quarto parecia enorme e estava ficando mais escuro; meus pais estavam muito longe. Enfim consegui arrastar os lençóis por cima do meu rosto e puxei o travesseiro, como abafadores, em volta dos meus ouvidos.

Estava deitado insone há horas quando ouvi movimentos no pé da cama. A coisa tinha saído do seu saco novamente. Estava vindo em minha direção, repuxando os lençóis com mais força agora. Antes que eu pudesse segurar as cobertas, tive um vislumbre da ornamentada manga vermelha de pele e me pus a gritar.

— Será que dá pra relaxar? — disse meu pai irritado. — Meu Deus, sou só eu.

Ele usava a fantasia do doutor Flynn, que se agitava ao seu redor — o casaco, pelo menos; os punhos do pijama despontavam por baixo dela. Parei de gritar e comecei a rir histericamente. Acho que ele teria me batido, mas minha mãe entrou correndo.

— Está tudo bem. Tudo bem — ela me reconfortou e explicou para ele. — É o choque.

Ele se dirigia com raiva à porta quando ela disse:



— Ah, não vá ainda, Albert. Fique enquanto ele abre os presentes — E, levantando a saliente franha do chão, largou-a ao meu lado.

Não podia afastá-la, não podia deixar que ela visse meu terror. Me forcei a trazer meus presentes à luz do dia, livros, doces, canetas esferográficas; enquanto tateava mais fundo, me perguntei se o rosto chamuscado se desfaria quando eu o tocasse. O suor alfinetava minhas mãos; elas tremiam de horror — tudo bem, pois minha mãe não podia vê-las.

A franha não continha nada além de presentes e uma pitada de fuligem. Quando tive certeza de que estava vazia, joguei-a contra a cabeceira, ofegando.

— Ele está cansado — disse minha mãe, em defesa da minha ingratidão. — Ficou acordado até muito tarde, na noite passada.

Mais tarde, providenciei um acidente, derrubando a franha na lareira do andar de baixo. Consegui comer a ceia de Natal e ir para a cama naquela noite. Fiquei deitado acordado, mesmo tendo certeza de que nada sairia da chaminé agora. Depois, me dei conta da razão pela qual meu pai tinha ido até meu quarto vestido daquela forma; ele pretendia que eu o flagrasse, para me curar do fingimento. Mas ainda levou muitos anos até eu realmente gostar do Natal.

Quando concluí os estudos, fui trabalhar em bibliotecas. Dez anos depois, me casei. Minha esposa e eu cruzávamos a cidade semanalmente para visitar meus pais. Minha mãe papeava; meu pai era taciturno. Acho que ele nunca me perdoou de todo por rir dele.

Certa noite de inverno, nosso telefone tocou. Eu atendi, esperando que não fosse a polícia. Minha biblioteca estava, à época, sofrendo com furtos. Tudo o que eu queria era sentar diante do fogo e imaginar o frio resplandecente lá fora. Mas era o doutor Flynn.

— A casa dos seus pais está em chamas — ele me disse. — Seu pai está preso lá dentro. Sua mãe precisa de você.

Eles estavam hospedando um amigo. Minha mãe tinha acendido a lareira no quarto de hóspedes, meu antigo quarto. Uma fagulha havia escapado do guarda-fogo; o carpete se incendiara. Sem conseguir esperar pelo carro dos bombeiros, meu pai correu de volta para a casa para apagar o fogo, mas fora sobrepujado. Tudo isso eu soube depois. Agora, eu dirigia friamente, atravessando a cidade em direção ao brilho no céu.

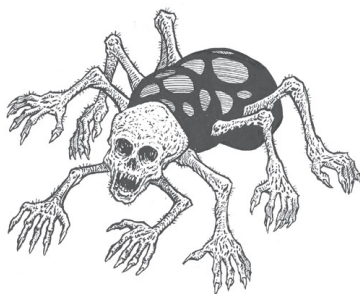
O brilho havia sido extinguido no momento em que cheguei. Fumaça rolava por sobre o telhado. Mas minha mãe havia achado um saco carbonizado e ainda estava lutando para correr até a casa, para vencer o fogo; seu amigo e o doutor Flynn a contiveram. Ela largou o saco e correu até mim.

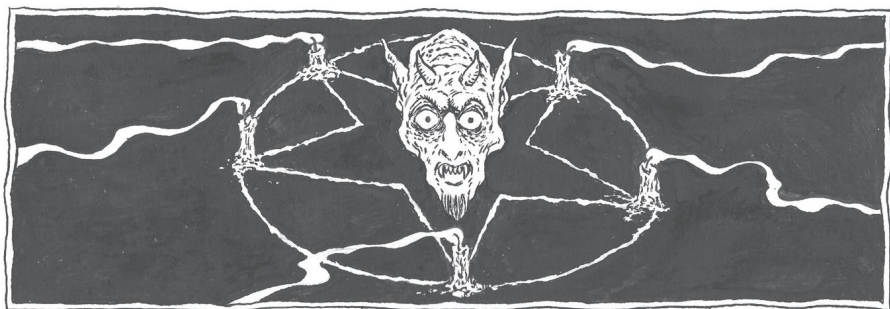
— Ah, o seu pai. O Albert... — ela repetiu por entre o choro.

Os bombeiros recolheram a mangueira. A ambulância permaneceu piscando. Vi a porta da frente aberta e uma maca ser trazida para fora. A passagem estava molhada e gélida. Um dos carregadores da maca escorregou e o conteúdo dela se esparramou pela trilha.

Vi o doutor Flynn olhar para a minha mãe. Só o medo de que ela pudesse se virar o levou a agir. Ele agarrou o saco e, correndo para a passagem, pegou o que estava espalhado por ela. Vi a cabeça chamuscada rolar pela borda do saco antes de ser jogada dentro dele. Eu já a tinha visto, anos atrás.

Minha mãe veio morar conosco, mas podíamos ver que ela definhava; meus pais deviam ter se amado, ao seu modo. Ela morreu um ano depois. Talvez eu tenha matado ambos. Sei que o que emergiu da chaminé era, de certa maneira, meu pai. Aquilo com certeza fora algum tipo de premonição. Com certeza meu medo nunca poderia ter se exteriorizado a ponto de causar sua morte daquela maneira.





Escola para os Inomináveis

Manly Wade Wellman

BART SETWICK DESEMBARCOU do trem em Carrington e ficou por um momento na plataforma da estação, era um rapaz de rosto honesto e bem alinhado vestindo tuíde. Essa cidadezinha e sua famosa escola seriam seu lar pelos próximos oito meses; mas qual era o caminho da escola? O sol havia se posto e ele mal conseguia ver as placas das lojas pela modesta rua principal de Carrington. Ele hesitou e uma voz suave falou junto dele:

— Você veio para a escola?

Sobressaltado, Bart Setwick se virou. No crepúsculo cinzento, outro jovem sorria debilmente e aguardava, como que por uma resposta. O estranho tinha ao menos dezenove anos — isso significava maturidade para o jovem Setwick, que tinha quinze — e seu rosto pálido tinha vincos de perspicácia. Seu corpo alto e bamboleante trajava um suéter de gola alta e calças apertadas fora de moda. Bart Setwick passou por ele sob os rápidos e avaliadores olhos da jovem América.

— Acabei de chegar — ele respondeu. — Meu nome é Setwick.

— O meu é Hoag. — Estendeu-se uma mão delgada. Setwick apertou-a e descobriu-a fria feito um sapo, com a sugestão de músculos de cabos de aço. — Prazer em conhecê-lo. Vim até aqui na possibilidade de alguém ter descido do trem. Deixe eu lhe dar uma carona até a escola.

Hoag se virou, felinamente leve apesar de toda a sua deselegância, e conduziu seu novo conhecido por uma esquina da pequena estação ferroviária de madeira. Por trás da estrutura, meio escondida em sua

sombra, havia uma charrete surrada com um esguio cavalo baio em suas hastes.

— Entre — convidou Hoag, mas Bart Setwick se deteve por um momento. Sua geração não estava acostumada a tais veículos. Hoag riu e disse: — Ah, é só uma peculiaridade da escola. Nós tendemos a costumes curiosos. Entre.

Setwick obedeceu.

— E quanto ao meu baú?

— Deixe aí. — O jovem mais alto alçou-se para dentro, ao lado de Setwick, e tomou as rédeas. — Não precisará dele esta noite.

Ele estalou a língua e o cavalo baio se agitou, fez a volta e seguiu ao longo de uma estrada vicinal ladeada de arbustos. Seus cascos eram estranhamente abafados.

Eles viraram uma esquina, outra e desembocaram em um campo aberto. As luzes de Carrington, recém-ateadas contra a noite, pendiam lá atrás como uma constelação acomodada na Terra. Setwick sentiu um indício de arrepio que não parecia se encaixar na noite de setembro.

— Quão longe da cidade é a escola? — ele perguntou.

— Seis ou sete quilômetros — Hoag respondeu com sua voz de sussurro. — Os fundadores fizeram de propósito. Eles queriam dificultar que os estudantes fossem à cidade para farrear. Isso nos forçou a ir atrás das nossas próprias diversões. — O rosto pálido se vincou num tênue sorriso, como se isso fosse uma cordialidade. — Esta noite, só estão disponíveis uns poucos do tipo certo. A propósito, por que foi mandado para cá?

Setwick fez uma careta em sua perplexidade.

— Ora, para estudar. Meu pai me enviou.

— Mas para quê? Você não sabe que este é um preparatório prisional de alta classe? Metade de nós é apalermada e só aprende num passo de lesma; a outra metade é de companheiros que se envolveram em escândalos em outro lugar. Como eu. — Novamente, Hoag sorriu.

Setwick começou a desgostar de sua companhia. Eles seguiram por um quilômetro ou algo assim em silêncio, antes de Hoag mais uma vez fazer uma pergunta:

— Você vai à igreja, Setwick?

O menino mais novo receava parecer pedante e fez uma demonstração de indiferença:

— Não com frequência.

— Consegue recitar algo da Bíblia? — A voz suave de Hoag assumiu um tom ansioso.

— Não que eu saiba.

— Ótimo — foi a resposta quase espalhafatosa. — Como eu dizia, só há alguns de nós na escola, esta noite — apenas três, pra ser exato. E não gostamos daqueles que citam a Bíblia.

Setwick riu, tentando parecer sensato e cínico.

— Satã não é conhecido por citar a Bíblia ao seu próprio...

— O que você sabe sobre Satã? — interrompeu Hoag. Ele se virou completamente para Setwick, avaliando-o com olhos determinados e sombrios. Então, como se respondesse à própria pergunta: — Bem pouco, aposto. Gostaria de saber sobre ele?

— Claro que gostaria — respondeu Setwick, perguntando-se qual era a pegadinha.

— Vou ensiná-lo depois de um tempo — prometeu Hoag, críptico, e o silêncio se abateu novamente.

Metade da lua já estava bem alta quando surgiu às suas vistas um sombrio amontoado de blocos.

— Chegamos — anunciou Hoag, e então, jogando a cabeça para trás, emitiu um uivo selvagem e que quase fez Setwick pular da charrete. — Isso é pros outros saberem que estamos chegando — explicou. — Escute!

Em resposta, veio um aparente eco do uivo, estridente, tênue e fantasmagórico. O cavalo hesitou em seu trote abafado e Hoag estalou a língua para botá-lo de novo em marcha. Eles viraram em um acesso repleto de ervas daninhas e, após dois minutos, chegaram aos fundos do prédio mais próximo. Ele era cinza turvo sob a demão dos raios da lua, com retângulos vazios e escuros como janelas. Não havia luz alguma em nenhum lugar dali, mas, quando a charrete parou, Setwick viu uma cabeça jovem despontar de uma janela no andar de baixo.

— Já de volta, Hoag? — veio uma voz alta e aguda.

— Sim — respondeu o jovem junto às rédeas — e trouxe um novo homem comigo.

Animando-se um pouco por ter ouvido ser chamado de homem, Setwick apeou.

— O nome dele é Setwick — prosseguiu Hoag. — Setwick, conheça Andoff. Um grande amigo meu.

Andoff fez um floreio com a mão em saudação e se pôs a passar apressado por cima do peitoril. Ele era rechonchudo, atarracado e ainda mais pálido do que Hoag, com uma testa baixa sob um cabelo escorrido e de aparência úmida, com olhos pretos bem separados em um rosto gordo e de aparência estúpida. Seu casaco surrado era apertado demais para ele e sob as puídas calças curtas, suas pernas e pés estavam desnudos. Ele poderia ser alguém bem crescido de treze

anos ou alguém mal desenvolvido de dezoito.

— Felcher deve aparecer daqui a meio segundo — ele informou voluntariamente.

— Entretenha Setwick enquanto guardo a charrete — Hoag o instruiu.

Andoff assentiu e Hoag reuniu as correias em suas mãos, mas se deteve para uma última palavra.

— Sem gracinhas, Andoff — ele advertiu seriamente. — Setwick, não deixe essa rolha de poço atazaná-lo nem lhe contar histórias desvairadas até que eu volte.

Andoff riu de forma estridente.

— Não, sem histórias desvairadas — prometeu. — A conversa é com você, Hoag.

A charrete se afastou e Andoff virou seu rosto gordo e sorridente para o recém-chegado.

— Lá vem o Felcher — ele anunciou. — Felcher, conheça o Setwick.

Outro garoto tinha brotado aparentemente do nada. Setwick não o tinha visto dar a volta no canto do prédio, nem sair por alguma porta ou janela. Ele provavelmente era tão velho quando Hoag, ou mais, porém tão pequeno que era quase um anão e ainda por cima, frágil. Sua característica mais notável era o quanto era peludo. Um grande esfregão cobria sua cabeça, formava um arbusto em seu pescoço e orelhas, e pendia desgrenhadamente sobre os olhos claros e encovados. Seus lábios e as bochechas eram separados por uma penugem rançosa e uma moita encaracolada espreitava por entre o colarinho desabotoado de sua camisa branca emporcalhada. A mão que ele ofereceu a Setwick era quase simiesca de tão hirsuta e pela dureza da palma. Ela também era fria e úmida. Setwick lembrou que sentiu a mesma coisa ao apertar a mão de Hoag.

— Somos os únicos aqui até agora — Felcher observou. A voz dele, surpreendentemente intensa e forte para uma criatura tão pequena, soou como um grande sino.

— Nem o diretor está aqui? — indagou Setwick ao que os outros dois começaram a rir alvoroçados; o guincho de pífano de Andoff oferecendo um *obbligato* ao estrondo de campanário de Felcher. Hoag, retornando, perguntou qual era a graça. Felcher suspirou:

— Setwick perguntou por que o diretor não está aqui para dar as boas-vindas a ele.

Mais risadas de pífano e de campanário.

— Duvido que Setwick acharia a resposta engraçada — comentou Hoag e, então, riu suavemente.

Setwick, que havia tido uma boa criação, começou a ficar aborrecido.

— Me digam o que aconteceu — ele instou, no que esperava ter sido um tom desolador — e me unirei ao seu coro de hilaridade.

Felcher e Andoff o fitaram com olhos estranhamente ávidos e desejosos. Então encararam Hoag.

— Vamos contar a ele — os dois disseram ao mesmo tempo, mas Hoag balançou a cabeça.

— Ainda não. Uma coisa por vez. Vamos entoar a canção, primeiro.

Eles começaram a cantar. A primeira estrofe de seu número era obscena, sem nenhuma pretensão de humor para redimi-la. Setwick nunca havia sido impressionável, mas se viu definitivamente repellido. A segunda estrofe pareceu menos questionável, mas dificilmente fazia sentido:

O que tentaram ensinar aqui

Tudo já desaprendemos.

Prontos, a postos, todos aqui,

Para obter saber viemos.

O assim chamado desastre

Não nos matou, ó mestre!

Guie-nos, suplicamos aqui,

Olho, mão e pensamento.

Era algo como um hino, Setwick concluiu; mas diante de que altars tais hinos seriam cantados? Hoag deve ter lido a pergunta em sua mente.

— Você mencionou Satã na charrete durante o caminho — relembrou ele, seu rosto astuto como uma máscara junto a Setwick na semipenumbra. — Bom, essa era uma canção satanista.

— É mesmo? Quem a compôs?

— Fui eu — Hoag o informou. — O que você achou?

Setwick não respondeu. Ele tentou perceber a zombaria na voz de Hoag, mas não conseguiu encontrá-la. Enfim, perguntou:

— O que toda essa cantoria satanista tem a ver com o diretor?

— Muita coisa — retrucou Felcher seriamente.

— Muita coisa — guinchou Andoff.

Hoag olhou de um de seus amigos para os outros e pela primeira vez sorriu largamente. Isso deu a ele uma aparência dentuça.

— Acredito — ele sugeriu de modo sereno, porém, grave — que poderíamos partilhar com Setwick o segredo do nosso pequeno

círculo.

Aqui teria início, o garoto novo concluiu, o trote da escola sobre o qual ele tanto tinha ouvido e lido. Ele havia antecipado tais coisas com certa empolgação, até avidez, mas agora nada queria daquilo. Não gostava de seus três companheiros e não gostou do modo como eles abordaram fosse lá o que pretendiam fazer. Ele recuou um passo ou dois, como quem vai se retirar.

Velozes como pássaros ao se precipitarem, Hoag e Andoff se aproximaram de cada um de seus cotovelos. Suas mãos frias o agarraram e, de repente, ele sentiu-se zozzo e nauseado. Coisas que até então estavam claras sob a luz do luar ficaram vagas e distorcidas.

— Venha sentar-se, Setwick — convidou Hoag, como se estivesse muito distante. Sua voz não ficou mais alta ou mais ríspida, mas incorporava uma ameaça real. — Sente-se naquele parapeito. Ou gostaria que nós o carregássemos?

Naquele momento, Setwick só gostaria de estar livre do toque deles e, assim, ele se dirigiu sem resistência até o peitoril e subiu nele. Atrás dele havia o negrume de um aposento desconhecido e aos seus joelhos se reuniram aqueles três que pareceram tão ávidos em contar a ele sua piada particular.

— O diretor era um frequentador de igrejas — começou Hoag, como se fosse o porta-voz do grupo. — Ele não dava muita bola para demônios ou para a adoração ao demônio. Falou publicamente contra isso quando se dirigiu a nós em uma capela. Esse foi o nosso início.

— Isso — assentiu Andoff, virando seu rosto gordo e larval. — Tudo que ele proibia, nós queríamos fazer. Não é lógico?

— Lógico e racional — completou Felcher. Sua cabeluda mão direita volteou no peitoril junto da coxa de Setwick. Sob a luz da lua, ela parecia uma grande e nervosa aranha.

Hoag retomou.

— Não sei de nenhuma proibição dele que tenha sido mais fácil ou mais divertida de quebrar.

Setwick percebeu que sua boca tinha ficado seca. Sua língua mal conseguia umedecer os lábios.

— Quer dizer — ele perguntou — que vocês começaram a adorar demônios?

Hoag assentiu alegremente, como um professor a um pupilo hábil.

— Certas férias, consegui um livro sobre o culto. Nós três o estudamos, então, começamos as cerimônias. Aprendemos os encantamentos e feitiços, até de trás pra frente...

— Eles são duas vezes melhores de trás pra frente — comentou Felcher, e Andoff riu.

— Você tem alguma ideia, Setwick — Hoag quase arrullhou — do que foi que apareceu em nossa sala de estudos da primeira vez que queimamos vinho e enxofre, com as devidas palavras ditas sobre eles?

Setwick não queria saber. Ele trincou os dentes.

— Se estão tentando me assustar — ele conseguiu rosnar —, com certeza não vai funcionar.

Os três riram mais uma vez e começaram a matraquear suas declarações de boa-fé.

— Juro que estamos dizendo a verdade, Setwick — garantiu-lhe Hoag. — Você quer ouvi-la ou não?

Setwick tinha pouca escolha na questão e sabia disso.

— Ah, vão em frente — ele capitulou, se perguntando como faria para se arrastar de costas do peitoril para a escuridão do cômodo.

Hoag se inclinou na direção dele, com o ar de quem faz uma confidência.

— O diretor nos pegou. Nos pegou com a boca na botija.

— Livro aberto, fogo ardendo — entoou Felcher.

— Ele tinha algo bem gentil para dizer sobre a vingança do Céu — Hoag prosseguiu. — Nós nos pusemos a rir. Ele entrou num frenesi. Por fim, tentou fazer a vingança do Céu com as próprias mãos; tentou fazê-la cair sobre nós de um modo bem primitivo. Mas não funcionou.

Andoff estava rindo imoderadamente, os braços gordos sobre a barriga dobrada.

— Ele pensou que havia funcionado — ele completou com gorgolejos altos —, mas não funcionou.

— Ninguém poderia nos matar — Felcher acrescentou. — Não depois dos juramentos que fizemos e das promessas que foram feitas a nós.

— Que promessas? — indagou Setwick, que estava lutando muito para não acreditar. — Quem fez qualquer promessa a vocês?

— Aqueles a quem louvamos — Felcher disse a ele. Se estava simulando sinceridade, era uma amostra suprema de atuação. Setwick, ao perceber isso, ficou mais amedrontado do que se importava em mostrar.

— Quando essas coisas todas aconteceram? — foi sua pergunta seguinte.

— Quando? — ecoou Hoag. — Ah, anos e anos atrás.

— Anos e anos atrás — repetiu Andoff.

— Muito antes de você nascer — Felcher garantiu a ele.

Estavam perto dele, de costas para a lua que brilhava no rosto de Setwick. Ele não conseguia ver suas expressões claramente. Mas suas três vozes — a de Hoag suave, a de Felcher profunda e vibrante, a de

Andoff aguda e estridente — estavam absolutamente sérias.

— Sei o que está se perguntando — anunciou Hoag, um tanto quanto presunçoso. — Como podemos, tendo falado sobre esses muitos anos passados, parecer tão jovens? Isso pede uma explicação, admito. — Ele se deteve, como se escolhesse as palavras. — O tempo, para nós, parou de passar. Ele cessou naquela mesma noite, Setwick; na noite em que nosso diretor tentou pôr um fim ao nosso louvor.

— E em nós — sorriu maliciosamente Andoff do corpo asqueroso, com seu costumeiro ar de autocongratulação ao rematar uma das afirmações de Hoag.

— O louvor persevera — declarou Felcher, da mesma forma cantada que havia adotado antes. — O louvor persevera e nós também perseveramos.

— O que nos traz à questão — Hoag intrometeu-se abruptamente. — Você quer se envolver conosco, Setwick? Tornar-se o quarto deste pequeno e vivaz grupo?

— Não, não quero — vociferou Setwick veementemente.

Eles caíram em silêncio e retrocederam um pouco — um trio de silhuetas bizarras contra o pálido fulgor da lua. Setwick podia ver o clarão de seus olhos fixos em meio às sombras dos rostos. Ele sabia que estava assustado, mas escondeu seu medo. Resolutamente, desceu do peitoril para o chão. O orvalho da grama espirrou em seus tornozelos, calçados nas meias entre os sapatos oxford e a batinha das calças.

— Acho que é minha vez de falar — ele lhes disse, se recompondo. — Vou ser direto. Não gosto de vocês nem de nada do que disseram. E vou-me embora daqui.

— Não vamos deixar — disse Hoag, sussurrando, mas enfático.

— Não vamos deixar — murmuraram Andoff e Felcher juntos, como se tivessem ensaiado mil vezes.

Setwick fechou os punhos. Seu pai o havia ensinado pugilismo. Ele deu um passo largo, rápido e suave, na direção de Hoag e acertou-o com força no rosto. No momento seguinte, os três haviam se atirado sobre ele. Não pareciam atacar, agarrar ou puxar, mas ele caiu sob sua investida. Os ombros de seu casaco de tuíde chafurdavam na terra e ele sentiu cheiro de mato esmagado. Hoag, em cima dele, conteve seus braços com um joelho em cada bíceps. Felcher e Andoff se curvavam para se aproximar.

Fuzilando-os com os olhos em sua raiva impotente, Setwick soube de uma vez por todas que aquilo não era um trote de escola para meninos. Nunca os pregadores de peças se reuniriam ao redor de sua vítima com tais olhos fixos, de brilho verde, maxilares contraídos e lábios trêmulos.



Hoag deixou à mostra presas brancas. Sua língua pontuda jornadeou uma vez sobre elas.

— Faca! — murmurou ele, e Felcher remexeu dentro de um bolso, então lhe entregou algo que reluziu sob a luz da lua.

A mão delgada de Hoag se estendeu para alcançá-la, mas a seguir, recolheu-se. Os olhos dele haviam se erguido para algo que estava além deles. Hoag se engasgou e lamuriou inarticuladamente, então saltou do peito palpitante de Setwick e caiu de costas em uma afobação desajeitada. Os outros acompanharam seu olhar chocado e, logo a seguir, subitamente se encolheram e afastaram.

— É o Mestre! — uivou Andoff.

— Sim — grunhiu uma nova voz, rude. — Seu antigo diretor... e voltei para direcioná-los à ruína!

Erguendo-se sobre um cotovelo, o prostrado Setwick viu o que eles tinham visto: uma figura alta e de compleição volumosa em um casaco escuro e comprido, encimado por um rosto quadrado e distorcido, e um desgrehado de cachos brancos. Seus olhos reluziam com a própria luz pálida e sólida. Conforme avançava, lento e pesado, emitia um riso abafado de alegria homicida. Mesmo à primeira vista, Setwick percebeu que ele não lançava sombra.

— Bem na hora — disse o recém-chegado, com afetação. — Vocês iam matar esse pobre menino.

Hoag havia se recuperado e se manifestou.

— Matá-lo? — disse, trêmulo, parecendo adulator diante da presença ameaçadora. — Não. Nós daríamos vida a ele...

— Chama isso de vida? — trombeteou o de casaco comprido. — Vocês teriam sugado o sangue dele para encher suas veias mortas e o condenariam à sua condição imunda. Mas estou aqui para impedi-los!

Um dedo foi apontado, enorme e cheio de nós, e então veio uma torrente de vocabulário. Para o atordoado Setwick, soou um pouco como o Novo Testamento, ou talvez o Livro de Oração Comum. Imediatamente, ele se lembrou da declarada antipatia de Hoag por tais citações.

Seus três outrora agressores se reviraram como se estivessem diante de um vento forte que resfriava ou causticava.

— Não, não! Não faça isso! — eles imploraram miseravelmente.

O velho rosto quadrado se escancarou e vomitou uma risada implacável. O dedo cheio de nós traçou uma cruz no ar e o trio uivou em coro, como se o sinal tivesse sido desenhado sobre suas carnes com uma língua de fogo.

Hoag caiu de joelhos.

— Não! — soluçou ele.

— Eu tenho poder — zombou seu algoz. — Eu o obtive durante meus anos encarcerado e agora vou usá-lo. — Outra vez, um triunfante jorro de hilaridade. — Sei que estão condenados e não podem ser mortos, mas podem ser torturados! Os farei rastejarem feito vermes antes de acabar com vocês!

Setwick se pôs em seus pés trêmulos. O comprido casaco e a cabeça de bloco se inclinaram em direção a ele.

— Você, corra! — repetiu um berro grosseiro em seus ouvidos. — Saia daqui... e agradeça a Deus por essa chance!

Setwick correu, cambaleando. Ele atravessou as cizânias do acesso aos tropeções e ganhou a estrada à sua frente. Na distância, brilhavam as luzes de Carrington. Quando ele voltou seu rosto na direção delas e apertou o passo, começou a chorar, engasgado, histérico, exausto.

Não parou de correr até alcançar a plataforma em frente à estação. Um relógio do outro lado da rua bateu as dez horas, em uma voz profunda nada diferente da de Felcher. Setwick respirou fundo, pescou seu lenço do bolso e enxugou o rosto. Sua mão tremia feito uma folha de grama na brisa.

— Com licença! — ouviu-se uma saudação animada. — Você deve ser Setwick.

Como antes, na mesma plataforma, ele se virou com velocidade sobressaltada. Ao alcance do toque estava um homem de ombros largos de cerca de trinta anos, com óculos de aro de casco de tartaruga. Ele usava um elegante paletó Norfolk e calças de flanela. Um cachimbo curto de urze-branca estava preso em uma boca bem-humorada.

— Eu sou Collins, um dos diretores da escola — ele se apresentou. — Se você for o Setwick, nos deixou preocupados. Esperávamos você no trem das sete horas, sabe? Passei por aqui para ver se não conseguia localizá-lo.

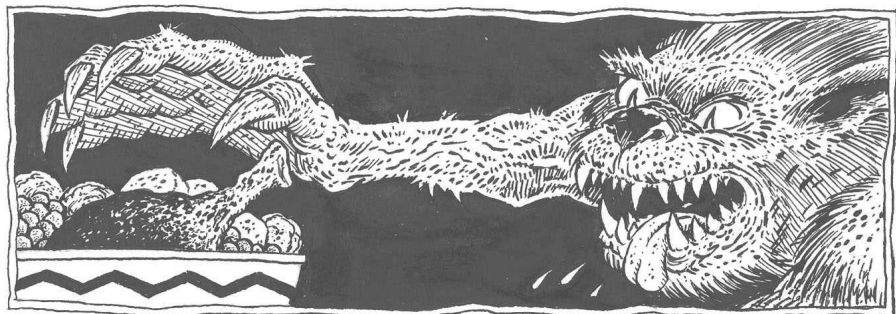
Setwick encontrou um pouco de seu fôlego perdido.

— Mas eu... estive na escola — ele murmurou em protesto. Sua mão, ainda tremendo, gesticulou vagamente para o caminho que ele havia tomado.

Collins jogou a cabeça para trás e riu, então pediu desculpas.

— Perdão — ele disse. — Não é brincadeira se você realmente deu toda essa caminhada para nada. Ora, aquele lugar velho está deserto. Costumava ser um ponto de encontro para meninos ricos incorrigíveis. Foi fechado há cerca de cinquenta anos, quando o diretor enlouqueceu e matou três de seus pupilos. Por coincidência, esse mesmo diretor acabou de morrer nesta tarde, no hospital estadual para doentes mentais.





O Sorriso da Vovó

Robert Shearman

SARAH NÃO QUERIA o zumbi e não sabia de mais ninguém que quisesse. Tirando Graham, é claro, mas ele só tinha quatro anos e queria *tudo*. Sua lista de Natal para o Papai Noel se estendera por tantas folhas de papel que Papai tinha dito que o Papai Noel precisaria fazer uma segunda hipoteca de seu iglu para conseguir aquilo tudo e todos tinham rido, mesmo que Graham não soubesse o que era um iglu e Sarah tivesse quase certeza de que o Papai Noel não morava em um iglu. De todo modo, Sarah havia tentado mostrar ao seu irmão caçula por que zumbis eram bobocas.

— Olha — ela disse, mostrando a ele a foto no catálogo — não tem nada no zumbi. Eles são iguaizinhos a nós. Tirando a pele um pouco mais verde, talvez. E os olhos um pouco embranquecidos.

Mas Graham disse que zumbis eram bacanas porque zumbis comiam pessoas quando estavam com fome. Quando Sarah zombou, Graham irrompeu em lágrimas como sempre e Mamãe pediu que ela deixasse Graham em paz e que ele podia gostar de zumbis se quisesse. Sarah pensou que, se a questão era comer pessoas, ela preferia ganhar o vampiro; pra começar, eles sugavam seu sangue, o que de alguma maneira era mais asseado do que simplesmente sair mastigando a carne de alguém — e Sharon Weekes disse que havia experimentado o vampiro de uma amiga e era ótimo. Não era só a coisa óbvia do dente crescendo, mas os lábios inchavam, eles ficavam mais vermelhos, mais brilhantes, mais cheios e, se você fechasse os olhos e esfregasse um no outro, a sensação era igualzinha à de estar beijando um menino. Como se Sharon Weekes soubesse. Sharon Weekes era coberta de espinhas e

menino algum já a havia beijado; se você chegasse até mesmo a tocar em Sharon, a cara dela explodiria — mas sabe como é, sei lá, a coisa dos lábios se esfregando ainda parecia ótima. Sarah não havia feito sua lista de Natal como Graham, ela simplesmente disse ao Papai Noel que gostaria do vampiro, por favor. Só o vampiro, não a múmia ou o lobisomem ou o demônio. E definitivamente, não o zumbi.

Mesmo antes de Vovó ter decidido ficar, Sarah sabia que esse Natal seria diferente. Mamãe e Papai haviam dito que se ela e Graham queriam brinquedos tão caros, eles teriam que se contentar com um presente só esse ano. Em um tempo não tão distante, eles teriam ganhado toneladas de presentes e o carpete debaixo da árvore de Natal teria ficado lotado de pacotes de embrulhos brilhosos de diferentes tamanhos e formas. Eles teriam levado horas para abrir aquilo tudo. Mas isso foi antes de Papai deixar seu trabalho porque gostaria de “seguir por conta própria”, antes da restrição de crédito, antes daquelas discussões na cozinha tarde da noite que não eram para Sarah ter ouvido. Geralmente, as discussões na cozinha eram sobre dinheiro, mas, certa noite, foram sobre Vovó, e Sarah por acaso se deu ao trabalho de escutar.

— Achei que ela ia ficar com a Sonia! — disse Mamãe. Sonia era a irmã de Papai. Ela tinha um sorriso triste e, desde que o Tio Jim a havia deixado por alguém menos feia, ela passara a viver sozinha.

— Ela diz que está brigada com Sonia — explicou Papai. — Vem passar o Natal conosco, em vez disso.

— Ah, pelo amor de Deus, *pelo amor de Deus* — disse Mamãe, e ouviram-se gavetas batendo.

— Que foi? — bradou Papai. — Ela é minha Mamãe, o que é que eu ia dizer? — Então ele acrescentou: — Pode até funcionar a nosso favor. — Mamãe respondeu que era bom que funcionasse, e Sarah não conseguiu ouvir mais nada, talvez porque eles tivessem fechado a porta da cozinha, talvez porque Mamãe estivesse chorando de novo.

A maioria dos Natais eles passavam entre si, apenas Sarah com Mamãe, Papai e Graham. E, no Dia da Oferenda², eles entravam no carro e seguiam pela rodovia para ver a Vovó e o Vovô. A Vovó parecia um pouco com o Papai, porém mais velha e levemente mais feminina. E o Vovô cheirava a cigarro, mesmo tendo parado antes de Sarah nascer. Vovó e Vovô entregavam presentes, Sarah e Graham diziam obrigado independentemente do que ganhassem. E eles faziam outra ceia de Natal, assim como no dia anterior, só que dessa vez o peru seria mais seco e haveria couve-de-bruxelas em vez de linguças. Não haveria outro Dia da Oferenda como aquele. Em parte porque, no ano passado, no caminho para casa, Mamãe havia dito que nunca poderia passar outro Natal como aquele e Papai havia precisado se

esforçar ao máximo para acalmá-la no Little Chef — mas, em grande parte, Sarah supunha que era porque Vovô estava morto. Era capaz de isso fazer diferença. Eles todos foram ao funeral e Sarah nem perdeu aula porque foi durante as férias de verão e Graham bancara o estorvo durante a cerimônia, perguntando se Vovô agora era um fantasma e se ele voltaria do túmulo. Durante a coisa toda, Vovó ficou sentada no banco da igreja, completamente só, e não quis que ninguém sentasse perto dela, nem mesmo Tia Sonia — e Tia Sonia era sua favorita. E ela havia chorado. Lágrimas tinham corrido por seu rosto e Sarah nunca tinha visto Vovó assim, seu rosto tinha sempre a firme rigidez do granito, mas, agora, com todas as lágrimas, havia ficado macio, gordo, polpudo e só um pouquinho assustador.

Quatro dias antes do Natal, Papai levou uma árvore para casa.

— Aí vem um dos elfos do Papai Noel! — ele riu, enquanto a arrastava para a sala de estar. Ela era enorme, e Graham e Sarah a amaram, seus galhos superiores raspavam o teto, mas não puderam colocar a fada no topo como de costume, pois ela teria quebrado a espinha. Graham e Sarah começaram a cobri-la de bolas, festão e piscas-piscas, e Mamãe perguntou:

— Quanto ela custou? Achei que a ideia era ser um pouco mais econômico, este ano. — Papai disse que sabia o que estava fazendo, que sabia como lidar com a situação. Eles dariam a Vovó o melhor Natal que ela já havia tido! E ele pediu a todos que escutassem atentamente e então disse que aquele era um Natal muito importante, o primeiro que Vovó passaria sem o Vovô. E era provável que ela estivesse um pouco triste, talvez um pouco rabugenta, mas que todos teriam que fazer concessões. Este ano teria que ser o Natal *dela*; fosse lá o que ela quisesse, tudo se resumia a fazer a Vovó feliz. Ela ficaria com a maior fatia do peru e poderia escolher qual filme do James Bond assistiriam à tarde, o da BBC1 ou o da ITV.

Ele podia contar com Graham e Sarah para isso? Podia contar com eles entrando no jogo? Ambos disseram que sim, e Papai ficou satisfeito. Eles tinham sido tão bonzinhos que ele colocou seus presentes debaixo da árvore na mesma hora. Ele buscou dois pacotes do mesmo tamanho, do mesmo formato, caixas achatadas, uma embrulhada em papel azul e a outra de rosa.

— Agora, sem espiar até o grande dia! — ele riu, mas Graham não conseguiu evitar e não parava de revirar seu presente de um lado para o outro, e de sacudi-lo, se perguntando o que havia lá dentro... era um demônio, era um zumbi? E Sarah teve que tocar a decoração da árvore totalmente sozinha, mas tudo bem. Graham não era muito útil e ela fez um trabalho melhor com ele fora do caminho.

E esse foi só o início do trabalho! Os dias seguintes foram

frenéticos! Mamãe insistiu para que Vovó viesse para uma casa tão imaculada e organizada quanto possível, na qual desta vez ela fosse incapaz de achar qualquer coisa de errada. Ela fez Sarah e Graham limparem até mesmo os quartos que Vovó não veria! E era tudo para a Vovó — foi isso o que disseram a eles — tudo para a Vovó; e, se Graham ficou emburrado com isso (e ele ficou um pouco), Papai disse que um dia alguém próximo a *ele* morreria e, então, *ele* poderia ter um Natal especial no qual todos ficariam para cima e para baixo por causa *dele*, o que fez Graham se animar. Na Véspera de Natal, Papai disse que estava muito orgulhoso de seus filhos e que tinha um agrado para os dois. Na manhã seguinte bem cedo ele sairia para buscar Vovó em sua casa no interior. Era uma jornada de quatro horas e meia para ir e voltar, e eles tinham sido *tão* bonzinhos que receberam permissão para ir junto na viagem! Graham ficou muito empolgado e gritou bastante. Mamãe disse que tudo bem levar Graham, mas ela precisava de Sarah em casa, pois ainda havia trabalho a ser feito. Sarah não era boba e a ideia de uma longa viagem de carro até a Vovó não parecia muito divertida, mas havia sido oferecida como um agrado e doía nela ter um agrado negado. Papai olhou feio para Mamãe, Mamãe olhou feio de volta, e, por um momento arrebatador, Sarah pensou que eles poderiam ter uma discussão — mas eles só faziam isso na cozinha e ainda acreditavam que as crianças não sabiam, portanto, Papai relaxou, riu, assanhou o cabelo de Graham e disse que seria uma diversão para os meninos, só para os meninos, e tornou a rir. Então, estava tudo bem.

Logo cedo, na manhã de Natal, horas antes do nascer do sol, Papai e Graham partiram para buscar Vovó. Graham estava tão sonolento que se esqueceu de ficar empolgado.

— Então tchau! — disse Papai, animado.

— Tchau — disse Mamãe, então, de repente lhe deu um abraço apertado.

— Vai ficar tudo bem — disse Papai.

— É claro que vai — disse Mamãe. — Vá-se embora!

Ela acenou para eles e então virou-se para Sarah, que estava acenando junto com ela, ao seu lado. Mamãe disse:

— Só temos algumas horas para deixar tudo perfeito. — Sarah assentiu e foi até o armário pegar o aspirador de pó. — Não, não — disse Mamãe — para deixar *você* perfeita. Minha menininha perfeita. A seguir, Mamãe tomou Sarah pela mão, sorriu para ela gentilmente e levou-a para seu quarto. — Vamos deixar você uma menina tão linda... Vão todos ver o quanto você pode ser linda. Você vai gostar, não vai? Pode usar seu vestido bonito. Você vai querer seu vestido novo, não vai?

Sarah não gostava do vestido novo. Era difícil brincar de vampira com ele, era difícil brincar de *qualquer coisa* com ele, mas Mamãe era insistente.

— E vamos colocar umas belas joias em você. Esse é um colar meu. É lindo. É de ouro. Você gosta? Minha Mamãe deu ele pra mim. Assim como eu agora estou dando pra você. Você se lembra da minha Mamãe? Você se lembra da Outra Vovó? — Sarah não se lembrava, mas disse que sim e Mamãe sorriu. — Ela tinha uns brincos também, vamos experimentá-los em você? Vamos ver como fica? — E os brincos eram muito mais pesados que as tachas simples às quais Sarah estava acostumada; eles esticavam seus lóbulos feito chiclete e Sarah sentiu como se eles esticassem seu rosto todo.

— Não são lindos? — disse Mamãe e, quando Sarah reclamou que eles machucavam um pouco, Mamãe disse que ela se acostumaria. Então Mamãe tomou Sarah pelo queixo e passou nela um pouco de batom. Sarah nunca tinha usado maquiagem, diferente das meninas que sentavam na fileira dos fundos no ônibus escolar, diferente até mesmo de Sharon Weekes, pois Mamãe sempre disse que isso as deixava vulgares. Sarah lembrou-a disso, mas Mamãe não respondeu, portanto, ela perguntou se aquilo tudo era para a Vovó, e Mamãe disse: — Sim, é tudo para a Vovó. — Mas, a seguir, ela se corrigiu: — É para *todos* eles, vamos lembrar a eles a menina linda que você é, que mulher linda você poderia ser quando crescesse. Lembre-se sempre de que você poderia ter sido uma mulher linda. — Então, ela quis pintar um pouco as unhas de Sarah, nada muito exagerado, nada muito vermelho, apenas algo claro e cintilante. Sarah já estava farta; ela olhou no espelho e não reconheceu a pessoa que olhou de volta. Ela parecia tão mais velha, ensebada e artificial... estava igualzinha à Mamãe. Havia lágrimas em seus olhos e ela olhou para o reflexo de Mamãe por trás de seu reflexo e havia lágrimas nos olhos de Mamãe também. Mamãe pediu desculpas, tirou os brincos e limpou o batom com um lenço. — Me desculpe — pediu ela outra vez e disse que Sarah não precisava se arrumar se não quisesse, o Natal era dela também, não só da Vovó. Sarah se sentiu mal e, embora não tivesse gostado muito do colar, perguntou se podia continuar com ele, mentindo que ele a deixava bonita, e Mamãe irradiou alegria num sorriso largo, deu-lhe um abraço e disse que é claro que ela podia usar o colar, qualquer coisa para sua querida, qualquer coisa que ela quisesse.

A primeira coisa que Vovó falou foi:

— Não trouxe nenhum presente pra vocês, então, não fiquem esperando.

— Pode entrar — disse Papai, rindo — e sinta-se em casa! — Vovó

fungou como se achasse esse prospecto particularmente desagradável.

— Olá, Sra. Forbes — cumprimentou Mamãe.

— Olá, Vovó — disse Sarah, e sentiu o mais extraordinário ímpeto de fazer uma mesura. Graham se arrastava logo atrás, anormalmente quieto, obviamente reprimido por uma força maior que a sua. Mamãe indagou:

— Posso lhe trazer um chá, Sra. Forbes? Temos de todos os tipos, Earl Grey, Lapsang Souchong, Ceylon...

— Eu gostaria de chá, não de um interrogatório — respondeu Vovó. Ela foi para a sala de estar e, quando sentou-se na poltrona do Papai, fez todas as almofadas soltas despencarem, sem nem notar o quanto elas tinham sido cuidadosamente arrumadas e afofadas.

— A senhora gostou da árvore, Mamãe? — perguntou Papai. Vovó avaliou-a brevemente e disse que era grande demais e que esperava que ele a tivesse comprado com desconto. Papai começou a dizer algo sobre como a árvore era apenas para deixar as crianças felizes, como se fosse realmente culpa delas, mas Mamãe logo chegou com o chá. Vovó pegou sua xícara, bebericou e estremeceu. — Gostaria de ver seus presentes, Mamãe? Estamos com seus presentes. — À menção dos presentes, Graham despertou e bradou:

— Presentes! Presentes!

— Seus presentes ainda não, carinha — riu Papai amigavelmente — Primeiro a Vovó, lembra? — E Vovó suspirou e disse que não tinha interesse em presentes, ela não via razão alguma para comemorar, mas obviamente não queria estragar a diversão de ninguém, sendo assim, se eles tivessem algum presente para dar a ela, aquela seria uma hora tão boa quanto qualquer outra para aturá-los. Papai havia comprado alguns presentes e etiquetado dois como sendo de Sarah e Graham. Acabou que eles haviam comprado para ela um perfume — Seu favorito, não é? — perguntou Papai — E com dinheiro do bolso deles!

— Que utilidade eu tenho pra um perfume agora que Arthur morreu? — retorquiu Vovó, seca. E inclinou o rosto para frente, para que Sarah e Graham pudessem beijá-lo, à guisa de agradecimento.

Graham ficou encantado com sua fantasia de lobisomem.

— Lobisomem! — ele gritou e, sacudindo a caixa acima da cabeça, precipitou-se pela sala de visitas em sua empolgação.

— Se você se acalmar, carinha — riu Papai —, pode experimentar pra ver se serve!

Eles tiraram o papel celofane da caixa, abriram a tampa e pegaram as instruções de uso. A idade recomendada era acima de dez anos, mas, como Papai havia dito, era só uma recomendação. Além disso, havia adultos o suficiente ali para supervisioná-lo. Havia uma máscara

peluda de lobisomem, pantufas peludas de lobisomem e um *collant* inteiriço peludo de lobisomem. Vovó olhou desaprovadora e afirmou:

— No meu tempo, garotinhos não queriam ser lobisomens. Eles queriam ser soldados e maquinistas de trem.

Graham pôs a máscara sobre o rosto e quase imediatamente todos puderam ver como o pelo parecia crescer em resposta — não apenas para fora, qual seria a graça disso, mas também para dentro; cada pequeno folículo capilar se enterrando profundamente no rosto de Graham, para que pudessem mesmo acreditar que todo aquele pelo havia saído naturalmente de um menininho. Com um estalo, sua mandíbula também se alongou em algo parecido com um focinho; não era um focinho de lobo completo, é claro que não, aquilo era só um brinquedo, e dava para ver que as gengivas vermelhas em carne viva dentro daquela boca salivante eram um pouco borrachudas demais pra serem reais, mas ainda eram efetivas o bastante para Vovó ficar impressionada.

— Minha nossa — ela disse. Mas aquilo não era nada. Quando Papai fechou a fivela ao redor da fantasia, na mesma hora, o corpo inteiro de Graham se contorceu de uma maneira que só podia ser descrita como selvagem. A coluna estalou e pipocou conforme Graham crescia, então, se retorceu e curvou, como se protestasse por uma criatura de quatro patas estar se apoiando em duas. A espinha, agora arqueada, se avolumava raivosamente por baixo do pelo. Graham deu um ganido.

— Isso não dói? — perguntou Mamãe, e Papai disse que não. Esses brinquedos estavam na crista da onda e todas as crianças os amavam. Graham experimentou seu novo corpo. Ele se lançou pela sala, rosnando quase ao modo de uma pantomima, se empolgou tanto balançando a cauda que quase derrubou a mesinha de centro — e não importava, estavam todos rindo de tanta diversão, até Sarah, até Vovó.

— É uma perfeita ferinha, não é? — disse Vovó.

— E, vejam vocês, também é educativo — se intrometeu Papai —, porque Graham vai aprender muito mais sobre os animais dessa forma, aposto que isso vai mandá-lo direto pra biblioteca.

Mamãe comentou:

— Me pergunto se ele vai uivar pra lua!

E Papai falou:

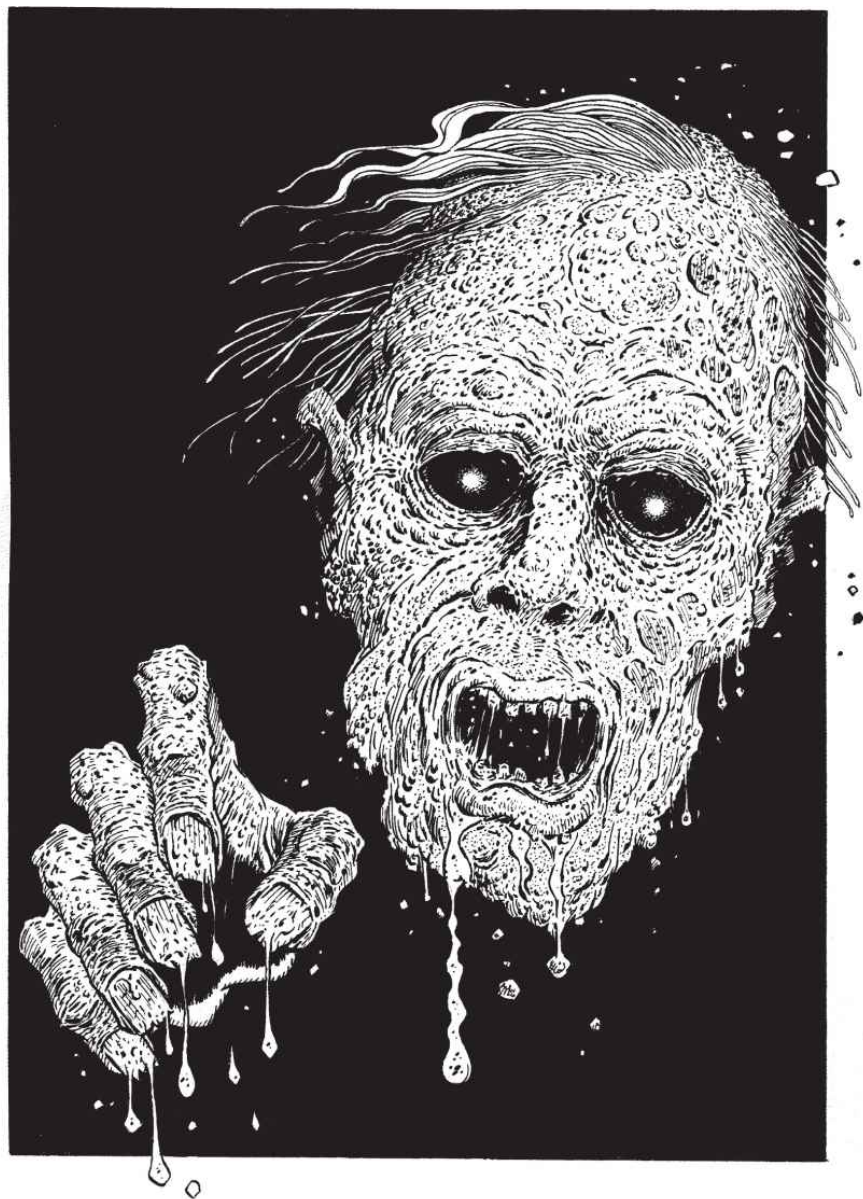
— Bom, é claro que ele vai uivar pra lua.

E Vovó disse:

— Todos os lobos uivam pra lua, até eu sei disso.

E Mamãe pareceu abatida.

Desde o primeiro rasgo no papel de embrulho rosa, Sarah pôde ver que não tinha ganhado a fantasia de vampiro. Mas ela esperava que não fosse um zumbi, mesmo quando pôde ver o verde nauseante da máscara, as manchas hepáticas intumescidas, a palavra zumbi! proclamada orgulhosamente sobre a caixa. Ela achou que devia ser um engano. E estava prestes a dizer alguma coisa, mas, quando olhou para seus pais, viu que eles sorriam radiantes para ela, encorajando, incitando, estimulando-a a abrir a tampa e a se tornar um dos mortos-vivos. Então, ela sorriu de volta, lembrou-se de não fazer estardalhaço — aquele era o dia da Vovó — e torceu pra eles terem guardado a nota fiscal para que depois ela pudesse trocar pela de vampiro. Papai perguntou se ela queria uma força, Sarah disse que se virava, porém ele já a estava ajudando. Ele tirou a máscara de zumbi e já estava envolvendo todo o rosto da garota com ela. Ele a ajudou com as pantufas de zumbi, grossos pés de prancha com unhas crescidas demais e pele descascando. Ele a ajudou com o traje, estalou a fivela. Sarah sentiu frio por todo o seu redor, como se tivesse acabado de ser mergulhada em uma piscina, mas era seco dentro dessa piscina, seco como pó, e esse pó frio estava dentro dela. E a surpresa disso deu-lhe ânsia de vômito, mas ela se controlou, engoliu o ímpeto, embora não houvesse saliva com a qual engolir. Seu rosto despencou e se avolumou um pouco, como uma espinha enorme prestes a ser estourada, ela se sentia mais pesada, feito um saco encharcado... Mas encharcado do quê? Não havia água, nenhuma umidade em absoluto, então do que ela poderia estar encharcada?



— Dê uma voltinha! — disse Papai, e riu. Ela o escutou com ouvidos mortos e então se virou e cambaleou; os pés não a deixavam caminhar devidamente, sentia o corpo pesando para baixo em todas as áreas erradas. Papai tornou a rir, todos riram com aquilo, e Sarah tentou rir também. Ela projetou os braços em um modo cômico de zumbi.

— Grr — rosnou ela. O rosto de Papai brilhava, Mamãe parecia só um pouco assustada. Vovó estava encarando, não conseguia tirar os olhos dela.

— Incrível — disse, e a seguir, também sorriu; não um simples sorriso... era um sorriso de *orelha a orelha*. — Incrível! — Graham havia ficado entediado de assistir e tinha voltado a fazer fosse lá o que fazem lobisomens perto de árvores de Natal.

— E, depois de toda essa empolgação, peru assado, com todos os acompanhamentos! — disse Mamãe. O estômago de Sarah roncou, embora ela não soubesse que estava com fome. — Venham, crianças. Guardem os brinquedos.

— Acho que Sarah devia usar a fantasia dela no jantar — sugeriu Vovó.

— Eu concordo — disse Papai. — Ela acabou de vestir.

— Muito bem — disse Mamãe. — Como quiserem. Mas você não, Graham. Não quero um lobisomem na mesa de jantar. Quero o meu menininho.

— Não é justo! — gritou Graham.

— Mas lobisomens não têm boas maneiras à mesa, querido — explicou Mamãe. — Vai espalhar peru pra todo lado.

Graham começou a chorar e o choro saiu como um uivo particularmente lamentoso. Ele não ia tirar seu lobisomem, *não ia*, ele queria viver no seu lobisomem para sempre e Mamãe deu um tapa nele, só um fraquinho, e isso só o fez uivar ainda mais.

— Pelo amor de Deus, de que importa? — disse Papai. — Deixa ele ser um lobisomem, se quiser.

— Tá — concordou Mamãe. — Eles podem ser monstros, então, vamos *todos* ser monstros! — E ela sorriu para mostrar a todos que estava mesmo feliz, que ela só parecia irritada, mas que estava feliz. Mamãe raspou o jantar de Natal de Graham para uma tigela e colocou-a no chão. — Tente ser cuidadoso, querido — ela recomendou. — Lembra do quanto nos esforçamos pra deixar esse carpete limpo? Você vai se sentar à mesa, não vai, Sarah? Não sei muito sobre zumbis, os zumbis comem à mesa?

— Sarah vai sentar ao meu lado — disse Vovó e riu de novo e todo o seu rosto se iluminou. Ela realmente tinha um rosto um tanto

agradável, no fim das contas. Todos se animaram e foi um jantar feliz, embora Vovó não tivesse achado que aquela fora a melhor parte do peru e que os legumes tinham passado do ponto. Sarah cobriu seu peru com o caldo da ave e molho de mirtilo; ela até amassou ervilhas e o besuntou com elas, só pra dar à carne um pouco mais de sumo. Ela sabia que a carne estava leve e amanteigada, parecia tão bom no garfo, mas, assim que passou pelos seus lábios a comida pareceu velha e cinzenta.

— Você puxa meu *cracker*³, Sarah? — perguntou Vovó animadamente, e Sarah não queria, era difícil segurar firme os talheres com aquelas mãos descamando.

— Vamos lá, Sarah — riu Papai. Sarah soltou sua faca e seu garfo, atrapalhou-se com a ponta do *cracker* da Vovó e torceu para que quando ela puxasse, nada terrível acontecesse — ela tinha botado na cabeça que seu braço estava pendurado por um fio; bastava um puxão firme e ele sairia. Mas não saiu. *Bang!* fez o *cracker*, vovó tinha vencido e gostou daquilo. Ela leu a piada, todos disseram que acharam engraçado e ela até colocou seu chapéu de papel.

— Me sinto a rainha do baile! — disse. — Ora vejam só, *eu* estou me divertindo!

Após o jantar, Vovó e Sarah se acomodaram no sofá para assistir ao filme de James Bond na TV. Mamãe disse que iria lavar a louça e limpar o carpete, e que poderia demorar um pouco. Papai se ofereceu para ajudá-la, pois disse que já tinha visto aquele do Bond. Graham queria fazer xixi, então deixaram que ele saísse para o jardim. Portanto, só estavam Vovó e Sarah ali sentadas, só as duas, juntas.

— Tenho saudades do Arthur — disse Vovó durante a sequência de abertura. — Sonia me disse que preciso superar, mas o que Sonia sabe sobre o amor? — Sarah não tinha nada a dizer quanto a isso. Sentar no sofá era difícil para ela, tinha o peitoral pesado e pendendo para um dos lados. Porém, descobriu que era capaz de alcançar a fivela de sua fantasia. Ela a remexeu, mas seus dedos eram grossos demais e não conseguia achar um ponto de apoio. A primeira vez que Bond beijou uma mulher, Vovó pegou na mão da neta. Sarah não tinha certeza se era a mão da Vovó ou a sua que parecia tão coriácea. — Sabe como eu conheci o Arthur? — perguntou Vovó. Sentada em sua posição afundada, Sarah conseguia sentir algo metálico a cutucá-la e percebeu que devia ser o colar que Mamãe havia lhe dado. Estava enterrado em algum lugar debaixo de toda aquela carne masculina morta. — Arthur já era casado. Você sabia disso? Isso choca você? Mas eu simplesmente olhei pra ele e disse pra mim mesma, ele vai ser meu. — E havia um cheiro engraçado, também, pensou Sarah, e supôs que provavelmente *era* ela. James Bond se meteu em algumas enrascadas e saiu delas usando tiradas e violência extrema. Vovó não

havia soltado a mão de Sarah. — Você sabe o que é o amor? É estar preparado para abandonar quem se é. Mudar a si mesmo completamente. Só pelo prazer de outra pessoa. — O colar era mesmo um tanto afiado, mas Sarah não se importava, ele parecia *real*, e ela tentou mover seu corpo de modo que ele se enfiasse nela ainda mais. Talvez ele cortasse as camadas de pele que o cobriam, talvez despontasse por elas e mostrasse que Sarah estava escondida lá embaixo! — Antes de eu conhecê-lo, Arthur era um marido. E um pai. Por mim, ele se tornou nada. Um nada. — Com sua mão livre, Sarah tentou mexer na fivela outra vez, dessa vez com certo pânico. Ela fincou suas unhas, mas só teve sucesso em arrancar completamente algumas delas. E sabia o que era aquele cheiro, era fumaça velha de cigarro. Papai veio da cozinha.

— Os dois pombinhos tão se dando bem? — ele perguntou. E talvez até tenha piscado. James Bond fez uma piada e Vovó agarrou a mão de Sarah tão forte que ela soube com certeza que deixaria marca.

— Eu geralmente consigo o que eu quero — suspirou Vovó. Sarah fitou a janela de canto de olho. No jardim congelado, Graham havia derrubado um pássaro na pancada e agora estava brincando com seu corpo. Ele o tinha jogado para o ar e apanhado entre os dentes. Mas também parecia hesitante, como se estivesse pensando se comê-lo seria levar as coisas longe demais.

Graham havia se cansado da fantasia de lobisomem perto da hora de dormir. Ele desafiou o cinto por conta própria e deixou a fantasia jogada no chão.

— Eu quero um vampiro! — ele disse. — Ou um zumbi!

Mamãe e Papai disseram que talvez ele pudesse ganhar outro monstro no próximo Natal, ou quem sabe em seu aniversário. Isso não era bom o bastante e só depois que eles sugeriram que poderia haver monstros com desconto nas liquidações de janeiro ele se animou. Ele podia ser paciente, ele já era crescido. Depois dele ir para a cama, Vovó disse que também gostaria de se recolher; tinha sido um dia longo.

— E obrigada — emendou ela, e olhou para Sarah. — É notável. — Papai disse que agora ela entendia por que ele havia pedido todas aquelas fotografias; para acertar direitinho a semelhança, muitas modificações especiais tinham sido feitas, não fora barato, mas ele esperava que tivesse sido um bom presente. — O melhor que já ganhei — respondeu Vovó. — E aqui tem uma coisinha para vocês dois. — Ela tirou um cheque, rabiscou alguns zeros nele e o entregou. Ela esperava que aquilo pudesse ajudá-los a se virar na recessão. — E feliz Natal! — ela disse, vivaz.

Vovó vestiu sua camisola, mas não tão rápido a ponto de Sarah não ser capaz de dar uma boa olhada em sua total realidade. Ela não achava que a pele da Vovó era muito diferente daquela que estava usando, os mesmos caroços e saliências e fissuras peculiares, as mesmas marcas de arranhões e pontinhos sarapintados. A dela só era levemente mais fresca. E, como se Vovó pudesse ler a mente de Sarah, disse a ela para ser um bom menino e sentar-se na penteadeira.

— Só um retoquezinho — ela disse. — Nada afeminado. Só vou deixar você um pouco mais você. Ela passou um pouco de rouge nas faces, um toquezinho de batom, rímel. — Não dá pra fazer muito com os globos oculares — Vovó refletiu —, mas no escuro, não vou nem perceber. — E os preparativos não foram apenas para Sarah. Vovó borrifou seu novo perfume atrás das orelhas. — Só pra você, querido — ela disse. — Seu presentinho lindo. — Sarah gesticulou na direção da porta e Vovó pareceu intrigada, então, se iluminou. — Sim, vá tirar água do joelho. Estarei esperando, meu docinho.

Mas Sarah não tinha água nenhuma pra tirar do joelho. Vovó não percebia que não havia líquido dentro dela, não se dava conta de que ela era composta de pó? Sarah passou cambaleando pelo banheiro e desceu as escadas até a sala de visitas onde seus pais estavam assistindo à reprise do discurso da Rainha. Eles se assustaram quando ela entrou. Os dois pareciam um pouco culpados. Sarah tentou encontrar as palavras que desejava e até mesmo como dizê-las... sua língua repousava fria em sua boca.

— Por que eu? — ela finalmente conseguiu.

Papai disse:

— Eu o amava. Ele era um bom homem, era um homem gentil. — Mamãe desviou o olhar completamente. Papai prosseguiu. — Você entende por que não poderia ter sido Graham, não entende? Por que tinha que ser você? — E, se Sarah tivesse sido uma lupina como seu irmão, ela poderia naquele momento ter rasgado as gargantas deles ou os ter derrubado com pancadas de suas patas. Mas ela era um homem morto, um homem morto que havia sido bom e gentil. Então, ela assentiu brevemente, depois voltou devagar escada acima, arrastando os pés.

— Me abraça — disse Vovó. Sarah não sabia como, não sabia onde botar seus braços ou suas pernas. Ela fez o melhor que pôde, mas era tudo tão emaranhado. Vovó e Sarah se deitaram lado a lado por um longo tempo no escuro. Sarah tentou sentir o colar debaixo de sua pele, mas não conseguia, ele havia sumido. Aquele pequeno símbolo de fosse lá que feminilidade tivera, havia ido embora. Ela se perguntou se Vovó tinha adormecido. Mas então Vovó disse: — Quem dera fosse de verdade. Mas não é de verdade. Você não é de verdade.

— Ela acariciou o rosto de Sarah e sussurrou: — Ah, meu amor... Ah, meu pobre amor morto.

Você não é de verdade, Vovó ainda estava dizendo e agora ela estava chorando e Sarah pensou em como Vovó estava naquele dia no funeral, seu rosto todo ensopado e deformado e ela sentiu uma pontada de pena dela — e foi *aquilo*, a pena era o tranco necessário, havia algo de líquido naquele corpo, afinal de contas.

— Você não é de verdade — disse Vovó.

— Eu sou de verdade — ele disse, e inclinou-se sobre ela e beijou-a nos lábios. E os lábios sob os dele não estavam secos, estavam cheios, estavam úmidos, e agora ele mordiscava o rosto dela e ela mordiscava de volta, como se quisessem devorar um ao outro, como se estivessem tão famintos, que poderiam devorar um ao outro vivos. Sharon Weekes estava errada, foi um pensamento perdido que lampejou por sua mente, Sharon Weekess não sabia nem da metade. É assim que é, assim é que é beijar, assim é que é beijar um menino.



2- No original, *Boxing Day*, nome mais popular do *Offering Day*, feriado de 26 de dezembro em vários países anglófonos; neste, tradicionalmente, se ofereciam presentes a pessoas pobres; hoje, possui outros significados, como um dia de liquidações e de uma importante rodada no futebol inglês. - N. da T.

3- Os *crackers* são enfeites tradicionais no Natal do Reino Unido. Em forma de bombom, eles se abrem com um pequeno estouro ao terem as extremidades puxadas, revelando uma mensagem surpresa. - N. da T.



A Química dos Fantasmas

Lisa Morton

— EI, APRIL? Acho que fiz uma coisa bem ruim.

Quando seu irmão de nove anos de idade diz isso, nunca é bom. Quando ele *sussurra* isso, enquanto vocês tão voltando a pé pra casa depois da escola e não tem ninguém ao redor, por pelo menos cem metros, é só esquisito.

Normalmente, eu teria chamado o Matt de bocó ou teria zombado de seu sussurro, mas aquele não era um dia normal. Nossa escola tinha sido visitada por policiais que estavam investigando o desaparecimento de um colega, mas não de um colega qualquer: eles estavam procurando pelo Benny Salazar, também conhecido como o melhor amigo do meu irmão. Eu sabia que tinham tirado o Matt da aula pra conversar com ele, mas não sabia o que tinha sido dito.

— Tá bom, Matt. O que você fez?

Ele olhou em volta, culpado, desacelerou e aí parou, virando-se pra mim, apesar de não ter erguido o olhar.

— Eu disse pra polícia que o Benny me mandou uma mensagem na noite passada dizendo que ele ia fugir e ia pra Faculdade Broadmore. Ele ouviu que tinham fechado uma ala de lá porque dizem que é assombrada e queria conferir pessoalmente.

O Benny era um menino estranho; ele acreditava totalmente em fantasmas e instalava no celular tudo quanto era tipo de aplicativo de caça a fantasmas, então, dava pra entender por que ele faria algo assim. Eu, por outro lado — eu posso ser apenas três anos mais velha que Matt e Benny, mas dou risada em filmes de terror. Sou totalmente uma nerd da ciência, especialmente quando se trata de química; tipo,

eu tenho um pôster com a tabela periódica na parede do meu quarto porque acho que é simplesmente a coisa mais maneira de todos os tempos o universo inteiro ser feito de apenas noventa e oito tipos de átomos de ocorrência natural (e mais vinte feitos pelo homem). Gosto da aparência que a tabela tem, com cada elemento tendo um bloquinho e um número que indica como é feito. Meus pais vivem tentando me convencer a me formar em Administração, mesmo eu já sabendo que tenho que ir pras ciências.

Na verdade, eu gostaria de estudar na Broadmore algum dia, porque um dos maiores professores de química da história, o doutor Cole Addison, havia ensinado lá até sua morte, no ano passado — ele teve um ataque do coração bem no meio de uma aula. A mãe da minha amiga Ling, que ensinava economia na Broadmore, tinha até conhecido o doutor Addison, embora a Ling tenha dito que nunca encontrou ele pessoalmente.

— Mamãe falou que ele era de dar medo — Ling me disse.

Não era a primeira vez que eu ouvia aquilo. Cole Addison era um gênio, mas supostamente também era o professor mais rígido de *todos* os tempos. As provas dele eram incrivelmente difíceis, ele nunca elogiava nenhum dos seus alunos e aparentemente havia tido um troço numa aula gritando com algum garoto e tombado morto ali mesmo. Quanto a mim, eu gostava de professores carrascos e pensava que poderia tirar um raro 10 na matéria do Cole Addison. Eu ficava bem sentida porque nunca chegaria a descobrir.

Se o Addison era de dar medo em vida, ele aparentemente dava ainda mais medo depois de morto. Uma semana após sua morte, um zelador que limpava sua antiga sala tinha surtado quando “algo me acertou na nuca, mas não tinha ninguém lá”. Uns dias depois, uma professora de física estava trabalhando até tarde em seu escritório quando Cole Addison atravessou uma parede e se transformou em um esqueleto na frente dela. Ela mesma era uma professora bem durona, mas, depois desse encontro, se recusou a voltar àquele prédio, igual a várias outras pessoas. Por fim, a faculdade havia fechado a ala até que pudessem pensar no que fazer com ela.

A Ling também me contou que a mãe dela disse que a polícia esteve de fato procurando o Benny naquele mesmo prédio mais cedo, nesse dia.

— Tá tentando me dizer que o Benny foi a Broadmore procurar fantasmas? — perguntei.

Matt arrastou os pés, mordeu o lábio e eu pensei: *Opa, isso é coisa SÉRIA.*

— Bom, pois é, mas... — Ele se deteve e enfim me olhou nos olhos. — Primeiro, tem que prometer que não vai contar pra ninguém,

principalmente a mãe e o pai.

— Tá, eu prometo. Conta logo.

— Eu... eu saí escondido na noite passada e fui com o Benny. A gente foi de bicicleta até Broadmore.

Tenho certeza de que meu queixo caiu, porque o Matt deixou escapar:

— Você prometeu não contar...!

— Não vou contar. O que aconteceu?

— A gente encontrou a ala fechada. O Benny disse que assistiu a um episódio de *Caçadores de Assombrações* que se passava ali e que tinha sido muito incrível, então, ele quis ver com os próprios olhos. A gente achou uma porta aberta e o Benny entrou.

O Matt se deteve e percebi que ele tava chorando. Meu sarcasmo desapareceu e puxei ele pra dar um abraço.

— Ahh, Matty, seja lá o que aconteceu, não pode ser tão ruim...

— Pode, sim — ele disse, sua voz abafada pelo meu casaco — porque eu não entrei. Eu tava entrando, mas tive uma sensação muito ruim e amarelei. Daí, ouvi o Benny gritar e saí correndo.

Eu o segurei por um segundo antes de afastá-lo gentilmente.

— Mas você fez a coisa certa: você contou à polícia que achava que Benny poderia estar naquele prédio e fizeram uma busca lá.

— Mas não encontraram ele.

— Certo... — Eu não entendia aonde ele queria chegar com isso.

— E eu sei que ele tá lá. *Eu sei disso*. E talvez nada disso teria acontecido se eu não tivesse amarelado.

— Mas a polícia fez uma busca no prédio e não encontrou ele.

O Matt fungou, limpou sua última lágrima e disse:

— Então eu vou encontrar.

Agarrei seu ombro pra que ele soubesse que eu falava sério.

— Matt, você *não vai* voltar lá. Se a polícia não achou ele, o que te faz pensar que você vai?

— Eu não sei, mas... eu tenho que tentar, April.

O Matt se afastou, pisando duro. Eu sabia que ele iria fazê-lo e que eu não seria capaz de impedi-lo.

E foi quando soube que precisava ir com ele.

Esperamos naquela noite até depois de nossos pais terem dado sua olhada em nós e ido pra cama. O Matt me mandou uma mensagem e partimos pra ação.

Encontrei o Matt lá embaixo, no jardim. Ele já tava na sua bicicleta, mochila a postos — e um taco de beisebol se projetando da

bolsa.

— Qual é a do taco? — sussurrei.

— Proteção. Pode ter ratos ou outra coisa lá dentro.

Tive que dar o braço a torcer ao meu irmão caçula: ele *odiava* ratos, mas estava disposto a encará-los pra salvar seu amigo.

Levamos dez minutos pra atravessar de bicicleta nosso bairro adormecido; era tanto estranho quanto empolgante pedalar pelas casas escuras, rumo a uma aventura, à meia-noite. Chegamos ao campus de Broadmore, passamos por alguns prédios dos dormitórios, um campo de futebol e finalmente vimos a ala abandonada diante de nós. Eu segui o Matt, uma vez que ele sabia onde ficava a entrada.

Chegamos às portas duplas, descemos de nossas bicicletas e olhamos ao redor. Tudo quieto: estávamos sozinhos e o prédio não tinha luzes acesas. Meneei a cabeça na direção das portas e perguntei:

— Aqui dentro?

O Matt engoliu em seco e assentiu, mas estava assustado demais pra falar.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Matt?

— Tenho. — Ele agarrou seu taco de beisebol, marchou corajosamente até as portas pelos três degraus, abriu-as e entrou. Eu o segui alguns segundos depois.

Estávamos em um longo corredor, iluminado apenas pela luz exterior se derramando por umas poucas janelas. Eu mal conseguia distinguir as portas ao longo de cada lado do corredor.

Liguei meu telefone pra usá-lo como lanterna, mas o Matt pegou sua mochila e tirou um par de lanternas de verdade. Quando ele me entregou uma, disse:

— Toma, essas são melhores. Garanti que as pilhas fossem novas.

O facho da lanterna era mais forte e mais amplo, então pus meu telefone no bolso. A primeira coisa que vi foram algumas fotos emolduradas na parede próxima a nós; a maioria mostrava equipes esportivas e jogadores, mas uma delas era de um homem alto e magro, segurando um grande troféu de algum tipo. O homem parecia familiar, então li a placa gravada abaixo da foto:

DOUTOR COLE ADDISON VENCE O PRÊMIO BOONE DE CIÊNCIAS NA CATEGORIA
QUÍMICA, 2002

— Uau... é o doutor Addison!

O Matt passou por mim com um empurrão.

— Tanto faz. Anda, temos muito terreno pra cobrir, por aqui. — Ele gritou: — *Benny!*

Eu estava desviando o olhar da foto quando ela *se moveu*; nada

grandioso, só um pequeno movimento da cabeça do doutor Addison. Eu a encarei firmemente, mas nada mais aconteceu. Um truque de luz, certo?

Mas eu realmente a vi se mover.

— Quando quiser, April!

Dei uma última olhada na foto antes de me virar pra seguir o Matt. Fomos avançando pelo corredor, abrindo as portas pelo caminho. As dez primeiras davam pra escritórios; cada um tinha uma placa com o número da sala e o nome do ocupante. Os escritórios eram pequenos; nem tinham armários, nenhum lugar pra esconder uma criança. Eles eram numerados de D-1 a D-10; o D-7 tinha nele o nome DR. COLE ADDISON.

— Uau, essa era a sala dele. — Eu estava abismada. Embora tivessem retirado da sala a maioria das coisas do doutor Addison, ainda senti um arrepio de identificação ao ver que ele tinha um quadro na parede com a tabela periódica quase igualzinho ao meu. Havia alguns livros deixados em uma estante, alguns papéis espalhados e não muito mais.

Logo depois dos escritórios, o corredor principal tinha dois banheiros, cada um com três cabines, e dez salas de aula mais ou menos do mesmo tamanho daquelas que tínhamos na nossa escola; as salas de aula estavam numeradas de D-11 a D-20. Todas continham mais ou menos trinta carteiras, uma mesa de professor, cadeiras, um quadro-negro e um pequeno armário de casacos. Procuramos em todos os armários; era meio arrepiante que alguns ainda tivessem casacos pendurados, muito embora aquelas salas não fossem usadas há pelo menos um ano.

Enquanto prosseguíamos, nós dois chamamos bastante o nome de Benny e então prestávamos atenção, mas o prédio estava completamente silencioso.

— Acho que ele não tá aqui, Matt — eu disse, o mais gentilmente que pude.

Matt apontou com a cabeça para uma porta dupla no fim do corredor; na placa perto das portas lia-se D-100.

— Não entramos nessa ainda.

Do outro lado das portas duplas havia um anfiteatro, com as cadeiras dispostas em fileiras, com uma mesa e um púlpito no fundo, ao centro. Esta sala poderia facilmente ter comportado duzentas pessoas. Havia uma saída de emergência trancada no fundo, um pequeno depósito atrás da mesa do professor e uma porta em um dos lados que dava acesso à estrutura por baixo das fileiras.

Mas não havia Benny.

— Agora, já passamos pela ala inteira — afirmei, enquanto

deixávamos a grande sala de aula.

Matt suspirou pesadamente.

— Tá bom.

Nos arrastamos de volta pelo corredor até chegarmos às portas pelas quais havíamos entrado. Comecei a estender a mão pra maçaneta, mas o Matt ficou pra trás, olhando ao redor.

— Já procuramos em tudo? Não paro de ter a sensação de que ele tá aqui.

Pensei por alguns segundos antes de dizer:

— Que tal assim: amanhã é sábado, né? Vamos voltar amanhã, quando der pra ver melhor. Talvez a gente até consiga outras pessoas pra ajudar. O que acha?

Matt relutantemente assentiu.

Eu estremeci, sentindo um frio súbito. Estava prontinha para voltar para casa, para minha bela cama quentinha. Estendi a mão para a maçaneta...

Ela não girava.

Reprimi uma descarga de pânico e chacoalhei a maçaneta, achando que talvez ela só estivesse velha e enferrujada. Ela não se moveu.

— Qual o problema? — Matt perguntou.

— Tá trancada. — Agora eu estava de fato dando pancadas na porta.

— Mas não pode ser... a gente entrou por aqui. — Matt fez ele mesmo uma tentativa com a maçaneta.

Eu estava prestes a dizer algo quando estremeci de novo e vi meu fôlego sair em baforadas vaporosas. Que frio era *esse* lá dentro?

Minha lanterna se apagou. Eu a golpeei contra a palma da mão, mas ela não se acendeu.

— Achei que havia dito que tinha colocado pilhas novas nela — resmunguei pro Matt.

— E coloquei. — Ele tirou seu telefone do bolso. — Ei, meu telefone não tá funcionando.

Chequei o meu. Também não funcionava. Estávamos sozinhos em um prédio abandonado do qual não conseguíamos sair, onde a temperatura havia subitamente caído e a única luz entrava pelo visor nas portas.

Exceto... que não era a única luz, porque algo estava acontecendo no corredor atrás de nós. O ar estava se enchendo de um bruxuleio azul que ficava mais claro enquanto olhávamos, paralisados.

— April, o que é isso?

Eu estava assustada demais para responder.

A luz começou a se agregar em uma forma... uma forma humana. Em alguns segundos, estávamos olhando pra (e *através de*) um homem alto e magro, de terno.

Era o doutor Cole Addison.

Eu ofeguei e deixei escapar:

— Mas você está morto...!

Do meu lado, o Matt falou num meio sussurro:

— Acredita em fantasmas *agora*?

A figura do doutor Cole Addison flutuava a dois metros de distância, olhando pra nós. Então, a boca começou a se mover e ouvi uma voz que parecia estar vindo do final de um túnel e que não estava muito bem sincronizada ao movimento dos lábios.

— Seu amigo Benny está aqui.

Matt avançou num solavanco, erguendo o taco de beisebol.

— Onde?

O doutor Addison deu um sorriso, mas ele não era amigável.

— Se quiserem saber, terão que passar no meu teste.

— Seu teste...? — Eu me lembrei do que tinha escutado sobre como as provas do Cole Addison eram difíceis e perguntei:

— E se o seu teste não for justo?

— Se falharem, permanecerão aqui, com o outro.

Matt e eu olhamos um para o outro e pude ver o quanto ele estava assustado — talvez até tão assustado quanto eu.

A forma flutuante disse:

— Esse teste tem a ver com... química.

Química! *Certo*, eu pensei, *você queria cursar uma das disciplinas do doutor Addison, então aí está sua chance...*

Matt perguntou:

— Que tipo de teste?

O doutor Addison riu e pareceu um efeito especial de um filme de terror.

— As regras são simples: vocês receberão uma série de pistas. Se conseguirem resolver todas em uma hora, acharão seu amigo e todos poderão partir. Se não... — Ele não precisou dizer mais nada; tínhamos sacado.

O Matt se colocou ao meu lado e sussurrou:

— Química... você entende dessas coisas, né?

Honestamente, eu não fazia ideia. Mas podia ao menos tentar.

— Certo — eu disse pra figura —, nos dê a primeira pista.

O doutor Addison começou a gargalhar. O som aumentou de

volume, retumbando pelo prédio até o Matt e eu estarmos cobrindo nossos ouvidos doloridos. A cabeça do doutor Addison ficou cada vez maior, a boca escancarada, nós pensamos que ele ia nos engolir — e então o som parou abruptamente. A forma desapareceu e tudo que restou foi um pedaço de papel flutuando até o piso, onde o doutor Addison havia acabado de estar.

Matt disparou adiante, agarrou o papel e, neste momento, nossas lanternas voltaram a funcionar. Ele segurou a dele sobre a folha.

— Aqui diz: “Encontre a primeira pista no lugar do nível superior”. — Matt olhou para cima, o cenho enrugado. — O que isso significa?

— “Nível superior” em geral significa faculdade, mas nós já estamos em uma, então, é alguma outra coisa... — Pensei no que tínhamos visto naquela noite que pudesse se qualificar como “nível superior”. — A sala de aula grande, com as fileiras de cadeiras... a fileira mais alta seria o nível superior, certo?

Matt saiu correndo na direção das portas duplas no fim do corredor e fui atrás dele. No meio do corredor, porém, quando passei pela sala do doutor Addison, parei e pensei: *Se a questão aqui vai ser química, uma ajudinha viria a calhar*. Entrei na sala, olhei pros poucos livros didáticos velhos deixados na estante e havia um intitulado *Química*. Puxei-o de lá, dei uma folheada e vi coisas que pensei que poderiam ser úteis. Também vi um velho toco de lápis na mesa — que poderia ser necessário para anotações — então levei tanto o lápis quanto o livro comigo e corri até o Matt.

Quando irrompi pelas portas, Matt já estava na metade da primeira fileira, com o olhar voltado pra baixo, pra alguma coisa.

— O que foi? — perguntei.

— Vem aqui e veja você mesma.

Juntei-me a ele; estava olhando uma página brilhosa de revista que mostrava uma piscina azul e fria. Nós dois olhamos para a foto, perplexos. Matt começou a estender a mão para ela, mas hesitou.

— Acha que é seguro tocar?

— Quer dizer, se tem germes de fantasma nela ou coisa assim? — Eu a catei e a entreguei pra ele.

Matt virou-a, mas o verso mostrava uma parte da foto de um carro, apenas um pedaço de um anúncio. Nós claramente devíamos nos focar na piscina.

— Certo, uma piscina — disse Matt, então, completou alegremente num impulso: — Água... peraí, até eu sei essa: H_2O !

— Isso! Você não dormiu em absolutamente todas as suas aulas de ciências.

O Matt deu um pulo de empolgação..

— Saquei: o Benny tá no banheiro!

Mas algo me incomodava; tinha sido fácil *demais*. Se o Addison só quisesse que nós deduzíssemos água, ele poderia ter colocado um copo d'água lá, ou uma foto do oceano, ou uma torneira. Por que uma piscina, em específico?

Porque as pessoas colocam substâncias químicas em suas piscinas pra manterem elas limpas.

— Cloro!

Matt disse:

— Hein?

— Acho que a resposta não é água, mas a principal substância química que colocam nas piscinas... cloro. — Abri o livro didático e o folheei.

— Onde você pegou isso?

— Na sala do doutor Addison. — Baixei o livro para poder virar as páginas com uma das mãos e segurar a lanterna com a outra. — Cloro é o número 17 na tabela periódica e seu símbolo é Cl. — Achei uma página em branco na frente do livro e fiz essa anotação:

PISTA nº1: Cloro – 17 – Cl

— Eu ainda acho que é água — resmungou Matt.

— Então... como achamos a próxima pista?

Matt passou a lanterna pelos arredores.

— Tem coisas escritas na cadeira.

Nós dois nos inclinamos pra ver. Reconheci a letra como sendo igual à do primeiro bilhete que o doutor Addison (ou seu fantasma) havia nos deixado. Lia-se: *Para a próxima pista, vá para D-12.*

Matt já estava correndo pra fora.

— Por aqui!

Enquanto eu catava o livro e a lanterna, chamei por ele:

— Opa, devagar!

— Não dá — gritou ele de volta por cima do ombro. — Temos menos de uma hora. — Ele se apressou para fora da grande sala de aula.

Ele tinha razão. Sem nossos telefones, não tínhamos como saber a hora, então, não podíamos perder nem um minuto. Corri atrás dele.

D-12 era uma das menores salas de aula. Chegar até ela só nos tomou alguns segundos; lá dentro, era como todas as outras salas, com mesas e cadeiras mal iluminadas pela luz dos postes entrando pelas janelas...

Janelas! Poderíamos quebrar uma janela para sairmos? Me aproximei e semicerrei os olhos no vidro, bati um nó dos dedos contra

ele. As janelas eram vedadas, grossas e pareciam reforçadas. Mas, mesmo se pudéssemos sair assim, e quanto ao Benny? E, é claro, também tínhamos que pensar no doutor Addison — o que um fantasma faria se soubesse que estávamos tentando trapacear em seu teste?

— O que é isso?

O chamado de Matt me arrancou da minha reflexão sobre janelas. O facho da sua lanterna repousava sobre o único objeto a ser encontrado na mesa do professor na frente da sala: ele era alto, de metal e pintado de verde. Havia algo junto dele, algo conectado a ele por um tubo...

— Isso é uma máscara?

Bem quando o Matt estava se inclinando sobre ela pra olhar, a máscara pulou no ar e se plantou em seu rosto.

O grito dele foi sufocado pelas mãos invisíveis que mantinham a máscara presa, mas o meu grito encheu a sala de aula. Tentei ajudá-lo, mas a mesma força me impedia de alcançá-lo. Eu só podia assistir enquanto o Matt se contorcia, rodando o taco de beisebol, seus olhos arregalados de terror acima da máscara...

Em seguida, tão subitamente quanto havia começado, estava terminado; a máscara caiu do rosto dele. Matt recuou cambaleando, ofegante, e consegui correr até ele.

— Você tá bem?

Ele não estava em condições de pronunciar palavra alguma, mas assentiu.

Assim que tive certeza de que ele estava bem, me virei para olhar a máscara e o cilindro de metal. Eu já tinha visto aquelas coisas em programas de televisão, sempre que havia uma cena em um hospital.

— É uma máscara de oxigênio — Matt enfim soltou entre os fôlegos.

— Pois é, e isso é um tanque de oxigênio. — Eu nem tinha que abrir o livro para saber do oxigênio: é um dos elementos mais comuns, uma parte essencial não só do ar que respiramos, mas também do solo sobre o qual caminhamos. Seu número atômico é 8. Mas eu não queria esquecer nada, então, abri o livro na página onde estava registrando pistas e escrevi:

PISTA nº2: Oxigênio – 8 – O

Matt me observou escrever e então perguntou:

— E aí, o que vem agora?

Balancei o facho da lanterna ao redor e avistei algo escrito no quadro-negro.

— Aquilo.

Enquanto íamos ver o que dizia, Matt acrescentou:

— Tenho quase certeza de que aquilo não estava ali quando entramos.

— Tenho quase certeza de que tem razão.

No quadro-negro, com a letra do doutor Addison, estava escrito: “Saia e olhe para o céu”. Matt perguntou,

— Como é que a gente vai lá pra fora?

Dei de ombros.

— Talvez não queira dizer “fora” tipo “do lado de fora”, mas “fora” no corredor...

Meu irmão já estava se encaminhando para a porta.

— Não quero ficar aqui com essa máscara bizarra, mesmo.

Segui-o pra fora da sala até o corredor escuro e vazio. Matt, olhando ao redor, perguntou:

— E agora?

Fui poupada de ter que responder quando olhei pra cima e vi algo acontecendo sobre nossas cabeças.

— Hããã...

Matt seguiu meu olhar e nós dois começamos a recuar, lentamente. O ar próximo ao teto estava espiralando, formando um espaço mais preto, quase como se estivesse ganhando peso. Eu queria correr, mas sabia que não podia, porque perderia a pista seguinte.

Algo mais claro apareceu no centro do preto rodopiante; foi ficando maior, mais brilhante, uma sombra amarelo-claro, com alguns pedacinhos mais escuros.

Era a lua, cheia e límpida. Era enorme e até bela; por alguns segundos, esqueci de ficar apavorada.

— Uau — Matt murmurou ao meu lado.

Ela quase parecia próxima o bastante para esticarmos a mão e a tocarmos. Estava girando suavemente e vi traços que reconhecia, mas com mais detalhes do que algum dia já tinha visto.

— Isso é maneiro demais — comentou Matt.

Eu estava assentindo quando a lua se desvaneceu, o espaço preto desapareceu e nós uma vez mais estávamos sob um teto normal. Matt perguntou:

— E aí? O que a lua tem a ver com química? A maior parte dela é feita de uma coisa só?

— Acho que não... eu não sei. As outras duas foram meio que fáceis, mas essa aqui...

Sentei-me no chão do corredor com as costas apoiadas na parede e

abri o livro de química, apontando minha lanterna pras páginas. Primeiro, conferi o índice, mas não havia nada sobre a lua. Folheei as páginas, esperando ver uma imagem da lua ou de *algo* que me levaria à resposta, mas...

Talvez eu não fosse boa o bastante, afinal. Talvez eu não fosse tão boa em química quanto achei que era, porque ao que parecia eu não conseguia resolver essa. Eu estava sendo reprovada no teste do Cole Addison...

— Hããã, April... quanto tempo isso vai levar? Porque...

— Eu sei, Matt, eu sei.

Em desespero, abri o livro na tabela periódica e comecei a olhar para todos os elementos, tentando encontrar conexões.

Níquel, porque a lua é redonda feito uma moeda de níquel? Meio forçado.

Enxofre, porque ele é amarelo feito a lua? De novo, não parecia correto.

Um elemento sobre o qual eu não sabia muito capturou meu olhar: selênio. *Selênio*... tinha alguma coisa aí, algo que eu havia lido uma vez...

Folheei até o índice novamente, achei uma menção a selênio, fui até a página correta — e lá estava: *selênio* era derivado da antiga palavra em grego para “lua”.

— Saquei!

Matt pulou empolgado.

— O que é?

— Selênio. Vem de uma antiga palavra para lua.

Acrescentei à minha lista:

PISTA nº3: Selênio – 34 – Se

Matt passou os olhos pela lista.

— O que você acha que significa?

— Eu ainda não sei. Acho que temos mais pistas para achar.

A voz do doutor Addison veio de trás de nós:

— Você está correta.

Giramos para ver a figura flutuando a alguns passos de distância.

— Há cinco pistas no total — ele acrescentou.

Tive que dar muito crédito ao meu irmão caçula por ter sido tão corajoso nesse momento. Ele chegou perto daquele pesadelo, apontou seu taco para ele e disse:

— Dê a número quatro pra gente *agora* e pare de desperdiçar nosso tempo. — Ele tinha evoluído bastante se comparado àquele menino

amedrontado demais para seguir seu melhor amigo para dentro de um prédio mal-assombrado.

O doutor Addison agarrou o taco e partiu-o em dois como se fosse um graveto. Largou os pedaços lascados e falou:

— Muito bem. Voltemos aos gregos. Quem é este? — Ele fez um gesto com a mão e, do nada, um livro atingiu o chão junto aos nossos pés.

Matt se inclinou para examiná-lo e exclamou:

— Ah, eu tenho esse livro! É de mitologia. — Me juntei a ele e vi que o tomo tinha caído aberto em um desenho de um homem barbado e musculoso, lutando contra um leão. — Esse — Matt disse — é o Hércules, o homem mais forte do mundo.

Essa foi outra fácil.

— Titânio!

A figura flutuante assentiu. Matt olhou pra mim, confuso, então eu expliquei.

— Titânio é o metal mais forte do mundo.

Mas o doutor Addison ainda não havia terminado.

— Você supôs corretamente, exceto por uma coisa...

— O quê? — perguntei, meu estômago já se apertando de pavor.

— Meu titânio não tem uma forma igual a esta...

O doutor Addison levou a mão translúcida até seu rosto, fincou seus dedos nele e arrancou um dos olhos. Ele o segurou em nossa direção e eu vi a pupila pálida ainda nos observando, acompanhando nosso movimento.

Matt guinchou. Eu congelei. A figura se apagou num piscar de olhos.

Levou alguns segundos para nos recuperarmos antes que Matt pudesse perguntar:

— Isso era pra significar *o quê?*

Balancei a cabeça, mas já estava conferindo titânio na tabela periódica e escrevendo a pista mais recente:

PISTA nº4: Titânio – 22 – Ti

O símbolo pra titânio é Ti... *Ti*.

— Matt, o que ele disse, exatamente?

Matt pensou alguns segundos e então falou:

— Ele disse: “Meu titânio não tem uma forma igual a esta”, daí arrancou o olho...

Eu sorri.

— Que é redondo. Como... o pingo do “i”! — Peguei o lápis e

risquei o *i* no símbolo do titânio, então a Pista nº4 agora havia ficado assim:

PISTA nº4: Titânio – 22 – T

— Então — disse Matt —, falta uma pista. Onde a encontramos?

— Hããã... — resmunguei eu, olhando além de Matt. — *Ali*.

Letras se formavam no ar logo atrás de Matt. Enquanto víamos aquilo, meu irmão ofegou:

— Agora ele pode simplesmente escrever no ar? Por que ele não conseguia fazer isso antes?

Eu supus:

— Ele tá ficando mais forte. Provavelmente significa que não temos muito mais tempo.

A escrita terminou e as palavras pairavam no ar, ondulando levemente feito algas na corrente oceânica: *Aqui está sua última pista: encontrem seu amigo em uma sala de silicone.*



Então, elas se desvaneceram.

Matt virou para mim ansioso.

— Silicone? Pra que usam silicone? Dá pra ter uma sala inteira feita disso?

Eu já estava folheando o livro de química.

— Não sei... — Na tabela periódica, o silicone tem peso atômico de 14. Eu anotei:

PISTA nº5: Silicone – 14 – Si (Sala)

Matt encarou as pistas apertando os olhos.

— Essas são todas elas, certo?

— Sim...

Olhei pra lista, tentando encontrar o fio condutor. Algo então me ocorreu sobre a pista final.

— A última pista é a única em que ele nos deu primeiro o nome do elemento. Acho que quer dizer que, de algum modo, ela é diferente das outras.

Peguei o lápis e reescrevi as pistas em três colunas:

~~Cl~~ ~~O~~ ~~Se~~ ~~T~~

~~O~~ ~~x~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~o~~

~~S~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~e~~

~~T~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~â~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~o~~ (ou só T, sem o i)

Para a última pista, escrevi:

Sala: Silicone 14 – Si

— Quanto tempo você acha que ainda falta? — Matt perguntou.

Fiquei de pé num pulo, sorrindo.

— Não importa, porque sei onde tá o Benny! — Comecei a correr sem esperar para explicar ou mesmo ver se Matt estava me seguindo.

Enquanto olhava pras colunas, me dei conta de que nas primeiras quatro pistas eu deveria olhar pros símbolos, que (sem o *i* de titânio) soletravam: Cl-O-Se-T.

Closet.

Com a quinta pista, como o doutor Addison havia nos dado logo de cara o nome do elemento, era diferente. Era pra nós olharmos pro número 14. Uma “sala de silicone” era a sala 14, ou (como as salas eram numeradas naquele prédio) sala de aula D-14.

Chegamos na D-14, escancaramos a porta e corremos para o closet. Era um pequeno armário para casacos no fundo da sala, só duas paredes com cabideiros, uns poucos cabides velhos e enferrujados...

Nada.

— Ele não tá aqui — Matt bateu o pé no chão, frustrado. — A polícia teria encontrado se estivesse.

— Peraí. — Me agachei e corri o facho da lanterna ao redor da parte mais baixa do closet, procurando alguma coisa, *qualquer coisa*. Eu tinha que estar certa, porque não havia tempo para estar errada e porque eu sabia que *era* boa em química.

— A hora já deve ter passado — disse Matt, derrotado.

Então, eu vi: uma parte da parede onde os painéis de madeira destoavam. Abaixei a lanterna e corri meus dedos pela parede.

Ela se moveu.

Ouvi a respiração de Matt se prender quando apliquei mais pressão e descobri que aquela parte da parede deslizava para um dos lados, revelando um pequeno espaço por trás dela.

Pequeno, sim — mas grande o suficiente pra esconder o Benny. Ele tinha uma mordaca ao redor da boca e estava amarrado, mas acordado e fazendo sons ansiosos em sua garganta.

Matt me ajudou a tirá-lo e a desamarrá-lo. Quando baixamos a mordaca, ele disse:

— Tem um fantasma aqui!

Nós o interrompemos.

— A gente sabe. Agora, vamos pra casa.

Chegamos à saída sem nada nos deter e, desta vez, as portas se abriram facilmente. Matt levou Benny pra fora e os dois meninos berraram de alívio quando correram rumo ao ar da noite.

Eu estava prestes a me unir a eles quando senti uma presença atrás de mim. Virei-me pra ver o fantasma ali, mas agora o sorriso do doutor Addison não parecia sinistro.

— Eu passei no seu teste — disse, caso ele fosse tentar voltar atrás no acordo.

Em vez disso, ele assentiu e falou:

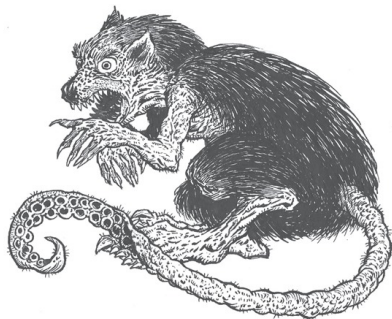
— Você dará uma bela cientista, algum dia.

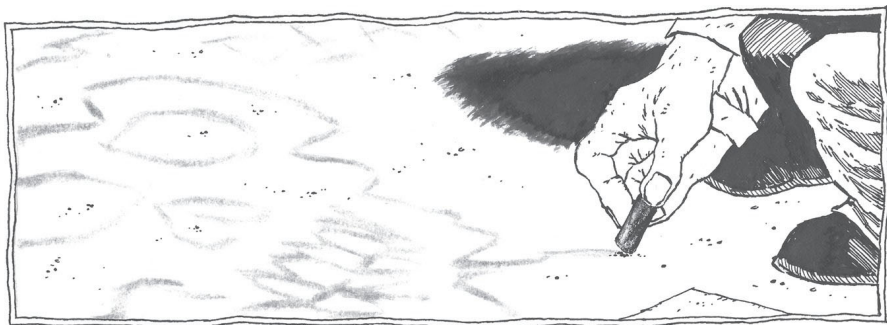
Ele desapareceu e eu soube que tinha ido embora de vez; mas Cole Addison — o cara que nunca havia dito nada gentil a *ninguém* — havia acabado de dizer algo a mim que ninguém mais tinha dito e eu soube que minha vida nunca mais seria a mesma.

Ao pegarmos nossas bicicletas, não pude resistir a uma última alfinetada nos meninos.

— Ei, da próxima vez que tiverem o desejo de investigar algum prédio velho e sinistro... *não investiguem*, tá bom?

Eles prometeram.





O Homem que Desenhava Gatos



Michael Marshall Smith

TOM ERA UM HOMEM MUITO ALTO, tão alto que nem tinha um apelido para isso. Ned Black, que era pelo menos uma cabeça mais baixa, fora chamado de “Arranha-Céu” desde a sexta série, e Jack tinha colocado uma placa sobre a porta que dizia CUIDADO COM A CABEÇA, NED. Mas Tom era simplesmente Tom. Era como se ele fosse tão alto que não valesse nem mencionar pela piada: seria meio como atazanar alguém por respirar.

É claro que também havia outras razões para não atazanar Tom por sua altura ou por qualquer outra coisa. Os caras que você vai encontrar empoleirados nas banquetas do Jack’s Bar, assistindo ao jogo e tomando cerveja, se conhecem desde sempre. Eles estudaram juntos na escola da Srta. Stadler, se penduraram na barra das saias das mãos uns dos outros, saíram juntos em casalzinho e fizeram o discurso de padrinho um pro outro. Kingstown é um lugar pequeno, sabe como é, e os velhos rapazes que vêm regularmente ao Jack’s passaram, em sua maioria, a infância na mesma casa na árvore. Claro que, desde então, eles seguiram caminhos distintos até determinado ponto: Pete virou contador, tinha um pequeno escritório na rua Union, bem junto da praça, e estava indo muito bem, enquanto Ned ainda enchia tanques de gasolina e trocava óleo, mas, após quarenta anos, também estava indo bem. Chega uma hora em que os caras se conhecem há tanto tempo que se esquecem do que fazem pra ganhar a vida, porque isso simplesmente não importa. Quando conversam, há um pouquinho das idas à pedreira na segunda série atirar pedrinhas no lago, sussurros sobre como se emperiquitaram para ir ao primeiro baile, um

bocadinho da inauguração da casa nova quando eles se mudaram, dez anos atrás. Há tudo isso, e há tanto mais que nem se pode ser mencionado, e nada é realmente importante, exceto pelo fato de ter acontecido.

Então, nós passamos por lá, tomamos umas cervejas, conversamos sobre a cidade, atazanamos uns aos outros e o prazer está simplesmente em jogar conversa fora, e não importa realmente o que é dito, apenas o fato de que ainda estamos lá para dizê-lo.

Mas Tom... com ele foi diferente. Nós todos nos lembramos da primeira vez em que o vimos. Foi um verão longo e quente, como não vimos outro por dez anos desde então, e estávamos todos refestelados sob os ventiladores no Jack's, reclamando dos turistas. Kingstown recebe sua cota no verão, mesmo não sendo perto do mar e não tendo um McDonald's, que um raio me parta se eu conseguir entender por que o pessoal se dá ao trabalho de visitar essa que é só uma cidadezinha tranquila perto das montanhas. Estava quente feito o inferno naquela tarde e um homem poderia fazer de tudo pra sentar de mangas arregaçadas e beber a cerveja mais gelada que pudesse encontrar; a do Jack's, para nós, era a mais gelada, e sempre será, creio eu.

Daí, entrou o Tom. Seu cabelo já era bem branco na época, e comprido; seu rosto era escuro e robusto, com olhos cinzentos como diamantes incrustados no couro. Ele estava vestido basicamente de preto com um casaco comprido que dava calor só de olhar, mas ele parecia confortável como se carregasse seu próprio clima à sua volta.

Ele pegou uma cerveja, sentou-se a uma das mesas, leu o *Clarim* da cidade e foi isso.

Era especial porque não tinha nada de especial naquilo. O Jack's Bar não é exatamente exclusivo e a gente não se vira para encarar alguém novo que entre, mas o lugar é como um monumento aos momentos compartilhados. Se um casal de turistas entra para fugir do calor e se senta, ninguém diz nada — e talvez ninguém nem atine totalmente pra isso — mas é como se houvesse uma pequena ilha estranha às águas, de modo que as correntes simplesmente não fluam e refluem do modo como geralmente fazem, se é que você me entende. Tom simplesmente entrou e sentou-se, e estava tudo bem, porque era como se ele estivesse ali igual a gente, e poderia ter estado assim por trinta anos. Ele sentou e leu seu jornal como parte do mesmo rio, e todos seguiram correnteza abaixo do jeito que eram.

Logo, ele se levantou e foi buscar outra cerveja e alguns de nós começaram a conversar com ele. Descobrimos seu nome e o que fazia — pintura, ele disse — e, depois disso, foi só jogar conversa fora. Rápido assim. Ele chegou naquela tarde de verão e simplesmente

entabulou conversa como se tivesse estado lá a vida inteira e, às vezes, era difícil imaginar que ele não estivera. Ninguém sabia de onde tinha vindo, ou onde estivera, e havia algo de real tranquilidade nele. Uma quietude, um homem em um mundo ligeiramente diferente. Mas ele nos mostrou o bastante para se dar realmente bem conosco, um bando de velhos amigos não costuma deixar alguém entrar desse jeito.

Enfim, ele ficou aquele verão inteiro. Alugou uma casa dobrando a esquina, logo depois da praça, ou foi o que ele disse; eu nunca vi. Acho que ninguém viu. Ele era um homem reservado, reservado como uma porta de aço com quatro barras e um par de cadeados de seis polegadas e, quando ele deixava a praça no fim do dia, até onde sabíamos, poderia desaparecer assim que virasse a esquina. Mas ele sempre vinha daquela direção pela manhã, com seu cavalete nas costas e o estojo de tinta debaixo do braço, sempre usando aquele casaco preto como se fosse parte dele. Mas sempre parecia refrescado, e o engraçado era que, quando você ficava perto dele, dava pra jurar que você mesmo se sentia mais refrescado. Eu me lembro do Pete dizer, tomando uma cerveja, que não ficaria nada surpreso se, presumindo que algum dia choveria outra vez, Tom andaria por aí em sua própria coluna de secura. Ele só estava brincando, é claro, mas Tom fazia você pensar coisas desse tipo.

O Jack's Bar tem vista direto para a praça, o tipo de praça que as cidades não têm muito mais: grande e empoeirada, com ruas velhas em cada canto, lojas altas, casas em todos os lados e algum tipo de pavimento de pedra no centro, ao redor de uma fonte que ninguém vivo se lembrava de já ter funcionado. No meio do verão, aquela velha praça fica simplesmente apinhada de forasteiros em macacões rosa atoalhados e casacos horrorosos, dando voltas e dizendo “Uau”, e tirando fotos da nossa velha e exótica prefeitura e nossas velhas e exóticas lojas e até dos velhos e exóticos nós mesmos, se ficarmos parados tempo suficiente. Tom se sentava perto da fonte e pintava, e aquelas pessoas ficavam ali assistindo por horas — mas ele não pintava as casas, ou a praça ou o velho cinema. Ele pintava animais, e os pintava como você nunca havia visto. Pássaros com enormes asas azuis sarapintadas e gatos com mordazes olhos verdes; e fosse lá o que ele pintasse parecia que estava só enroscado ali na tela, pronto pra sair voando. Ele não o fazia com as cores normais; elas eram todas vermelhas e púrpuras, e com profundos azuis e verdes. Ainda assim, eles claramente resplandeciam de vida. Era uma maravilha de se ver: ele colocava um papel novo, sentava-se olhando para nada em específico, mergulhava seu pincel na tinta e desenhava uma linha, talvez vermelha, talvez azul. Então, acrescentava outra, talvez da mesma cor, talvez não. Pincelada a pincelada você podia ver o animal se formando diante dos seus olhos e, ainda assim, quando estava

finalizado, você não conseguia acreditar que ele não havia estado sempre ali. Quando Tom terminava, borrifava alguma coisa para fixar as tintas, colocava um preço nela e, pode acreditar em mim, aquelas pinturas eram vendidas antes que estivessem completamente secas. Proliferações de empresários de Nova Jersey ou coisa assim, e suas esposas entediadas, se avivavam talvez pela primeira vez em anos e iam embora com uma daquelas pinturas e de braços dados, parecendo que tinham encontrado um bocado de algo que haviam se esquecido de terem perdido.

Quando dava umas seis horas, Tom encerrava e atravessava a rua até o Jack's, parecendo um veleiro no meio de botes e dizendo que sim, ele voltaria amanhã e que sim, ficaria feliz em pintar um quadro para eles. Pegava uma cerveja, sentava-se conosco, via o jogo e não existia tinta nem em seus dedos nem em suas roupas, nem um pingo. Imaginei que ele tinha tanto controle sobre a tinta que ela ia para onde ele mandava e mais nenhum outro lugar.

Perguntei uma vez como ele suportava deixar esses quadros irem embora. Sei que se eu fosse capaz de fazer algo assim tão bem alguma vez na vida, não deixaria que saísse das minhas vistas e ia querer guardar pra dar uma olhada algumas vezes. Ele pensou por um momento e respondeu que acreditava que dependia do quanto de si você colocava naquilo. Se você foi lá no fundo, puxou o que estava dentro e colocou ali, então não vai querer abrir mão, vai querer conferir de vez em quando, pra saber se ainda está conectado, em segurança. Chega uma hora em que um quadro é tão verdadeiro e tão bom, que é algo particular, algo que ninguém vai entender, exceto o homem que o colocou ali. Só ele vai saber do que o quadro está falando. Mas os quadros cotidianos, bom, a principal razão deles era porque ele gostava de pintar animais e gostava que as pessoas os tivessem. Ele só podia colocar uma fração de si em algo que seria vendido, mas era isso que pagava pela bebida. Acho que é igual à rapaziada do Jack's: se você gosta de conversar, nem sempre precisa estar dizendo algo importante.

Por que animais? Bom, se você o visse com eles, acho que não precisaria perguntar. Ele os amava, só isso, e eles retribuía esse amor. Os gatos sempre foram seus favoritos. Meu velho pai costumava dizer que gatos não eram nada além de máquinas de dormir colocadas na Terra para dormir um pouco do sono dos humanos no lugar deles e, cada vez que Tom trabalhava na praça, sempre havia um par enroscado junto aos seus pés. E toda vez que ele fazia um desenho de giz, sempre fazia um gato.

Ocasionalmente, Tom parecia se cansar de pintar em papel, sabe, daí tirava alguns gizos, sentava-se nas lajotas fervendo e simplesmente fazia um desenho ali na rocha empoeirada. Agora, eu já lhe contei das

pinturas dele, mas esses desenhos eram algo completamente diferente. É como se, por eles não poderem ser comprados e serem apagados pela água, ele colocasse mais de si neles, fazendo mais do que só jogar conversa fora. Eles eram apenas giz em pedra empoeirada e ainda tinham aquelas cores estranhas, mas vou dizer o seguinte: as crianças não passavam perto deles porque pareciam muito reais, e elas não eram as únicas. As pessoas ficavam a alguns centímetros deles, os encaravam e dava pra ver o assombro em seus olhos. Se eles pudessem ser comprados, haveria gente que venderia a própria casa. Estou lhe dizendo. E é até engraçado, mas algumas vezes, quando passava para abrir a loja de manhã, via um ou dois pássaros mortos em cima daqueles desenhos, quase como se tivessem pousado neles e ficado tão apavorados ao se verem bem em cima de um gato que caíam mortos de medo. Mas deviam ter sido largados ali por algum gato de verdade, é claro, porque alguns daqueles pássaros pareciam ter sido um pouco estropiados. Eu costumava jogá-los nos arbustos para dar uma limpada e alguns deles estavam bem destruídos.

O velho Tom havia sido um presente dos céus para várias mães naquele verão, que descobriram que podiam deixar seus pequenos junto dele para fazerem suas compras em paz, tomarem um refrigerante com as amigas e voltarem para encontrar os garotos ainda sentados tranquilamente, vendo Tom pintar. Ele não se importava em nada com isso, conversava com eles e os fazia rir, e crianças daquela idade rindo é um dos melhores sons que existem. É o tipo de som que faz as árvores crescerem. Eles são jovens, curiosos, o mundo gira ao redor deles e, quando riem, o mundo parece um lugar mais luminoso porque isso o leva de volta a um tempo quando você não conhecia mal algum e tudo era bom, ou se algo não fosse, teria acabado no dia seguinte.

E aqui acho que enfim cheguei ao assunto em questão, porque havia um garotinho que não ria muito, mas só ficava sentado quieto e atento, e acho que ele provavelmente entende mais sobre o que houve naquele verão do que qualquer um de nós, embora talvez não em palavras que soubesse expressar.

O nome dele era Billy McNeill, filho de Jim Valentine. Jim era mecânico, trabalhava com Ned lá no posto de gasolina e fazia corridas em carros surrados depois do expediente. Razão pela qual o guri hoje é chamado de McNeill: certo domingo, Jim fez uma curva um pouco rápido demais, o carro capotou, o tanque de gasolina se incendiou e nunca mais encontraram todas as rodas ou o volante dele. Um ano depois, sua Mary casou-se novamente. Só Deus sabe por que. Os pais dela a alertaram, os amigos dela a alertaram, mas acho que o amor devia ser simplesmente cego. Os horários de trabalho de Sam McNeill eram, na melhor das hipóteses, bem vagos e, na maior parte do tempo,

ele só bebia e se divertia com amigos que talvez nem sempre estivessem deste lado da lei. Acho que Mary teve seu próprio milagrezinho triste e recuperou a visão bem rápido, porque não demorou muito até que Sam usasse o punho quando as noites eram longas demais, e ele tinha muitas dessas. Não se via Mary muito mais por aí. Nessas bandas, as pessoas tendem a ficar encarando uma mulher com um olho roxo e até um homem surdo podia ouvir os sussurros de “Nós avisamos”.

Certa manhã, Tom estava pintando, como de costume, e o pequeno Billy estava sentado, observando-o. Geralmente, ele saía perambulando depois de um tempo, mas, naquela manhã, Mary tinha ido ao médico e apareceu para buscá-lo, andando rápido com o rosto baixo. Mas não baixo o suficiente. Eu observava tudo da loja, o dia seguia meio devagar. O rosto de Tom nunca entregava muito. Ele era um homem de sorriso tranquilo e sobancelha erguida, mas pareceu chocado naquela manhã. Os olhos de Mary estavam inchados e roxos, e havia um corte em seu rosto de uns três centímetros. Acho que nós meio que nos acostumamos a vê-la daquele jeito e, a bem da verdade, algumas das esposas achavam que ela tinha casado de novo um pouco cedo demais e acredito que nós todos fomos um pouco frios com ela, sendo Jim Valentine tão benquisto e tudo mais.

Tom olhou para o garoto que nunca ria muito, para a mãe de olhos cansados e infelizes, de rosto espancado, e o próprio rosto dele passou de chocado para pétéo, e não consigo descrever de nenhum outro modo além de ter sentido um arrepio frio atravessar meu coração, vindo lá do outro lado da praça.

Então, ele sorriu, bagunçou o cabelo do Billy, Mary pegou a mão do filho e foram embora. Eles se viraram uma vez e Tom ainda estava olhando para eles, deu a Billy um leve aceno, ele acenou de volta e mãe e filho sorriram juntos.

Naquela noite, no Jack's, Tom fez uma pergunta discreta sobre Mary e contamos a história a ele. Conforme ouvia, seu rosto pareceu se endurecer de dentro pra fora, os olhos ficando murchos e mortiços. Contamos que o velho Lou Lachance, que era vizinho de porta dos McNeill, havia dito que às vezes o escutava gritando e ela implorando até três da manhã e, nas noites quietas, ouvia o choro do Billy até após esse horário. Disse a ele que era uma pena, mas o que se podia fazer? O povo por aqui não se mete na vida dos outros e acho que Sam e seus colegas de copo não tinham muito a temer de quase aposentados como nós, de todo modo. Disse a ele que era algo terrível e nenhum de nós gostava daquilo, mas essas coisas aconteciam e o que se havia de fazer?

Tom escutou e não disse nada. Apenas sentou ali com seu casaco preto e nos ouviu passando a bola. Depois de um tempo, a conversa

meio que se esgotou e ficamos todos ali sentados, olhando as bolhas de nossas cervejas. Acho que a conclusão a ser tirada era que nenhum de nós realmente pensara muito naquilo, exceto como outro capítulo de nossas fofocas de cidadezinha. Como me senti culpado por isso no momento em que terminamos de contar. Sentados ali com Tom, sem risada alguma. Havia nele uma veemência real e ele parecia mais desconhecido que conhecido naquela noite. Ele encarou seus dedos entrelaçados por um bom tempo, e então começou a falar bem lentamente.

Ele contou que havia sido casado uma vez há muito tempo, e que morava em um lugar chamado Stevensburg com sua esposa Rachel. Quando falou sobre ela, o ar pareceu ficar mais suave e permanecemos todos ali em silêncio, bebericando nossas cervejas e nos lembrando de como havia sido lá atrás, quando começamos a amar nossas esposas. Ele falou do sorriso dela e do seu olhar. Quando fomos pra casa naquela noite, acho que algumas esposas ficaram surpresas com a força dos abraços que receberam e foram dormir nos braços do marido sentindo-se mais amadas e contentes do que há muito tempo.

Ele a havia amado e ela a ele, e, por alguns anos, eles foram as pessoas mais felizes da Terra. Então uma terceira parte se envolveu. Tom não disse o nome dele, e falou dele com muita neutralidade, mas era gentil feito seda enrolada em uma faca. Enfim, sua esposa se apaixonou por ele, ou achou que tinha se apaixonado. Quando Tom disse essas palavras, alguns de nós ergueram o olhar para ele, sobressaltados, como se tivéssemos levado um tapa na cara.

Rachel fez o que tantos fazem e vivem para se arrepender até o dia de sua morte. Ela estava tão confusa e sofrendo tanta pressão do outro cara, que decidiu seguir adiante com aquele erro e torná-lo o maior do mundo.

Ela deixou Tom. Ele conversou com ela, até suplicou. Era quase impossível imaginar Tom alguma vez fazendo isso, mas acho que o homem que conhecemos era um cara diferente daquele do qual ele estava se lembrando. As súplicas não fizeram diferença.

Assim, Tom teve que continuar morando em Stevensburg, fazendo os mesmos caminhos, vendo eles por aí, se perguntando se ela era tão livre e relaxada com ele, se a luz nos olhos dela agora brilhava sobre ele. E, cada vez que o homem via Tom, olhava direto para ele e abria um sorrisinho, um riso que dizia que sabia sobre as súplicas e que ele e seus camaradas tinham dado boas risadas — e sim, eu vou pra casa com sua esposa esta noite, quer trocar anotações?

Em seguida, ele se virava e beijava Rachel na boca, com os olhos em Tom, sorrindo. Ela permitia.

Isso tinha rendido histórias às velhas fofoqueiras durante semanas, o modo como Tom continuava a perder peso, a cabeça e a vontade de viver. Ele passou três meses nisso e então partiu sem se dar ao trabalho de vender a casa. Stevensburg era onde havia crescido, amado, e agora, para onde quer que ele se virasse, os bons tempos haviam apodrecido e estavam pendurados feito cadáveres bichados em todos os lugares queridos. Ele nunca voltara para lá.

Levou uma hora para contar, então parou de falar e Pete foi buscar mais cervejas para todos. Estávamos sentados, tristes e pensativos, cansados como se nós mesmos tivéssemos vivido aquilo. E acho que a maioria de nós tinha um pouquinho daquilo. Mas algum de nós já tinha amado alguém do modo como ele a havia amado? Duvido, nem todos nós juntos. Pete pôs as cervejas na mesa e Ned perguntou a Tom por que ele não tinha simplesmente acabado com a raça do cara. Sem dúvida, ninguém mais teria perguntado aquilo, mas Ned era um cara legal e acho que estávamos todos do lado dele em sentir uma porção desse que é o ódio mais antigo e mais devastador do mundo, o ódio de um homem que perdeu a mulher que ama para outro, e sabíamos do que Ned falava. Não estou dizendo que isso seja uma coisa boa e sei que não deveríamos nos sentir assim hoje em dia, mas me mostre um homem que diga que não sinta e eu mostro a você um mentiroso. O amor é o único sentimento que chega a valer um tostão furado, mas você precisa saber que ele vem dos dois lados do caráter de um homem e, quanto mais fundo ele corre, mais sombrios são os poços dos quais bebe.

Meu palpite é que ele odiava demais o homem pra bater nele. Chega uma hora em que isso não é suficiente, quando nada vai ser suficiente, então você não pode fazer absolutamente nada. E, conforme ele falava, a dor simplesmente fluiu para fora como um rio que nunca seria detido, um rio que havia aberto um canal em cada canto de sua alma. Eu aprendi algo naquela noite que você pode passar a vida inteira sem se dar conta: existem coisas que podem deixar uma pessoa tão arrasada, por tanto tempo, que simplesmente não podem ser admitidas; há alguns tipos de dores que não se pode aturar que sejam trazidas ao mundo.

Tom acabou o relato, deu um sorriso e disse que no fim não tinha feito nada para o homem, exceto pintar um quadro pra ele, o que eu não entendi, mas Tom pareceu já ter dito tudo o que iria dizer.

Então tomamos mais algumas cervejas e jogamos uma silenciosa sinuca antes de voltarmos pra casa. Mas acho que todos sabiam do que era que ele estava falando.

Billy McNeill era só uma criança. Ele deveria estar dançando por um mundo igual a uma grande fanfarra, cheia de luz do sol e de sons. Em vez disso, ele ia para casa à noite e via sua mãe ser espancada por

um homem com títica no lugar do cérebro, que batia numa boa mulher porque era idiota demais pra conseguir lidar com o mundo. A maioria das crianças vai dormir pensando em bicicletas, em subir em macieiras e em quicar pedrinhas na água, mas ele ficava ali deitado, ouvindo a gritaria, as coisas quebrando e os soluços baixinhos da mãe quando tudo acabava. Tom não disse nada disso, mas disse. E nós sabíamos que ele tinha razão.

O verão continuou luminoso e quente e todos tínhamos nossos negócios pra cuidar. Jack vendeu um monte de cerveja e eu um monte de sorvete (desculpe, senhora, só esses três sabores e não, chiclete de pistache não é um deles), e Ned consertou um monte de radiadores quebrados. Tom se sentava ali fora, na praça, com um par de gatos aos seus pés e uma multidão ao redor dele, criando animais com sua magia sob o sol.

E acho que, após aquela noite, Mary talvez tenha recebido um pouco mais de sorrisos enquanto fazia suas compras e talvez mais algumas esposas a tenham parado pra lhe falar. Ela também parecia bem melhor: aparentemente, Sam tinha conseguido um emprego e em pouco tempo o rosto dela cicatrizou. Muitas vezes dava pra vê-la ali em pé, de mãos dadas com Billy, enquanto ficavam observando Tom pintar por um tempo, antes de irem para casa. Acho que eles se deram conta de que tinham um amigo nele. Eventualmente, Billy ficava lá a tarde toda e era feliz ali, aos pés do Tom. Com frequência, ele pegava um pedaço de giz e se sentava, rabiscando alguma coisa no pavimento. Ocasionalmente eu via Tom se inclinar e dizer alguma coisa a ele, que olhava pra cima e dava um sorriso simples de criança, radiante sob a luz do sol. Os turistas continuavam chegando e o sol continuava brilhando; era um daqueles verões que duram para sempre e perduram na mente de uma criança, dizendo a você como o verão deveria ser pelo resto da sua vida. E tenho uma baita certeza de que perdura na mente do Billy, assim como perdura em todas as nossas.

É que certa manhã Mary não apareceu na loja, o que tinha se tornado uma coisa meio que costumeira, e Billy não estava lá na praça. Depois do modo como as coisas vinham sendo nas últimas semanas, isso só podia ser má notícia, então deixei o menino John encarregado da loja e me apressei a ir dar uma palavra com Tom. Estava meio preocupado.

Eu não estava nem na metade do caminho até ele quando vi Billy vir correndo da esquina oposta da praça, indo direto até Tom. Estava chorando a plenos pulmões e simplesmente pulou em Tom, pendurando-se nele, os braços apertados ao redor do seu pescoço. A seguir veio sua mãe da mesma direção, correndo o máximo que conseguia. Ela chegou até Tom e ambos trocaram olhares. Mary é uma moça muito bonita, mas você nem acreditaria naquela hora. Parecia

que ele tinha realmente quebrado o nariz dela dessa vez e havia sangue escorrendo por seu lábio. Ela começou a soluçar, dizendo que Sam tinha perdido o emprego porque voltara a beber e o que ela poderia fazer. De repente, ouvi um berro e fui empurrado pro lado, e lá estava Sam, ainda de chinelos, cambaleando pra frente e pra trás e irradiando aquela aura de violência que mantém homens como ele a salvo. Ele começou a gritar com Mary para que ela levasse o guri de volta para casa, mas ela simplesmente se esquivou e se encolheu pra perto de Tom, como se estivesse se aninhando junto ao fogo para afastar o frio. Isso deixou Sam ainda mais enlouquecido. Ele titubeou para frente, disse a Tom para cair fora se sabia o que era bom pra ele e agarrou o braço de Mary, tentando puxá-la em sua direção; seu rosto horrendo de fúria.

Então Tom se levantou. Veja, Tom era um homem alto, mas já não era jovem, e era magro. Sam tinha trinta anos e a compleição de um prédio. Quando ele trabalhava, isso geralmente envolvia deslocar coisas pesadas de um lugar para o outro, e sua força estava sobrecarregada por toda uma pilha de sordidez embriagada.

Mas, naquele momento, a multidão recuou ao mesmo tempo e, de repente, eu temi por Sam McNeill. Tom dava a impressão de que poderia ser atingido com o que quer que fosse e a coisa simplesmente quebraria, como se ele fosse uma ponta de granito enorme envolvida em pele, com dois buracos no rosto onde a pedra despontava. E ele estava furioso, não fervendo e espumando feito Sam, mas furioso e *frio*.

Houve uma longa pausa. Então, Sam cambaleou um passo para trás e gritou:

— Você... Só volte pra casa, ouviu? Vai dar o maior problema se não voltar, Mary. O maior problema. — A seguir, atravessou a praça enfurecido, voltando por onde tinha vindo, abrindo caminho entre os abutres turistas que assimilavam a pitoresca vida local.

Mary se virou para Tom, tão assustada que doía de ver, e disse que achava melhor ela ir andando. Tom olhou para ela por um momento e então falou pela primeira vez:

— Você o ama?

Mesmo que quisesse, você não mentiria para olhos como aqueles, por medo de que algo dentro de si se quebrasse.

Bem baixinho, ela disse:

— Não.

Mary começou a chorar suavemente, enquanto tomava a mão de Billy e dava a volta, atravessando a praça lentamente.

Tom guardou suas coisas e foi até o Jack's. Fui com ele e tomei uma cerveja, mas tinha que voltar para a loja e Tom simplesmente

sentou-se lá feito um gatilho, silencioso e retesado como a pele de um tambor. Em algum lugar perto do fundo daquelas águas mansas, algo se revolia. Algo que pensei que eu não gostaria de ver.

Cerca de uma hora depois, era hora do almoço e simplesmente saí da loja para fazer um intervalo quando, de repente, algo se chocou contra a parte de trás das minhas pernas e quase me derrubou. Era Billy. E ele tinha um hematoma ao redor do olho que já estava se fechando.

Eu sabia qual era a única coisa a ser feita e o fiz. Peguei a mão dele e o levei até o Jack's Bar, sentindo uma raiva pesada empurrar minha garganta. Quando viu Tom, Billy correu novamente até ele. Tom o tomou nos braços e olhou para mim por cima do ombro do garoto, fazendo com que eu sentisse minha própria raiva desabar em face de uma fúria que eu nunca poderia ter gerado. Tentei encontrar uma palavra para descrevê-la, mas todas pareciam ser na língua errada. Tudo que posso dizer é que quis estar em outro lugar e senti um frio real enquanto estava ali, encarando aquele estranho de casaco preto.

Então, o momento passou, e Tom segurava o menino próximo de si, assanhando seu cabelo e falando com ele em voz baixa, murmurando palavras que achei que só as mães conheciam. Ele secou as lágrimas do Billy, examinou seu olho e, a seguir, levantou da banquetta, sorriu para ele e disse:

— Acho que está na hora de desenharmos um pouco, o que me diz? — E, tomando a mão do guri, ele pegou sua caixa de giz e saiu andando para a praça.

Não sei quantas vezes fiquei a observá-los naquela tarde. Estavam sentados lado a lado na pedra, a mãozinha do Billy envolvendo um dos dedos do Tom, que fazia um de seus desenhos de giz. Vez por outra, Billy esticava a mão e acrescentava alguma coisinha e Tom sorria, dizia algo e a risada gorgolejante do Billy flutuava pela praça. A loja estava bem lotada naquela tarde e fiquei acorrentado ao balcão, mas podia dizer pelo tamanho da multidão que Tom estava colocando muito de si naquele desenho e talvez muito de Billy também.

Era mais ou menos quatro da tarde quando consegui fazer um intervalo. Atravessei a praça apinhada naquele calor de meio de tarde, me acotovelando para chegar até onde eles estavam sentados, levando duas Cocas geladas. Quando eu vi aquilo, meu queixo simplesmente caiu e tirou umas férias de cinco minutos, enquanto eu tentava assimilar.

Era um gato, sim, mas não um gato normal. Era um tigre em tamanho natural. Nunca tinha visto Tom fazer nada nem perto daquele tamanho antes e, enquanto eu ficava ali sob o sol escaldante,

tentando fazer aquilo entrar na minha cabeça, ele quase pareceu se erguer em três dimensões, quase uma coisa viva. Seu estômago era bem esguio e magro, a cauda parecia se contorcer de tanta cor e, enquanto Tom trabalhava nos olhos e na mandíbula, com o rosto fixo numa rígida concentração, um tanto quanto diferente da expressão calma que tinha ao pintar, num rosnado a máscara do tigre ganhou vida diante dos meus olhos. E pude ver que ele não estava colocando só um pouco de si naquilo, em absoluto. Aquele era um homem em intensidade máxima, dando tudo e buscando ainda mais, apanhando punhados ensanguentados e atirando ali. O tigre era toda a fúria que eu tinha visto em seus olhos e mais, e como seu amor por Rachel, aquela fúria simplesmente parecia maior do que qualquer outro homem poderia compreender. Ele a derramava e esculpia na forma de uma criatura esguia e voraz, que ganhava vida pulsante diante de nós no pavimento, e as estranhas tonalidades roxas, azuis e vermelhas só faziam com que ela parecesse mais vibrante e viva.



Fiquei olhando-o trabalhar furiosamente, o menino às vezes ajudando, acrescentando uma porçãozinha aqui e ali, que estranhamente parecia fazer diferença, e pensei ter entendido o que Tom tinha dito naquela noite, algumas semanas antes. Ele disse que tinha pintado um quadro para o homem que lhe causara tanta dor. Na época, como agora, ele deve ter encontrado por meio da sua habilidade com o giz o que acredito que você chamaria de algo rebuscado como “catarse”; tinha arrancado a dor de dentro dele e a pregado em algo sólido do qual ele poderia se afastar. Agora, estava ajudando aquele menininho a fazer o mesmo e o menino parecia realmente melhor. Seu olho machucado mal se notando, com o sorriso largo em seu rosto enquanto ele observava o gato grande ser conjurado do nada diante dele.

Ficamos todos ali parados assistindo, como algo saído de uma velha história, o povo simples e o estranho mágico. Sempre temos a sensação de estar entregando um pouco de nós mesmos quando louvamos a criação de outra pessoa, e geralmente o fazemos relutantemente, mas dava para sentir o assombro naquele dia como um vento quente. Chega uma hora em que você percebe que algo especial está acontecendo, algo que você nunca mais vai ver e não há nada que possa fazer além de olhar.

Bom, tive que voltar pra loja depois de um tempo. Odiei fazê-lo, mas sabe como é, hoje John é um bom menino, casado e tal, mas naqueles dias ele tinha a cabeça cheia de garotas e não era uma boa deixá-lo sozinho em uma loja lotada por muito tempo.

Assim, o longo dia quente lentamente se arrastou até seu fim. Deixei a loja aberta até as oito, quando a luz começou a cair e a praça se esvaziou, com todos os turistas indo embora para escrever cartões-postais e ver se não tínhamos pelo menos um McDonald's *pequenininho* escondido em algum lugar. Suponho que a Mary já tinha problemas o bastante em casa, se deu conta de onde o menino estava e imaginou que ele estaria mais seguro lá do que em qualquer outro lugar, e acho que ela tinha razão.

Tom e Billy terminaram de desenhar e então Tom sentou e conversou com ele por um tempo. Daí, eles se levantaram e o guri andou lentamente até a esquina da praça, olhando para trás para acenar algumas vezes. Tom ficou ali observando-o e, depois que Billy se foi, ficou ali por um tempo, cabeça baixa, como uma enorme estátua preta na escuridão que se assomava. Ele parecia meio assustador ali fora e não me importo de dizer que fiquei feliz quando ele enfim se mexeu e começou a ir na direção do Jack's. Saí correndo para alcançá-lo e emparelhamos ao passarmos pelo desenho. Então tive que parar. Eu simplesmente não conseguia olhar para aquilo e me mover ao mesmo tempo.

Concluído, não havia nada na Terra como aquele desenho, e creio que era exatamente isso que ele era. Não posso esperar descrevê-lo para você, embora o tenha visto em meus sonhos muitas vezes nos últimos dez anos. Você tinha que estar lá, naquela pesada noite de verão, sabendo o que estava acontecendo. De outro modo, pareceria que era só um desenho.

Aquele tigre era apavorante de cabo a rabo. Parecia tão maldoso e faminto, não sei... parecia simplesmente as partes mais sombrias da humanidade, a dor, a fúria e o ódio vingativo pregados na sua frente. Eu simplesmente parei ali e estremeci sob o ar úmido da noite.

— Fizemos um desenho pra ele — Tom disse, baixinho.

— Pois é — eu comentei e assenti. Como eu disse, sei o que “catarse” significa e achei que tinha entendido o que ele estava dizendo. Mas eu realmente não queria mais olhar para aquilo por muito tempo. — Vamos tomar uma cerveja, hein?

A tempestade em Tom não havia passado, dava pra dizer, e ele ainda parecia vibrar de emoções crepitantes procurando onde se aterram, mas achei que as nuvens poderiam se abrir e fiquei feliz.

Caminhamos lentamente até o Jack's, tomamos umas cervejas e vimos umas partidas de sinuca. Tom parecia bem cansado, mas ainda alerta, e relaxei um pouco. Às onze horas, a maioria dos caras começou a tomar seu rumo e fui surpreendido ao ver Tom pegar outra cerveja. Pete, Ned e eu ficamos, e Jack, é claro, embora soubéssemos que nossas amorosas esposas teriam algo a dizer quanto a isso. Simplesmente não parecia a hora de ir embora. Lá fora, tinha ficado bastante escuro, embora a lua estivesse mantendo a praça em um tipo de crepúsculo e as luzes no bar derramassem uma poça de calor para o exterior pela janela da frente.

Então, lá pela meia-noite, aconteceu e não creio que qualquer um de nós algum dia vá enxergar o mundo em que nós crescemos da mesma forma novamente. Eu contei essa coisa toda como se apenas eu estivesse lá, mas estávamos todos, e nós nos lembramos juntos.

Porque, de repente, ouviu-se um som lamentoso lá fora, um grito fino e cortante se aproximando. Tom imediatamente se pôs de pé e olhou pela janela, como se estivesse esperando por aquilo. Quando olhamos para fora, pro outro lado da praça, vimos o pequeno Billy vir correndo e de lá podíamos ver o sangue em seu rosto. Alguns de nós começaram a se levantar, mas Tom grunhiu para que ficássemos ali e então acho que simplesmente não nos movemos, voltando a sentar como se tivessem nos empurrado. Ele foi até a porta a passos largos e seguiu até a praça. O menino o viu, correu até ele, Tom o envolveu em seu manto e deu-lhe um abraço forte e caloroso. Mas não tornou a entrar, apenas ficou ali, como que esperando por algo.

Agora, fala-se muita besteira sobre silêncios. Eu leio romances quando tenho tempo e você vê coisas como “O tempo parou” e por aí vai, e penso, de jeito nenhum que parou. Então, vou apenas dizer que acho que ninguém nesse mundo respirou naquele minuto seguinte. Não tinha vento, nenhum movimento. A quietude e o silêncio estavam lá como se você pudesse tocá-los, porém, mais do que isso: estavam lá como se fossem tudo o que havia e tudo que um dia houvera.

Sentimos a lenta palpitação da violência vinda diretamente do outro lado da praça antes mesmo que pudéssemos ver o homem. Logo, Sam entrou em nosso campo de visão, cambaleando e balançando uma garrafa como se fosse uma bandeira, praguejando até não poder mais. De início, não conseguíamos ver Tom e o menino porque eles estavam no lado oposto da fonte, e Sam empacou em uma pausa oscilante, mas logo a seguir ele começou a gritar, disparando grosserias que pareciam golpear o silêncio e fenecer, em vez de parti-lo. Então, ele disparou pela praça — se algum dia houve um homem com o assassinato em seus pensamentos, era Sam McNeill. Ele se parecia com alguém que tivesse dado uma noite de folga à sua alma. Eu queria gritar para que Tom saísse do diabo do caminho, para vir para dentro, mas as palavras não saíam da minha garganta e só ficamos ali, os nós dos dedos embranquecendo enquanto agarrávamos o balcão e olhávamos fixamente, boquiabertos, como se tivéssemos feito um pacto de nunca mais falar outra vez. Tom só ficou lá, vendo Sam ir em sua direção, se aproximando, quase na altura do ponto em que Tom costumava pintar. Parecia que estávamos olhando pela janela para uma pintura de algo que havia acontecido há muito tempo em outra época e em outro lugar e, quanto mais perto Sam chegava, mais eu comecei a ficar com muito medo por ele.

Foi naquele momento que Sam de repente estancou, derrapando para frente como num desenho animado para crianças; seu grito morrendo na garganta rouca. Ele encarava o chão adiante, os olhos arregalados e a boca num círculo estupidificado. Então começou a gritar.

Foi um barulho agudo e estridente feito o grito de uma mulher que, saindo daquele touro de homem, fez o medo me acometer espinha abaixo. Ele começou a se sacudir violentamente, como se estive tentando recuar, mas não saía do lugar.

Seus movimentos se tornaram inconfundíveis, mais ou menos no mesmo momento em que seus gritos passaram do terror à agonia. Ele estava tentando afastar a perna de alguma coisa.

De repente, pareceu cair para frente sobre um dos joelhos, a outra perna presa atrás. Ele ergueu a cabeça, guinchou para os céus escuros e nós vimos o rosto dele, nunca vou esquecer aquele rosto enquanto eu viver. Era um rosto de uma época anterior à existência de qualquer

palavra, o rosto por trás dos nossos mais antigos medos e nossos mais remotos pesadelos, o rosto que temos pavor de ver em nós mesmos numa noite qualquer em que estejamos sozinhos no escuro, quando Aquilo finalmente saía de baixo da cama para nos pegar, como sempre soubemos que o faria.

Então, Sam caiu de cara, a perna engatada — e ele ainda se contraía, gritava e arranhava o chão, o sangue correndo de suas unhas quebradas enquanto ele se contorcia e lutava. Talvez a luz estivesse pregando peças e, seja como for, meus olhos estavam brilhando por eu estar paralisado demais pelo medo até para piscar, mas, conforme ele se debatia menos e menos, foi ficando cada vez mais difícil até mesmo vê-lo e, ao passo em que a brisa açoitava com mais força, seus gritos começaram a soar mais como o vento. Mas ele ainda se contorcia e gemia até que, de repente, houve o mais terrível dos sons de tritura e então não houve mais movimento nem som.

Como se estivessem num cordão, nossas cabeças todas se viraram juntas e vimos Tom ali parado, seu casaco tremulando ao vento. Ele trazia uma das mãos sobre o ombro de Billy e percebemos que Mary agora também estava lá, soluçando no casaco dele e envolvida por um de seus braços.

Não sei quanto tempo ficamos ali sentados, encarando, mas ejetamos de nossas cadeiras e fomos para fora do bar. Pete e Ned correram até Tom, mas Jack e eu fomos até onde Sam havia caído, olhamos para baixo e vou te falar que o resto da minha vida agora parece uma crescente até aquele momento e um declínio depois dele.

Estávamos em frente ao desenho de giz de um tigre. Mesmo agora meu escalpo parece se apertar quando penso nele e tenho a sensação de que alguém fez um buraco em meu peito e virou um galão de gelo dentro. Vou apenas lhe contar os fatos: Jack estava lá e ele sabe o que vimos e o que não vimos.

O que não vimos foi Sam McNeill. Ele simplesmente não estava lá. Nós vimos o desenho de um tigre em roxos e verdes, um pouquinho gasto, e havia muito mais vermelho ao redor da boca daquele tigre do que naquela tarde, e tenho certeza de que se algum de nós tivesse sonhado em esticar a mão para tocá-la, ela também teria estado quente.

E a parte mais difícil de contar é essa. Eu tinha visto esse desenho naquela tarde, e Jack também, e nós sabíamos que quando ele foi terminado, era esguio e magro.

Juro por Deus que aquele tigre não era mais magro. Aquilo para o que Jack e eu olhávamos era um tigre corpulento.

Após um tempo, ergui o olhar para Tom, do outro lado. Ele ainda estava lá de pé com Mary e Billy, mas eles não estavam mais

chorando. Mary abraçou Billy com tanta força que ele chiou e o rosto de Tom parecia calmo e animado, aberto num sorriso. E, enquanto estávamos ali, os céus se abriram pela primeira vez em meses e uma chuva fresca caiu martelando. A meus pés, as cores começaram a escorrer e as linhas se tornaram menos distintas. Jack e eu ficamos ali e assistimos até só haver poças de cores insignificantes, então fomos devagar até os outros sem nem mesmo olhar para a garrafa caída no chão, e ficamos todos ali na chuva por um longo tempo, nos entreolhando sem dizer uma só palavra.

Bom, isso foi há dez anos, praticamente. Depois de um tempo, Mary levou Billy para casa; eles se viraram e nos deram um breve aceno antes de contornarem a esquina. Os cortes no rosto de Billy sararam bem rápido e ele agora é um belo rapaz: parece muito com seu pai e já anda se aventurando nos carros por aí. Me ajuda na loja, às vezes. A mãe dele não envelheceu um dia e está maravilhosa. Ela nunca se casou de novo, mas parece feliz do jeito que está.

O resto de nós deu apenas um simples “boa-noite”. Era tudo o que nossas forças permitiam e talvez fosse só o que havia para se dizer. Enfim, fomos andando para casa, para nossas esposas. Tom me lançou um sorrisinho antes de se virar e se afastar sozinho. Eu quase o segui, queria dizer alguma coisa, mas acabei ficando onde estava, apenas observando-o ir embora. E é assim como sempre me lembrarei dele, porque por um momento havia uma faísca em seus olhos e soube que um pouco da dor tinha sido dissipada em algum lugar lá dentro, bem no fundo.

Ele se afastou e ninguém mais o viu desde então e, como eu disse, agora já faz dez anos. Ele não apareceu lá na praça na manhã seguinte e não veio tomar uma cerveja. Como se nunca tivesse existido, ele simplesmente não estava lá. Exceto pelo buraco em nossos corações. Engraçado o quanto se pode sentir falta de um homem quieto.

Ainda estamos todos aqui, é claro, Jack, Ned, Pete e os meninos, e todos são basicamente os mesmos, embora ainda mais velhos e grisalhos. Pete perdeu a esposa e Ned se aposentou, mas as coisas continuam iguais. Os turistas vêm no verão e nos sentamos nas banquetas, tomamos cervejas geladas e jogamos conversa fora sobre o jogo e nossas famílias e sobre como o mundo está indo pelo ralo. Às vezes, a gente se aconchega e fala sobre aquela noite, há muito tempo, sobre pinturas e gatos e sobre o homem mais quieto que já conhecemos, nos perguntando onde ele está e o que estará fazendo. Temos uma caixinha de seis cervejas na geladeira já há dez anos e, no minuto em que ele entrar por aquela porta e puxar uma banqueta, é toda dele.





Vocês Têm Medo do Escuro?

Charles L. Grant

A TEMPESTADE COMEÇOU a avançar logo abaixo do horizonte, transformando casas e árvores em silhuetas acentuadas, congelando as nuvens em cinza e branco encapelado; ela enterrou o pôr do sol, afastou as estrelas e substituiu as sombras da lua por suas próprias sombras estroboscópicas.

Contudo, ela ainda era inofensiva, distante o suficiente para fazer as pessoas sorrirem, olharem de relance para seus relógios e andarem só um pouquinho mais rápido. Não havia alerta na previsão do tempo e o próprio aviso dela estava emudecido, atenuado pelo ar de primavera que há apenas uma hora enchia de sol, novas flores e resplandecentes folhas verdes as árvores ao longo dos meios-fios.

Então, a brisa se tornou um vento e a tempestade fez a volta, uma pantera à espreita da noite com clarões dos relâmpagos onde suas garras tocavam o chão, grunhidos de trovões quando ela avistava sua presa.

A brisa se tornou um vento, a temperatura caiu e tudo que restou foi a espera pela chuva.

O banco-baú estofado havia sido virado para ficar de frente para a janela panorâmica no escritório. As cortinas florais haviam sido abertas, as luzes apagadas e o quintal só ficava visível durante meros piscares de olhos, conforme a tempestade se movia lá no alto e desabava sobre a casa. Os relâmpagos escapavam do confinamento das nuvens negras, flamejando, estalando, dando às árvores movimentos angulares e transformando a cerca viva dos fundos em uma enorme

muralha preta. O poço dos desejos ornamental, a fonte dos passarinhos, o barracão no canto, todos eles curiosamente achatados quando o ar queimava branco azulado na dianteira do trovão. As folhas eram prateadas, a grama cinza-claro e os reflexos na vidraça eram exangues e transparentes.

— Ela tem razão — disse Jeremy Kneale, se contorcendo no banco, mas sem querer levantar. — Bernie tem razão, é igualzinho a um filme.

— Não é. É idiotice. Está escuro lá fora, não está vendo? — Stacey se encolheu diante do relâmpago seguinte, mas ainda não estava impressionado. — Que besta. Quero ver TV.

— Bernie disse que não podemos — Will lembrou a ele. — Ela diz que temos que esperar até que apareça algo de bom.

— O verdadeiro nome dela — disse Stacey — é Bernadette. E Bernadette é um verdadeiro pé no saco.

Jeremy estremeceu pelo modo como seu amigo falou da nova babá, mas não disse nada. Repreender Stacey Parsons era perda de tempo. Ele sabia disso. Escutara sua mãe dizer o mesmo ao seu pai uma centena de vezes e os escutara perguntando como os pais do menino davam conta sem estrangulá-lo. Aquela parte era piada; pelo menos, ele achava que era.

Por trás deles, pela porta vai e vem que levava até a cozinha, conseguiam escutar Bernie trabalhando. Fazendo pipoca. Arrumando bandejas. Pegando copos no armário e servindo refrigerante.

— Me sinto idiota — Will, enfim, confessou.

Jeremy também se sentia, mas não admitiria. Ele já estava encrencado o suficiente e a única coisa que não precisava era de Bernie dizendo aos seus pais que ele estivera sendo difícil outra vez. Porém, não era culpa sua. Ele gostava de explorar as coisas, de ir a lugares e de encontrar novos jogos para brincar com seus melhores amigos no mundo todo. Só porque isso às vezes causava problemas entre ele e os vizinhos, ou com pessoas que nem conhecia, não significava que ele era mau. Igual à vitrine da loja de brinquedos, naquela tarde. Ele não teve a intenção de quebrá-la, mas Stacey se agachou quando Jeremy jogou a pedra. Ele não a atirou, só jogou, e deve ter pegado bem de jeito na vidraça, porque quando eles perceberam, havia vidro por toda parte da calçada e um monte de gente grande segurando eles para que não saíssem correndo.

Tinha sido um acidente.

Seus pais não acreditaram.

E pais, Stacey disse certa vez, nunca acreditavam na criança quando havia um adulto por perto. Você tinha que ser grande para acreditarem em você; tinha que ser capaz de se defender com alguma

outra coisa além de lágrimas.

— Tô com fome — comentou Will Young, se levantando e se afastando da janela. Ele acendeu um abajur, piscando diante da luz.

— Pois é — disse Stacey. Ele também se levantou, gesticulou, e ele e Jeremy viraram o banco até onde era seu lugar. Então, ele fechou as cortinas e sentou-se de novo, as mãos sobre o colo, os pés se balançando. — Queria que ela fosse mais rápida.

— É que nem a prisão — disse Will, esfregando as mãos e rindo. — Bernie é a guarda, sabe, e nossos pais saíram pra encontrar o governador, pra descobrir quando eles vão baixar a alavanca.

— Onde você ouviu isso? — perguntou Jeremy.

— Num filme.

Jeremy balançou a cabeça.

— Eu vi esse filme e você entendeu errado. Era pra eles descobrirem se o governador ia impedi-los de baixar a alavanca.

— Claro — disse Stacey. — Vocês viram a cara do meu pai quando ele descobriu o que houve hoje? — Ele estremeceu. — Eu conheço aquela cara. Ele vai ficar bem ao lado do sujeito de máscara preta. Ele mesmo vai baixar a alavanca.

Jeremy tinha que concordar. Nunca havia visto nenhum de seus pais com tanta raiva. Como se ele e seus amigos tivessem deliberadamente se decidido a arrumar encrenca ou a causá-la quando não puderam encontrá-la, mentindo a respeito após a terem causado. É claro, eles nem sempre diziam a verdade, porque senão realmente levariam uma surra. Como não foi o caso, eles teriam que ficar cada um em sua propriedade por duas semanas inteiras e a única razão para terem tido permissão de se reunir naquela noite era porque seu pai achara que já era hora dos seis adultos se juntarem e decidirem o que fazer para domar seus endiabrados.

Ele não soube o que “endiabrados” significava exatamente quando ouviu seu pai ao telefone com o Sr. Young na noite passada, mas sabia que não era bom. E sabia que dessa vez eles não seriam capazes de chorar, implorar ou fazer bico pra escapar de fosse lá qual castigo surgisse. Ficar em casa não era um castigo; ficar em casa era apenas a preparação para seja lá que coisa séria estivesse vindo.

Relâmpago e trovão.

Cinzas na lareira se amontoando em pilhas.

O vento chacoalhando a vidraça, se lamuriando por entre os beirais.

Os meninos deram um pulo, sorriram nervosamente e deram outro pulo quando a porta da cozinha se abriu e Bernie saiu com uma bandeja nas mãos. Ela foi até a mesa de jogos no meio da sala e pôs a

bandeja no centro. Havia três copos cheios de refrigerante, uma enorme tigela de pipoca e três barras de chocolate recheado.

Nenhum dos meninos se moveu. Ficaram só olhando enquanto a babá fazia uma careta para as cortinas fechadas, para o banco virado e para Will, de pé junto à luminária de piso no canto. Seu cabelo castanho curto parecia mais escuro naquela noite, seus olhos mais profundos, seu nariz mais afilado e, quando ela esfregou as mãos nas laterais de seu vestido, pareceu menos uma amiga e mais com o guarda que Will tinha descrito.

— Pensei que vocês iam ver a tempestade — disse ela.

— Isso é besta — Stacey respondeu.

— É — concordou Will.

Ela se virou para Jeremy e aguardou a resposta dele.

Ele deu de ombros. Não queria deixá-la com raiva, não queria que ela dissesse à sua mãe e ao seu pai que ele estava sendo sacal outra vez. Bernie era gente boa e ele queria mantê-la ao seu lado. Ela havia cuidado dele duas vezes antes, e de Stacey e Will também, logo depois do problemão começar, e, embora ela às vezes o deixasse nervoso pelo modo como o encarava, pelo modo como andava pela casa sem fazer som algum, ele achava que ela era bem legal para uma adulta.

— Sentem — ela disse e apontou para o banco.

Eles o fizeram, sentindo algo nas maneiras dela que anunciava uma rebelião. Além disso, eles sentiam o cheiro da manteiga na pipoca, viam as bolhas no refrigerante e as barras de chocolate eram as maiores que já tinham visto na vida.

— Vamos fazer uma competição — sugeriu ela, colocando-se atrás da mesa com as mãos cruzadas junto à cintura. — Vai ser divertido. A única questão é que vocês não podem ter medo.

— Medo? — perguntou Stacey. — Quem é que tá com medo?

Bernie sorriu lentamente.

— Vocês não têm medo do escuro?

Stacey riu, Will sorriu com desdém, Jeremy repuxou sua orelha.

Ela os encarou até Will dar uma risadinha:

— Stacey tem medo do mar — ele afirmou, e levou um soco no braço.

— Ah, é? Bom, você tem medo do escuro. Você ainda tem até uma luz de cabeceira.

Jeremy continuou em silêncio — ele só tinha medo dos seus pais.

— Ótimo — disse ela. — Tudo bem, porque a competição, vejam bem, é uma série de jogos que escolhi para vocês disputarem.

— Grande coisa — disse Will, cutucando Jeremy nas costelas.

— Qual vai ser, verdade ou consequência? — perguntou Stacey,

rindo até que viu o olhar dela.

— Obrigada — Bernie falou. — Agora, prestem atenção, por favor. Quero que escutem com atenção. Já que não têm medo do escuro, vou escolher alguma coisa... — Ela olhou para o teto, olhou para baixo e tocou a mesa. — Se ficarem com medo, perdem.

— Jesus, Bernie — disse Stacey. — A gente não é bebê, sabia?

— Eu sei — ela respondeu. — E foi isso o que eu disse aos pais de vocês. Vocês não são mais bebês. Vocês aguentam. Vocês são durões.

— Isso — bradou Stacey.

Will assentiu, empático, e Jeremy inquiriu:

— Aguentamos o quê?

Bernie o ignorou.

— As regras são simples: eu escolho os jogos, ninguém desiste antes do fim e, para cada jogo que ganharem, podem ficar com uma barra de chocolate.

— Isso não é justo — Stacey reclamou.

Bernie sorriu.

— O segundo lugar ganha pipoca.

— Ei! — disse Will.

— E o último colocado pode dormir na chuva.

Jeremy olhou para seus amigos, olhou para Bernie e decidiu que aquela não seria uma boa noite, afinal de contas.

Ela olhou para seu relógio de pulso.

— É melhor começarmos. Prometi aos seus pais que terminaríamos antes deles voltarem. Vocês estão prontos?

Cada um deles assentiu, encarando as barras de chocolate, cada uma pesando mais de um quilo.

— Nesse caso — ela disse, no trovão, no relâmpago, enquanto o vento batia à porta — o primeiro jogo é:

esconde-esconde

Estava escuro, tão escuro que era como viver em uma nuvem negra.

E estava quieto, exceto pelo som de sua respiração.

Will Young fechou a boca e os olhos e desejou não ser tão gordo. Sua mãe sempre gritava com ele por comer demais e por levar comida escondido para o quarto depois da hora em que já devia estar dormindo. Mas ele não ligava. Ele gostava de comer. Não importava o que houvesse no armário ou na geladeira, contanto que fosse gostoso — e não havia muita coisa de que ele não gostasse.

E ele não achava que era realmente nojento e feio de gordo, não

como seu pai, com a barriga aparecendo mesmo quando sua camisa estava toda abotoada. Ele só tinha uns extras aqui e ali ao redor da cintura e do rosto, e isso definitivamente não o impedia de correr, ou escalar ou rastejar sob o alpendre; pelo menos os braços dele não tinham toda aquela flacidez dependurada e pelo menos as coxas dele não roçavam uma na outra por não haver espaço entre elas.

Mesmo assim, ele agora desejava ser um pouco mais delgado, porque aí conseguiria se espremer um pouco mais para o fundo do armário, talvez até conseguisse ficar atrás do saco de golfe que pertencia ao pai de Jerry. Não achava que teria que ficar ali por muito tempo porque Stacey disse que era um jogo bobo, que não queria brincar e que provavelmente se deixaria ser pego primeiro deliberadamente. Jerry conhecia a casa melhor do que ninguém, mas Will achou que ele estava com medo de alguma coisa e provavelmente iria direto para o porão, o primeiro lugar onde Bernie procuraria.

Portanto, o enorme armário no corredor do andar de cima era quase perfeito quando ele o encontrou. Roupas e casacos pendurados no varão, caixas e coisas empilhadas no chão e a porta tão ajustada que luz alguma passava por baixo dela.

Ele estendeu as mãos e sentiu seus arredores, tentando deslocar as coisas à sua frente e avançar mais para o fundo, sem fazer nenhum barulho. Respirou pela boca. Congelava sempre que ouvia passos cruzando o lado de fora.

Enfim, chegou ao canto, depois de colocar o saco de golfe para o lado.

Perfeito. Escuro, mas perfeito. Bernie teria que declará-lo o vencedor deste jogo, sem dúvida alguma.

Ele riu e esfregou as mãos uma na outra.

Trouxe os joelhos para junto do peito e escutou o trovão se derramar abafado, acima do telhado.

E escutou algo se mover no outro lado do armário.

Ele piscou e inclinou a cabeça, franzindo o cenho enquanto escutava com o máximo de atenção que podia e se perguntava o que tinha sido, ou talvez tivesse sido sua imaginação.

Um *arranhar*, suave e lento, talvez seja um rato ou um morcego ou algo que mora no fundo do armário, que espera lesados como ele jogarem jogos idiotas de criancinha no meio de uma tempestade; um *arranhar*, suave e lento e, de súbito, algo roçou rapidamente seu rosto. Ele quase gritou ao se debater para afastá-lo, e quase gritou de novo quando seus dedos foram apanhados, presos em algo que tinha dentes arredondados e duros. Sua mão livre tentou agarrar aquilo enquanto ele se forçava mais para o canto, segurava e puxava, e algo caiu no rosto dele.

Ele então gritou, sim, mas o som foi abafado, todo o som amortecido enquanto seus pés chutavam e atacavam o saco de golfe, enquanto sua cabeça atingia a parede com tudo, e suas mãos rasgavam e puxavam. A coisa caiu e se emaranhou em seu colo e, um instante depois, um cabide de casaco caiu em seu peito.

Cacete, ele pensou, à medida que sentia o casaco em suas pernas, os botões redondos, as lapelas suaves. Cacete, você é um babaca.

Ele estremeceu e girou os ombros, passou a mão sobre os olhos e sentiu a transpiração oleosa em seu rosto. Secou-se com o casaco e puxou o saco de golfe para sua frente, orgulhoso por ter enfrentado os demônios e não ter sido morto.

Além do mais, isso provava que tinha feito uma boa escolha. Provava que ele podia ser silencioso.

Sabia àquela altura que Bernie nunca o encontraria. Ela poderia abrir a porta, mas mesmo a luz do corredor não o alcançaria lá atrás. E ela com certeza não entraria, não usando aquele vestido. Ele deu um risinho e rapidamente cobriu a boca. Não a conhecia muito bem, só das duas vezes em que estivera junto quando ela cuidou de Jeremy, mas sabia que ela não iria querer sujar aquele vestido. Ela era muito cuidadosa com isso, dava para ver. Ele notava como ela ficava longe das paredes e afastava a saia de qualquer coisa que pudesse tocar nela e deixá-la suja.

Ela era estranha e nem mesmo Jeremy poderia dizer que ele estava errado. Estranha e sempre os olhando como se eles fossem insetos ou coisa assim. Às vezes, ela era divertida, como quando contava histórias assustadoras, mas, na maior parte do tempo, ela só se sentava no banco no escritório e os observava. Como uma guarda. Como um cão. Até o Sr. e a Sra. Kneale chegarem em casa, quando ela colocava o casaco e saía sem nem dar boa noite.

Estranha.

Muito estranha.

E um *arranhar* no canto.

Uma risada do lado de fora e Stacey passou disparando pelo corredor, dizendo aos seus amigos que tinha sido pego, mas para não desistirem, Bernie era babaca e eles dividiriam o chocolate depois.

Will sorriu e assentiu para si mesmo. Menos um, faltava um. Tudo que ela tinha que fazer era achar Jeremy e o jogo era dele. Todo aquele doce, todo dele.

Seu estômago roncou.

Algo arranhou levemente no canto e ele desejou que não houvesse tanta corrente de vento ali, fazendo cócegas em seu pescoço, levando-o a pensar que tinha algo rastejando em seu cabelo. O vento lá fora achou um buraco nas paredes, se esgueirou ao redor das janelas e,

agora, ele estava ficando com frio e as roupas se moviam, farfalhando juntas, sussurrando umas para as outras e arranhando.

Você tem medo do escuro?

Um monstro, ele então pensou, e fechou os olhos bem apertado, grato pelas luzes coloridas que rodopiavam em pequenos círculos e as cortinas de um laranja tênue que pairavam no alto, desapareciam e voltavam; havia um monstro no closet.

Ele se deslocou e ouviu alguém caminhando pelo corredor junto à porta.

Bernie, ele pensou consigo mesmo, Vá procurar o Jeremy. Eu não estou aqui.

Um monstro lá dentro com ele, mas as barras de chocolate eram enormes e tudo que ele tinha que fazer era esperar até seu melhor amigo ser encontrado.

Um cabide de casaco raspou no varão de metal.

Além disso, não existe essa coisa de monstro e eu não vou ficar com medo porque estou com fome e quero aqueles doces, ele pensou, suas mãos apertadas nos punhos, olhos ainda fechados.

Algo baqueou contra o saco de golfe e os tacos dentro dele chacoalharam.

Isso não existe. Isso não existe.

O saco estremeceu de novo e ele sentiu um peso se apertar contra a sola de seu tênis. E suspirou de alívio, sorriu e balançou a cabeça pelo quanto podia ser idiota. Tinha sido o pé dele o tempo todo. Ele tinha impensadamente esticado uma perna e chutado o saco com o pé, então não havia nada com que se preocupar, sozinho ali no escuro.

Arranhando.

A seguir, escutou Jeremy correndo, provavelmente de seu quarto, não do porão no fim das contas, dizendo a Will que tinha acabado, que ele tinha vencido o primeiro jogo.

Will suspirou de novo, mais alto, e assentiu. Sabia que seria o vencedor. Como eles podiam ter pensado o contrário? Não era ele o campeão de esconde-esconde de toda a escola, se não de todo o mundo? Não podia ele fazer algo errado e então se esconder de seus pais até que eles ficassem quase desvairados de medo e ele brotava, sorria e eles esqueciam que estavam com raiva?

Cacete, ele era o campeão. Bernie já devia saber.

Um passo junto à porta.

E um *arranhar* lá dentro.

Ele riu, se mexeu e agarrou o saco.

Alguém deu uma volta na fechadura... deu uma volta na fechadura e se afastou.

— Ei — ele disse. — Ei, Bernie, sou eu!

E ele empurrou o saco para o lado e viu os olhos vermelhos que o encaravam.

As barras de chocolate repousavam no meio da mesa e Stacey ficou o mais perto que ousava, um olho em Bernie remexendo a lenha na lareira, o outro na recompensa que ganharia na próxima vez. Se Jeremy tivesse sido o último, teria sido diferente porque Jerry era tranquilo, mas Will era um p-o-r-c-o esganado e ele não achava que poderia aguentar ficar ali sentado, vendo aquele porco se empanturrar com todo aquele chocolate.

Bernie se levantou e espanou as mãos no avental que usava ao redor da cintura.

Stacey decidiu que venceria o próximo e deixaria Jerry ganhar o último. Pelo menos assim, Will-o-porco não avacalharia tudo e não os faria parecerem idiotas.

— Vocês estão prontos? — perguntou, de pé junto à lareira.

Jeremy olhou na direção das escadas que levavam ao primeiro andar.

— Mas não podemos — ele disse. — Temos que esperar pelo Will.

— Pro Diabo com o Will — Stacey ralhou, com desdém. — Ele ganhou a droga do chocolate e agora está só de brincadeira. A gente devia deixar ele ficar onde está a noite toda.

— Isso não é justo!

— Se é assim que o Will quer — disse Bernie suavemente — então é isso o que vai ter. Se ele não voltar antes de terminarmos o próximo jogo, vai perder o prêmio.

— É isso aí — Stacey vibrou. — Mandou bem, Bernie.

Ela sorriu brevemente e ele sorriu de volta. Ela era mesmo esquisita, mas tinha peitos maiores que os de sua mãe e ele achava que ela não sabia que ele vinha tentando olhar por baixo de seu vestido a noite inteira. Ele tinha sussurrado isso a Jerry enquanto estavam procurando por Will e o trouxa tinha ficado vermelho. Ele tinha realmente ficado vermelho. Stacey imaginou que o guri não sabia nada sobre mulheres e não ficou surpreso. O velho dele era o pai mais rígido do mundo e não o deixava nem olhar revistas de fotografias. Era uma idiotice. Uma total e verdadeira idiotice.

— E aí? — ele perguntou. — Quando começamos?

— Stacey...

— Ah, qual é, hein? Eles já vão voltar. A gente tem que andar logo.

— Stacey tem razão — disse Bernie. Ela pôs a mão no bolso do

avental e tirou algo embrulhado num pano branco. Lentamente, foi puxando seus cantos de lado e ele viu em sua palma uma gigantesca joia vermelha. Ela refletia a pouca luz e a duplicava, parecendo tremular quando um trovão ribombou pela sala.

— Uau — ele disse.

— Isto — explicou ela — foi tirado de um homem muito rico. Ele botou a polícia para procurá-la. Deu a eles uma hora para encontrá-la, senão... — Ela sorriu sem mostrar os dentes. — Vamos brincar de:

polícia e ladrão

Stacey sabia que tinha cometido um erro. Ele devia ter achado algum lugar lá dentro para esconder a joia, mas tinha se convencido de que Jerry a encontraria em menos de dez minutos. Afinal, a casa era dele e ele conhecia todos os bons lugares em que poderia esconder uma coisa assim.

Mas tinha sido bobagem.

Ele parou no terraço, o vento arrebatando seu cabelo e açoitando seu rosto, obrigando-o a apertar os olhos, curvando seus ombros, fazendo seus braços tremerem enquanto ele considerava cavar um buraco em um dos vasos de plantas e enterrá-la ali.

Não. Assim que Jerry soubesse que ele deixou a casa, seria o primeiro lugar onde procuraria. E não havia tempo para cavar um buraco no jardim porque a terra ainda estava dura e ele não tinha nenhuma ferramenta.

Que burrice, Parsons, ele disse a si mesmo quando o vento o fez dar meia-volta. Total e verdadeira burrice.

Então o rastro de um relâmpago sufocado por uma nuvem iluminou o quintal e ele riu com tanta força que suas bochechas começaram a doer.

O poço. Aquele estúpido poço de gesso que a Sra. Kneale havia comprado no verão passado. Eles eram proibidos de se aproximar dele, de tocá-lo, até de respirar perto dele, o que não o incomodava porque o achava idiota. De que adiantava um poço que não dava em lugar nenhum? Tudo que o Sr. Kneale tinha feito havia sido tirá-lo da caminhonete com Jerry e seus empregados e carregado até o jardim, posto no chão e tomado uma cerveja para comemorar. A Sra. Kneale tinha aplaudido como se eles tivessem levado pra lá a porcaria do maldito Empire State e, depois disso, ela e o pai de Jerry se sentavam no terraço e jogavam moedas nele, fazendo desejos. Ela quis que Stacey fizesse isso uma vez e ele fez porque Jerry era seu amigo, mas sentiu-se idiota e fez Jerry mais tarde jurar que não contaria a vivalma.

Então, em agosto, ele teve uma ideia.

O Sr. Kneale estava ficando muito bom em jogar as moedas lá dentro; ele conseguia fazê-lo até de olhos fechados, muitas vezes. Então, certa noite, quando eles deveriam estar na casa de Will, saíram de fininho pelo buraco na cerca viva e moveram o poço. Só alguns centímetros, não o bastante para que notassem.

O Sr. Kneale errou, empurrou sua cadeira e recuperou a mira.

Eles arrastaram o poço novamente para o lugar anterior e sentaram do outro lado da cerca viva no jardim de Will, rindo de solução quando ouviram o homem praguejando.

Conseguiram fazer isso mais duas vezes, até a noite em que Jerry escorregou na grama úmida e o poço caiu com força. Um dos lados rachou. Uma pequena fissura que acharam que ninguém notaria.

A Sra. Kneale notou e o idiota do Jerry arregou no minuto em que ela lhe perguntou se eles andavam fazendo das suas gracinhas.

Jerry imbecil. Ele e seus livros estúpidos e seus pôsteres e sem nem mesmo saber como Bernie era sem as roupas. Caramba, mas eles tinham se metido numa encrenca dos diabos, especialmente quando Stacey deixou escapar um palavrão quando sua mãe o agarrou pelo braço. Jesus, por causa daquilo ficou preso dentro de seu quarto pela porcaria da semana toda.

O poço, então. Jerry ainda estava com medo demais pra chegar perto dele e nem sonharia que seu velho chapa teria as manhas.

Ele saiu do terraço para a grama às pressas, se agachou e correu na ponta dos pés, parando uma vez quando um relâmpago pôs uma sombra na frente dele e levou um instante até se dar conta de que era a sua própria. Deu uma olhada por sobre o ombro, viu que as cortinas ainda estavam fechadas, e se lançou por trás do poço, abrigando-se do vento.

Relâmpago entranhado novamente, um murmúrio de trovão, e ele girou nos calcanhares quando achou ter ouvido algo vindo da cerca viva.

Nada. Não era nada.

As folhas ciciaram, os galhos chacoalharam e a grama rastejou na direção de suas pernas e todas as casas que ele podia ver estavam perfeitamente escuras. Buracos na noite; bocas de monstros pretos que comiam pessoas após o pôr do sol.

— Droga — ele disse ao vento. Isso fez com que se sentisse melhor, porque o vento estava lhe dando nos nervos. — Droga, desgraça, cacete, inferno. — Ele sorriu, tirou o rubi do bolso e ergueu a mão para largá-lo no poço, quando parou, fechou a cara e se perguntou o quanto Jerry realmente era um idiota burro. Ele bem que poderia pensar no poço, bem que poderia. E, se olhasse lá dentro com uma

lanterna, o veria na hora e ficaria com todo o chocolate. Pior; se gabaria daquilo para cada garoto da escola, todos os dias, durante a porcaria do ano inteiro. Ainda pior, ele provaria que é um menino tão bonzinho que seus pais o tirariam do castigo e deixariam Stacey preso em seu quarto.

O que ele tinha que fazer então era pensar como um ladrão, um bandido que muito em breve voltaria, pegaria sua pilhagem e fugiria depois que a polícia tivesse estado lá. Ele assentiu para si mesmo, olhou para trás na direção do barracão e soube que era óbvio demais. Se ele ia escondê-la aqui fora, então, teria que colocá-la no poço, mas cobri-la com algo. Grama, talvez um pouco de terra, para que a luz não se refletisse nela.

De repente, o relâmpago guinou para fora das nuvens, abrindo um buraco na noite como um lençol rasgado em dois. Ele deu um pulo e puxou a joia para próximo de seu estômago, fechou os olhos e esperou pelo trovão.

Quando ele veio, rachando o ar com um estrondo acima de sua cabeça, suas orelhas se taparam e ele gritou, pôs-se de pé num pulo e encarou a casa com os olhos arregalados.

Aquilo era loucura. Ele ia fritar lá fora, tudo por um pedaço idiota de chocolate. Então, pôs a mão na borda de gesso e olhou para dentro do poço.

E piscou.

A beira ia só até sua cintura, mas ele parecia descer até cem quilômetros chão adentro. Talvez até um milhão. O Sr. Kneale devia ter cavado um buraco debaixo dele, para fingir que era de verdade e impedir que pregassem uma peça nele de novo. Ele sorriu: era perfeito. Se debruçou, esticou a mão e, quando o relâmpago irrompeu de novo, pôde ver tudo até lá no fundo. Até a grama. Até a desgraça da porcaria da grama.

— Ora, cacete — ele disse e, sem perder mais tempo, se alçou sobre a borda e pulou para dentro.

O vento passando sobre a boca soava como trompetes ocos e suas laterais estremeceram, o telhado com cumeeira tremeu e o balde plástico na corrente disparou alarmantemente rápido. Ele cabia por pouco, mas tinha espaço suficiente para cavar um pequeno buraco entre seus sapatos com os dedos, colocar a joia lá dentro cuidadosamente e cobri-lo outra vez. Então esperou pelo raio seguinte para ter certeza de que sua obra não poderia ser vista.

Quando veio, ele viu a água e não teve como evitar a queda rumo aos olhos vermelhos, flutuando em sua direção.

Aquilo não tinha mais graça, Jeremy pensou, mas ele não ousava

deixar o banco-baú e reclamar. Bernie estava na cozinha de novo, fazendo algo no forno, retinindo panelas, batendo colheres e assobiando tão desafinada que o barulho raspava sua espinha feito garras num quadro-negro.

Isso não era divertido.

Ele olhou por cima do ombro pela janela, para o jardim que surgia e sumia de vista, branco, preto, branco de novo e saltando por cima do poço no centro. Ele havia pensado, há alguns minutos, que tinha visto Stacey se esgueirando por lá, mas quando o relâmpago retornou e não havia nada a ser visto, ele mudou de ideia. Stacey era louco, mas não louco o suficiente pra isso.

Sua língua tocou seu lábio superior.

Seu pé esquerdo tocou o chão.

Ele olhou para as escadas quando pensou ter escutado Will, então, olhou para a porta dos fundos quando pensou ter ouvido Stacey.

A seguir, a porta da cozinha se escancarou e Bernie entrou.

Ele piscou e tentou sorrir, mas havia um cubo de gelo se acomodando em sua nuca que cresceu quando ouviu o primeiro respingar de chuva na janela.

Bernie sentou na poltrona do pai dele junto à lareira, olhou para as toras chamuscadas, levantou a cabeça e sorriu diretamente para ele. Seu rosto estava parcialmente nas sombras e ele só conseguia ver um olho, uma parte da boca e um pouco de dentes.

— Está preocupado com seus amigos?

Ele assentiu e engoliu em seco porque pensou que ia se derramar em lágrimas e essa era a única coisa que ele tinha prometido a si mesmo que nunca mais faria. Tudo o que já tinha conseguido com isso foi um tapa de seu pai ou um grito de sua mãe — aja conforme sua idade, Jeremy Kneale, você não é mais um bebê.

— Eu não me preocuparia — sussurrou ela. — Eles estão indo muito bem.

— Como você sabe? — perguntou ele, com mais raiva do que pretendia. — Você só fica fazendo essa pipoca idiota. Will tá machucado em algum lugar, tenho certeza. E Stacey deve estar lá fora nessa chuva toda. — Ele se levantou e ficou de frente para ela, as mãos cerradas ao lado do corpo, lutando contra o ardor que enrubesceu suas faces. — Você não liga. Só quer que a gente se encrenque de novo, só isso. Nossos pais vão voltar pra casa e a gente vai estar na maior encrenca do mundo.

Bernie entrelaçou as mãos sobre o colo e olhou para as toras de lenha novamente, como se elas estivessem queimando.

— Jeremy, você sabe o que é manteiga do pântano?

Ele franziu o cenho, desviou o olhar, olhou de volta.

— O quê?

— É o nosso jogo, Jeremy. Com certeza não se esqueceu do terceiro jogo. Agora, responda à minha pergunta: já ouviu falar de manteiga do pântano?

— Eu... — Ele sentiu uma lágrima em seu olho direito, um torrão de carvão na garganta. — Hein?

Ela sorriu, sonhadora, e suspirou.

— Nos velhos tempos, muito antes de haver até mesmo os Estados Unidos, costumavam enterrar as pessoas nos charcos pela Inglaterra. Você sabe o que é um charco?

Ele assentiu. A chuva estapeou a vidraça, correu pela beira da calha e se derramou nos arbustos, se encolhendo debaixo da janela.

— Bem, às vezes, quando desenterravam essas pessoas, descobriam que esses corpos tinham secretado um tipo de cera sobre si mesmos. Parecia um pouco com manteiga, acho, então chamaram de manteiga do pântano.

— Que legal — disse ele, sabendo que soava estúpido, mas o que mais poderia dizer? Seus amigos estavam perdidos na tempestade e na casa, e Bernie estava sentada na poltrona de seu pai, falando sobre corpos mortos e manteiga e (Deus!) como ele queria que ela calasse a boca para que pudesse falar com ela.

— Na época, é claro, eles não sabiam o que tinha causado aquilo, ou por que estava lá.

Ele se afastou com cautela, a cabeça se inclinando, os quadris se virando antes que ele o fizesse. E, quando ela pareceu não notar, recuou até a escada e se alçou para cima, disparando pelo corredor até o quarto na ponta oposta. Conferiu debaixo da cama, no armário, debaixo de sua mesa, em seu baú de brinquedos. Olhou pela janela e não viu nada além da chuva.

Ele passou pelo quarto de seus pais e olhou em tudo que poderia comportar Will e tudo que não podia, sem se importar que eles fossem descobrir quando vissem a bagunça que havia feito.

O quarto de hóspedes simplesmente estava vazio.

— Will?

O banheiro ecoou o trovão.

— Will!

Ele agora suave e não conseguia impedir seus dedos de estalarem, não conseguia impedir seus lábios de se moverem, como se estivesse falando consigo mesmo. Checou o armário do corredor, mas estava trancado. Balançou a porta o mais forte que conseguiu, então girou o trinco e estendeu a mão para a corda que acendia a luz.

Algo caiu em suas pernas e ele pulou para trás, ganindo, e na sequência fez uma cara feia para uma caixa de sapatos vazia que havia tombado da prateleira mais alta.

Quando acendeu a luz, não viu nada, nem mesmo quando se espremeu lá dentro e empurrou para o lado tudo que conseguia mover, ou chutar, ou afastar com os quadris.

Will não estava lá.

Ele parou no meio do corredor, girando num pequeno círculo e sacudindo a cabeça para evitar os relâmpagos.

— Will, *onde* você tá?

No banheiro, uma torneira começou a pingar.

— *Will!*

A seguir, desceu, passando pela sala de estar, pela sala de jantar, pelo armário de casacos, pela despensa.

Atravessou o escritório correndo e ouviu Bernadette ainda falando sobre cadáveres na antiga Inglaterra.

Ele escancarou a porta da frente e saiu para a chuva, sem ligar para o quanto estava se molhando, só esperando ter algum vislumbre de Stacey voltando com o Will gordo a reboque. Correu ao redor da casa e gritou acima da tempestade para dentro dos arbustos, dentro da garagem, dentro da sebe que chicoteou seus braços e tirou sangue de seu rosto.

— Stacey! — mais um lamento do que um grito.

— Will! — mais implorando do que exigindo.

Não havia ninguém no barracão, ninguém no poço.

Voltou para dentro e se pôs junto à mesa.

— Bernie.

Ela suspirou, um relâmpago clareou e o abajur tremeluziu e apagou.

— Bernie, me responde!

Ele girou o braço e derrubou a tigela de pipoca. Chutou a perna mais próxima da mesa e virou os copos de refrigerante. Catou uma das barras de chocolate e atirou-a na lareira.

— Que droga, Bernie!

— Agora — disse ela — essa é uma das coisas às quais seu pai se opõe. Esse tipo de linguagem.

— Mas...

— E a não prestar atenção. Ele disse... todos disseram... que nenhum de vocês dá a menor atenção a eles. — Bernie virou a cabeça; ele conseguia vê-la se movendo, mas não conseguia ver os olhos dela. — Percebi isso na primeira vez em que estive aqui. E pude ver outra

coisa, algo um tanto triste, quando se para pra pensar um pouco.

Ele balançou a cabeça e sentiu a água se alastrando pela sala.

— Não dou a mínima pra eles, agora — ele disse, agarrando a mesa de jogos pelas beiradas e derrubando-a no chão. — Quero saber o que fez com Will e Stacey!

— Sabe, Jeremy, há pessoas que simplesmente não foram feitas para serem pais. Não têm as habilidades inatas ou o temperamento para isso. Não tarda para que descubram que crianças não são mascotes, são seres humanos de verdade, e isso é uma revelação e tanto, não acha? Que crianças são seres humanos?

Ele começou a chorar. Não conseguiu evitar. A frustração pela recusa dela a responder o deixou com tanta raiva que não conseguia conter as lágrimas ou o modo como suas pernas se enrijeceram quando ele chutou os destroços para o lado e se pôs a caminhar na direção dela.

— Você, é claro, não ajudou muito — ela disse numa leve reprimenda.

— Bernie, por favor!

— Então, seu pai achou alguém que me conhecia. E vim ajudá-los a superar o problema deles.



Ele parou.

Ele podia ouvir o suave sussurro do vestido de Bernie quando ela tomou impulso para longe da cadeira; podia ouvir o estertor úmido da respiração dela em sua garganta; podia ouvir o modo estranho como seus pés tocavam o carpete enquanto ela caminhava para encontrá-lo.

— Agora, você se lembra do que eu disse sobre a manteiga do pântano, Jeremy?

Ele respirou fundo, fechou os olhos e gritou:

— Não tô nem aí!

— Ah, mas devia estar, meu caro, devia estar.

Um relâmpago caiu. Ele ofegou.

— Eles pensaram, sabe, que aquilo era um curioso subprodutozinho da decomposição.

Ouviu-se um trovão e o abajur tremeluziu.

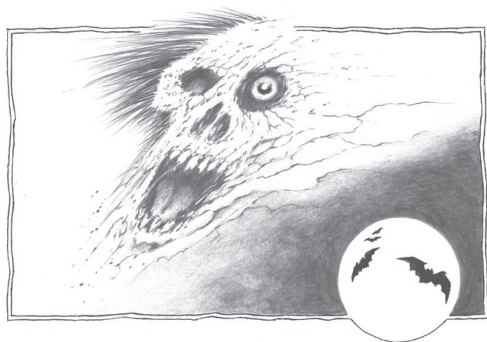
— Mas não é, sabe?

O abajur se estabilizou e ele a viu. Viu seu macio vestido de seda e seu macio cabelo de seda e a cintilante cera amarela que cobria seus macios braços de seda.

— É proteção, meu amor.

Ele recuou e gritou.

— Ela nos mantém vivos. Para podermos ajudar aqueles que precisam de nós. — Então, ela riu e chegou-se mais para perto. — Agora, está com medo do quê, Jeremy querido, meu amor? Por que não me conta para que eu possa lhe mostrar como é?







Agradecimentos

OBRIGADO ESPECIAL a Kim Lim, Sara Broecker, Chad Buffington (Writers House LLC), Linda Smith, Chuck Verrill, Yessenia Santos (Simon & Schuster, Inc.), Violeta Mitrova (Hodder and Stoughton), David Drake, Kathryn Ptacek, Mandy Slater e Jo Fletcher, por sua ajuda na compilação deste volume.

Introdução (Introduction), © Stephen Jones 2019.

Clique-Claque, o Saco de Chocalho (Click-clack the Rattlebag), © Neil Gaiman 2013. Originalmente publicado em *Impossible Monsters*. Reimpresso sob permissão do autor e do agente do autor.

Monstro de Fabricação Caseira (Homemade Monster), © R. Chetwynd-Hayes 1976. Originalmente publicado em *The 2nd Armada Monster Book*. Reimpresso sob permissão do espólio do autor.

A Dama de Lado (The Sideways Lady), © Lynda E. Rucker 2019. Original para esta antologia.

Aqui Há Tigres (Here There Be Tigers), © Stephen King 1968, 1985. Originalmente publicado em *Ubris*, primavera de 1968, e *Skeleton*

Crew. Reimpresso sob permissão da Scribner, uma divisão da Simon & Schuster, Inc. Todos os direitos reservados.

A Chaminé (The Chimney), © Ramsey Campbell 1977. Originalmente publicado em *Whispers: An Anthology of Fantasy and Horror*. Reimpresso sob permissão do autor. A pontuação e o estilo seguem o estilo de preferência do autor.

Escola para os Inomináveis (School for the Unspeakable), © Manly Wade Wellman 1937. Originalmente publicado em *Weird Tales*, setembro de 1937. Reimpresso sob permissão do espólio do autor.

O Sorriso da Vovó (Granny's Grinning), © Robert Shearman 2009. Originalmente publicado em *The Dead That Walk: Zombie Stories*. Reimpresso sob autorização do autor.

A Química dos Fantasma (The Chemistry of Ghosts), © Lisa Morton 2019. Original para esta antologia.

O Homem que Desenhava Gatos (The Man Who Drew Cats), © Michael Marshall Smith 1990. Originalmente publicado em *Dark Voices 2: The Pan Book of Horror*. Reimpresso sob permissão do autor.

Vocês Têm Medo do Escuro? (Are You Afraid of the Dark?), © Charles L. Grant 1984. Originalmente publicado em *Fantasycon IX Programme Booklet*. Reimpresso sob permissão do espólio do autor.

Favor observar que algumas destas histórias tiveram seu conteúdo editado.



Sobre o Editor

STEPHEN JONES mora em Londres, na Inglaterra. Ele já foi indicado ao prêmio Hugo e recebeu quatro prêmios World Fantasy, três International Horror Guild, cinco Bram Stoker, vinte e um British Fantasy, além de um prêmio pelo conjunto da obra da Horror Writers Association. Um dos escritores e editores de horror e fantasia sombria mais aclamados da Grã-Bretanha, sua carreira conta com mais de 160 obras, incluindo *The Art of Pulp Horror: An Illustrated History*; os guias dos filmes *Coraline* e *Stardust* (baseados na obra de Neil Gaiman); *The Illustrated Monster Movie Guide* e *The Hellraiser Chronicles*; os estudos de não ficção *Horror: 100 Best Books* e *Horror: Another 100 Best Books* (ambos com Kim Newman); as coletâneas de um único autor *Necronomicon* e *Eldritch Tales*, de H.P. Lovecraft; *The Complete Chronicles of Conan* e *Conan's Brethren*, de Robert E. Howard; e *Curious Warnings: The Great Ghost Stories of M.R. James*; além de antologias como *Horrorology: The Lexicon of Fear*, *Fearie Tales: Stories of the Grimm and Gruesome*; *A Book of Horrors*; *O Grande Livro dos Vampiros*; *The Lovecraft Squad*; e a série *Zombie Apocalypse!*; e mais 30 volumes de *Best New Horror*. Conheça mais sobre o autor e sua obra em sua página www.stephenjoneseditor.com e siga-o no Facebook em “Stephen Jones-Editor”.



Sobre o Ilustrador

RANDY BROECKER nasceu em uma década em que o horror era o rei dos quadrinhos — especialmente os títulos da EC Comics, como *Tales from the Crypt*. Graças ao seu irmão mais velho, ele também desenvolveu predileção por livros e filmes de terror e fantasia. Há mais de quarenta medonhos anos ele cria suas ilustrações soberbamente nauseantes e as fornece a várias publicações pútridas. Sua arte agraciou histórias de astros tais quais Ray Bradbury, Ramsey Campbell, Neil Gaiman e Tanith Lee, entre muitos, muitos outros. Embora associado primariamente ao gênero do horror (particularmente a todas as coisas lovecraftianas), ele também escreveu o livro *Fantasy of the 20th Century*, com ilustrações que compilou para a Collector's Press e que foi indicado ao World Fantasy Award. Também contribuiu com a arte de capas de discos e videogames. Randy mora em uma casa bem velha em Chicago, onde vive contente por desenhar monstros o dia todo.

PIPOCA &
NANQUIM

